



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**MARIA DEUSELENA DIAS DE SOUZA**

**DO TERREIRO DE CASA AO CHÃO DA ESCOLA: um caminho de práticas pedagógicas e práticas sociais construídas à luz da pedagogia da alternância. O CASO DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DOM FRAGOSO.**

**FORTALEZA/CE**

**2015**

MARIA DEUSELENA DIAS DE SOUZA

**DO TERREIRO DE CASA AO CHÃO DA ESCOLA: um caminho de práticas pedagógicas e práticas sociais construídas à luz da pedagogia da alternância. O CASO DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DOM FRAGOSO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola. EIXO: Educação de jovens e adultos, dinâmicas sociais no campo e na cidade e políticas públicas.

Orientador: Prof. PhD. José Ribamar Furtado de Souza

Fortaleza

2015

Dados Internacionais de Catalogação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

---

S714d Souza, Maria Deuselena Dias de.

Do terreiro de casa ao chão da escola: um caminho de práticas pedagógicas e práticas sociais construídas à luz da pedagogia da alternância: O caso da Escola Família Agrícola Dom Fragoso. - Fortaleza: UFC, 2015.

160f.

Dissertação (Mestrado) --- Universidade Federal do Ceará, 2015

1. Educação do Campo. 2. Pedagogia da Alternância. 3. Prática pedagógica. 4. Semiárido Cearense.

CDD 370.1934609

---

MARIA DEUSELENA DIAS DE SOUZA

DO TERREIRO DE CASA AO CHÃO DA ESCOLA: um caminho de práticas pedagógicas e práticas sociais construídas à luz da pedagogia da alternância. O CASO DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DOM FRAGOSO.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. LINHA DE PESQUISA: Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola. EIXO: Educação de jovens e adultos, dinâmicas sociais no campo e na cidade e políticas públicas.

Orientador: Prof. PhD. José Ribamar Furtado de Souza

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Professor PhD José Ribamar Furtado de Souza (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará - UFC

---

Professora Dra. Sandra Maria Gadelha de Carvalho  
Universidade Estadual do Ceará - UECE

---

Professora Dra. Celecina de Maria Veras Sales  
Universidade Federal do Ceará - UFC

À minha filha, Priscylla Dias, minha vida e meu amor;

Aos meus meninos: Manuel Carlos, João Carlos e Murilo;

Às minhas meninas: Isadora, Isabele, Mariana e Maria Antonia.

Com a esperança de que tomaremos muitos sorvetes no fim de tarde; contaremos histórias de riso e de poesia e que teremos mil e uma sextas-feiras e muito mais...

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo o que sou e o que tenho;

Aos meus pais (in memoriam), pelas nobres e doces lições a mim ensinadas.

A minha família, Adriana, Gressa, Alexandra, Gracinha e Luís Carlos, pela compreensão nas minhas ausências e por me inspirar o culto ao bom sentimento;

Ao Professor José Ribamar Furtado de Souza, meu orientador, pela generosidade, compreensão e respeito demonstrado a cada passo dado nestes estudos.

Às professoras Celecina de Maria Veras Sales e Sandra Maria Gadelha de Carvalho, pela colaboração ofertada no projeto que antecedeu estes estudos e pela participação na avaliação deste trabalho.

À minha família do Colégio Estadual Olegário Abreu Memória, que me ajudou a descobrir que a esperança precisa renascer todo dia, demonstrando apoio e incentivo aos meus estudos, permitindo silêncio para a escrita e brindes para cada avanço alcançado.

À Escola Família Agrícola Dom Fragoso, pelo acolhimento e presteza nas informações necessárias à composição do trabalho, especialmente ao Padre Géu, pela disponibilidade da conversa fraterna;

À Cáritas Diocesana de Crateús e ao Sindicato dos Trabalhadores/as Rurais de Nova Russas, em especial ao Jacó Camelo e Jorge Mesquita, pela generosidade na partilha do conhecimento;

A Maria do Carmo Carvalho Madureiro, pelas valiosas dicas no início desta pesquisa;

Aos amigos queridos Rômulo Soares e Chicute Marinho, pelo amparo nos momentos difíceis desta caminhada;

A Priscylla Dias, que tirou as vírgulas, acrescentou pontos e fez contrapontos para embelezamento e seriedade do texto;

A amiga Maria Engrácia, que com paciência e ternura me ensinou a encontrar coragem para caminhar dentro da pesquisa e da minha própria vida;

À professora Juraci Maia Cavalcante, que me fez descobrir que a pesquisa é um terreno fascinante onde as palavras andam em irmandade com o silêncio.

A todos os professores/as que encontrei nesta Casa e aos funcionários Ariadna Torres e Sérgio Ricardo, pelo trabalho primoroso que desenvolvem na Coordenação desta faculdade.

Ao Marcelo, pela paciência e pronto atendimento no serviço de xérox e a Gina, que faz do espaço da cantina um ambiente de acolhimento, de amizade e de paz.

E a Dom Fragoso (in memoriam), pelas lições que ficaram gravadas em minha memória, a me lembrar que “não se deve deixar morrer a fé que Jesus acendeu em nossa consciência”.

É preciso uma decisão consciente, muita mística, muita garra, para estabelecer uma Pedagogia de Direito, numa sociedade de conflitos, onde só na luta se espera com esperança. Paulo Freire

## RESUMO

O presente estudo busca investigar o projeto formativo desenvolvido na Escola Família Agrícola Dom Fragoso, localizada na comunidade de Santa Cruz, Independência, Ceará. As reflexões desse trabalho incidem em compreender o papel desse projeto na prática social de seus/suas alunos/as egressos/as que convivem no contexto do semiárido cearense. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que fez uso da estratégia de estudo de caso para aprofundamento dos conceitos abordados. Para alcance do objetivo proposto, a investigação põe como guia de orientação destes estudos o seguinte problema: Quais as contribuições do projeto formativo da Escola Agrícola Família Agrícola Dom Fragoso na prática social de seus/uas alunos/as egressos/as? Embasam as ideias deste trabalho os seguintes autores: CALDART(2005), ARROYO(2003), MATTOS(2011), FREIRE(2005), FREIRE(1983), GARCIA-MARRIRODRIGA (2010), MORIN(2003), PEREIRA(2010), FRAGOSO(2005), FURTADO(2004), CARVALHO(2006), BEGNAMI(2004), GIMONET(2007). Assim como o contexto das Leis de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (2010), os Marcos Normativos da Educação do Campo(2012) e a Proposta Pedagógica da Escola, dentre outros autores e documentos que tratam da Educação do Campo. Para confrontar as leituras, foram realizadas observações na Escola e nas comunidades onde residem os/as alunos/as egressos, entrevistas com alunos/as egressos e com profissionais da escola. Foram realizadas ainda entrevistas com uma ex-professora dos/as alunos/as entrevistados e com dois líderes comunitários que acompanham esses alunos/as ao longo de suas vidas. No decorrer da pesquisa, verificou-se que a escola reconstrói um olhar humanizador e consciente sobre o campo e sobre suas fragilidades econômicas e naturais. Para finalizar, pode-se asseverar que a prática social dos alunos e alunas é diferenciada, na medida em que há um desenvolvimento da consciência crítica desses, lhes permitindo uma leitura de mundo ampla capaz de subsidiar uma prática social de construção de um mundo melhor em seus diferentes espaços de vivência, promovendo, assim, a práxis educativa através da reflexão da vida e da escola.

**Palavras-chave:** Prática Pedagógica. Pedagogia da Alternância. Prática Social.



## ABSTRACT

This study investigates the formative project developed at the School Agricultural Family Dom Fragoso, located in the community of Santa Cruz , Independence, Ceará. The reflections of this work focus on understanding the role of this project in the social practice of its graduates students who live in the context of Ceará semiarid region. It is a qualitative study that used the case study strategy to deepen the concepts discussed. To reach the proposed objective and investigation will as a guide these studies the following problem: What are the contributions of the training project of Dom Fragoso Agricultural Family Farm School in social practice of its graduates students? The following authors form the base ideas for this study: CALDART (2005), ARROYO (2003), MATTOS (2011), FREIRE (2005), FREIRE (1983), GARCIA-MARRIRODRIGA (2010), MORIN (1999), PEREIRA (2010) , FRAGOSO (2005), FURTADO (2004), CARVALHO (2006), BEGNAMI (2004), GIMONET (2007). The context of National Curriculum Guidelines for Basic Education Laws (2010), the Normative Guides for Countryside Education (2012) and the School's Pedagogical Planning, among other authors and documents, deal with Rural Education. To confront the readings, the following tasks were performed: observations at school and communities where the former students live; interviews with former students, school professionals. Interviews were also performed with a former teacher of the interviewed students and two community leaders who accompany these students throughout their lives. During the search the school rebuilds a humanizing and conscious look at the field and it's economic and natural. Finally one can assert that the social practice of pupils is different , in that there is a development of critical awareness of these , allowing them a wide world of reading able to subsidize social practice of building a better world in its different spaces of experience , thus promoting the educational practice through reflection of life and school. Finally one can assert that the social practice of pupils is different, in that they seek to integrate union and solidarity in building a better world in its different spaces of experience, thus promoting the educational praxis through reflection of life and school.

**Keywords:** Pedagogical Practice. Alternance Pedagogy. Social Practice.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Matriz Curricular da EFA Dom Fragoso.....	153
Figura 2 – Informativo Mensal da EFA Dom Fragoso.....	155
Figura 3 – Mapa do Sertão dos Inhamuns /Ceará.....	160
Figura 4 – Espaço Cultural - EFA Dom Fragoso .....	161
Figura 5 – Refeitório - EFA Dom Fragoso .....	161
Figura 6 – Trabalho em grupo - EFA Dom Fragoso .....	162
Figura 7 – Entrada da Escola Família Agrícola Dom Fragoso .....	162

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – ENTREVISTADOS/AS: MEMBROS DA ESCOLA.....	77
Tabela 2 – ENTREVISTADOS/AS: ALUNOS/AS EGRESSOS .....	78
Tabela 3 – ENTREVISTADOS/AS: ALUNOS/AS EGRESSOS .....	79
Tabela 4 – ENTREVISTADOS: MEMBROS DA ESCOLA .....	125
Tabela 5 – ENTREVISTADOS: ALUNOS EGRESSOS .....	128
Tabela 6 – ENTREVISTADOS: ALUNOS EGRESSOS .....	130
Tabela 7 – QUADRO DE ENTREVISTAS: (ALUNOS/AS) .....	131
Tabela 8 – QUADRO DE ENTREVISTAS: (ALUNOS/AS).....	141
Tabela 9 – QUADRO DE ENTREVISTAS: (PROFESSORA E LÍDERES COMUNITÁRIOS) .....	144

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASA	Articulação no Semiárido Brasileiro
Arcafar	Associação das Casas Familiares dos Rurais do Sul
BNB	Banco do Nordeste do Brasil
CEB	Câmara de Educação Básica
Ceplar	Campanha de Educação Popular da Paraíba
CDC	Cáritas Diocesanas de Crateús
CFR	Casas Familiares Rurais
CEFFA	Centro Familiar de Formação por Alternância
CPCs	Centros Populares de Cultura
CPT	Comissão Pastoral da Terra
CHESF	Companhia Hidrelétrica do São Francisco
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
CNE	Conselho Nacional de Educação
DNOCS	Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
EMATERCE	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará
EFAs	Escolas Famílias Agrícolas
FETRAECE	Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura do Estado do Ceará
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
GTDN	Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste
IOCS	Inspetoria de Obras Contra as Secas
IFOCS	Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas
IDEF	Instituto de Desenvolvimento da Economia Familiar
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MEB	Movimento de Educação de Base
MFRs	Maison Familiare Rurale
MST	Movimento dos Sem Terra
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
ONGs	Organizações Não Governamentais
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PRONAF	Programa Nacional de Agricultura Familiar

Pronera	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
PDHC	Projeto Dom Helder Câmara
RESAB	Rede de Educação do Semiárido Brasileiro
SECAD	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
SEDUC	Secretaria de Educação do Estado do Ceará
DAS	Secretaria do Desenvolvimento Agrário
STTR	Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
UNE	União Nacional dos Estudantes
UNEFAB	União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil
UnB	Universidade de Brasília

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL.....</b>	<b>24</b>
<b>2.1</b>	<b>Práticas de trabalho inovadoras na Educação do Campo.....</b>	<b>33</b>
<b>3</b>	<b>A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO SEMIÁRIDO CEARENSE.....</b>	<b>37</b>
<b>3.1</b>	<b>O fenômeno da seca e suas dimensões .....</b>	<b>40</b>
<b>3.2</b>	<b>O papel das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) na construção de uma educação libertadora no Sertão de Crateús.....</b>	<b>48</b>
<b>4</b>	<b>O CENÁRIO DA PESQUISA E SEU PROJETO FORMATIVO .....</b>	<b>54</b>
<b>4.1</b>	<b>A Escola Família Agrícola Dom Fragoso, sua localização geográfica e histórica...</b>	<b>54</b>
<b>4.2</b>	<b>O projeto formativo da EFA Dom Fragoso .....</b>	<b>62</b>
<b>5</b>	<b>O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA .....</b>	<b>70</b>
<b>5.1</b>	<b>O método, as técnicas e os procedimentos da pesquisa .....</b>	<b>71</b>
<b>5.2</b>	<b>As falas dos sujeitos da pesquisa.....</b>	<b>77</b>
<b>6</b>	<b>A ESCOLA E A CASA COMO ESPAÇO FORMATIVO DA EFA.....</b>	<b>80</b>
<b>6.1</b>	<b>A Prática Pedagógica .....</b>	<b>80</b>
<b>6.2</b>	<b>A Pedagogia da Alternância .....</b>	<b>88</b>
<b>6.3</b>	<b>A Prática Social .....</b>	<b>94</b>
<b>7</b>	<b>UMA ESCOLA DO CAMPO: UM CAMPO DE FORMAÇÃO NA ESCOLA .....</b>	<b>100</b>
<b>7.1</b>	<b>O diálogo entre os sujeitos e as categorias conceituais da pesquisa .....</b>	<b>100</b>
<b>7.2</b>	<b>A importância do processo formativo da EFA para a convivência com o semiárido .....</b>	<b>102</b>
<b>7.3</b>	<b>Tempo de aprender fora do tempo da escola .....</b>	<b>106</b>
<b>7.4</b>	<b>As contribuições do Projeto Formativo da EFA Dom Fragoso na prática social de seus/as alunos/as egressos/as .....</b>	<b>109</b>
<b>8</b>	<b>RESPONDENDO À QUESTÃO CENTRAL: A CONCLUSÃO</b>	<b>113</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>117</b>
	<b>BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....</b>	<b>121</b>
	<b>APÊNDICE A- ROTEIRO DE ENTREVISTA - ALUNOS EGRESSOS ....</b>	<b>122</b>
	<b>APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA - MEMBROS DA ESCOLA .....</b>	<b>123</b>

<b>APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA - LÍDERES COMUNITÁRIO.....</b>	<b>124</b>
<b>APÊNDICE D – AGRUPAMENTO DAS FALAS DOS SUJEITOS EM TEMAS E CATEGORIAS DE ANÁLISE .....</b>	<b>125</b>
<b>APÊNDICE E - RESUMO DE TODAS AS ENTREVISTAS .....</b>	<b>131</b>
<b>ANEXO A - CURRÍCULO INSTITUCIONAL DA EFA DOM FRAGOSO</b>	<b>146</b>
<b>ANEXO B - FIGURA 1 - MATRIZ CURRICULAR DA EFA DOM FRAGOSO .....</b>	<b>153</b>
<b>ANEXO C - FIGURA 2 - INFORMATIVO MENSAL DA EFA DOM FRAGOSO .....</b>	<b>155</b>
<b>ANEXO D - HINO DA EFA DOM FRAGOSO .....</b>	<b>159</b>
<b>ANEXO E - FIGURA 3 - MAPA DO SERTÃO DOS INHAMUNS/CE .....</b>	<b>160</b>
<b>ANEXO F - FOTOS DA EFA DOM FRAGOSO .....</b>	<b>161</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O terreiro de casa é chão de estrelas para os pés que constroem caminhos que se afeiçoam e dão feição ao lugar. No entanto, "o mundo é grande" - como diria o poeta Carlos Drummond de Andrade -, e carece de outras pisadas para se fazer entender os mistérios da imensidão que vai formando o terreiro quando imbricado no espaço do mundo. O horizonte que convida para um conhecer mais detido do que o que ocorre nas "paragens" de toda uma vida é o chão da escola, pois é nele que são estudados, debatidos e redimensionados os conhecimentos que foram produzidos pela humanidade ao longo de sua existência.

O presente trabalho nasce com o intuito de abordar a relação dos saberes construídos na família com as práticas educativas desenvolvidas no campo, especialmente no campo da Região dos Sertões de Crateús/Inhamuns, cuja forma de ensino e aprendizagem é inspirada na abordagem de alternância. Desse modo, tem-se como pano de fundo destes estudos as experiências das atividades pedagógicas desenvolvidas na Escola Família Agrícola Dom Frágoso, procurando apreender, nessas experiências de trabalho, como são vivenciados os princípios de convivência no semiárido ao compor o conjunto do que se aprende pela teoria e o que se vivencia na prática social de seus/uas alunos/as egressos/as.

Para uma melhor compreensão da temática desenvolvida neste estudo, é observar a narrativa de alguns fatos de minha história de vida, momentos que inevitavelmente estão situados dialeticamente à formação humana, política e profissional que deram vazão à formação do objeto que dá corpo aos estudos, os quais primeiro inspiraram esta pesquisa.

Na década de 1980, iniciei minha atuação junto aos trabalhos na Diocese de Crateús/CE, que desde sua criação, no ano de 1964, vinha desenvolvendo um trabalho voltado para a valorização das pessoas pobres residentes no campo. Esse trabalho fundava-se, sobretudo, nos caminhos de formação pela fé e educação.

O envolvimento com os trabalhos nas comunidades rurais consolidou em mim um olhar de afeto por esta terra que guarda poesia e beleza sob o seu solo, que geme de dor a cada abandono de sua gente, que se transforma em festa frente à chegada das primeiras chuvas e que é a personificação da força e ternura de seu povo.

A participação nos encontros comunitários ajudou-me, desde muito cedo, a compreender que, para fazer algo por minha terra, primeiro seria preciso aprender a me ver como parte dela.



Estas experiências levaram-me à formação profissional, tornei-me professora, e nesta função renovo, dia após dia, as possibilidades de repensar minhas ações sobre este chão.

Ao ingressar na rede pública de ensino, passei a desenvolver atividades na Instituição em que vivi quase todos os meus anos de estudante. Para minha surpresa, notei que, como outrora, o seu corpo de alunos era, e continua sendo, constituído, quase que por completo, de alunos residentes no campo.

O que fez brotar a inquietação que move estes estudos e que impulsiona a investigação do tema em foco foi perceber que, a cada final do ano letivo, um número significativo de jovens abandona seus familiares, seus lares, a escola e os amigos, para irem “tentar a vida” nas grandes cidades. Esses jovens seguem perseguindo a chance do emprego temporário, momento em que há alto crescimento do mercado de consumo, em virtude das festividades de final de ano. Passado esse período, eles retornam às suas terras, mais desesperançados quanto à condição de melhoria de suas vidas. Nesse cenário, a educação deve ser assumida como mediadora das condições de permanência dos jovens em seus lugares, construindo neles as condições ideais para uma vida digna e feliz, para a qual a esperança seja a força mobilizadora da busca de uma condição ideal da existência humana (FREIRE, 2005), tendo por base a certeza de que, para dominar de forma competente o trabalho, seja ele nos seus lugares de origem ou não, é preciso ter domínio do conhecimento elaborado, construído de forma específica, no espaço escolar.

Neste sentido, compreendo que não há separação entre os fins que se esperam dos saberes escolares e o processo pelo qual se dá a sua apropriação. De acordo com Braga “vida e educação andam juntas - a experiência do viver reflexivo é a própria educação” (BRAGA, 2010 *apud* KUSTER; MATTOS 2010, p.31).

Surge, portanto, uma grande celeuma que se retrata por meio da dificuldade de encontrar formas de trabalho digno no lugar onde se vive, o que demandaria o conhecimento de novas propostas de práticas educativas surgidas no cenário regional e educacional, referenciadas por um projeto político-pedagógico capaz de subsidiar as políticas públicas de convivência com o semiárido.

Foi nesse contexto de busca pelo entendimento da ocorrência desse fenômeno migratório e de busca por encontrar alternativa para atenuar essas saídas, que tomei conhecimento da Pedagogia da Alternância, do meio social e histórico em que se deu seu nascimento na França e da forma como a teoria foi integrada aos estudos da Educação do Campo desenvolvido na Região semiárida dos Sertões de Crateús, local onde se realiza a presente pesquisa.

Em seu artigo 23, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96) propõe a educação em alternância regular de períodos de estudos sempre que o contexto em que ocorre o processo de ensino e aprendizagem assim o exigir, de forma que a promoção do ensino seja realizada sempre em parceria com a vivência familiar e comunitária do/a educando/a.

A Pedagogia da Alternância traz como proposta a incorporação do trabalho e da família no processo formativo do/a educando/a, implicando na construção de uma maior identificação do sujeito com o seu lugar, rompendo com a ideia, historicamente construída, de que é necessário sair de seu meio para conquistar melhores condições sociais de existência. Desta feita, a Pedagogia da Alternância trata de construir, com os sujeitos aprendizes, relações sociais, políticas e pedagógicas entre a escola, a comunidade, o trabalho e a vida, experiências através da prática educativa (GARCIA-MARIRRODRIGA, 2010).

Assim, o presente trabalho traz a prática educativa como elemento estruturante que dá corpo ao objeto destes estudos, o qual aponta o projeto formativo construído pelos/as jovens alunos/as egressos/as da Escola Família Agrícola Dom Fragoso à luz da Pedagogia da Alternância.

Nesse sentido, o trabalho busca constituir um enredo dialógico entre as variadas expressões dos entrevistados e as falas dos teóricos que lhes complementam, no intuito de alcançar a concretização de seu objetivo geral que é compreender o papel do projeto formativo desenvolvido pela Escola Família Agrícola Dom Fragoso, localizada no município de Independência, Ceará, na prática social de seus/uas alunos/as egressos/as que convivem no contexto do semiárido cearense.

De forma específica, o trabalho busca ainda: conhecer os referenciais teóricos metodológicos e os elementos didáticos que compõem a Pedagogia da Alternância no espaço escolar e em seu Projeto Político Pedagógico, identificar a efetivação das práticas de convivência construída pelos jovens egressos da Escola Família Agrícola Dom Fragoso em suas comunidades, conhecer o contexto histórico em que se deu o desenvolvimento da Educação do Campo no contexto do semiárido cearense.

Tendo por base a dimensão da formação humana da consciência de classe proposta por Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) e reconhecendo a fragilidade de formação dos jovens residentes na região do Sertão de Crateús, toma-se, como indagação fundamental deste trabalho, o seguinte questionamento: **Quais as contribuições do projeto formativo da Escola Família Agrícola Dom Fragoso na prática social de seus alunos/as egressos que convivem no contexto do semiárido cearense?** Agregam-se, a esta primeira indagação,

outras que sugerem complementação para a sua compreensão, como: **De que modo a Escola Família Dom Fragoso atua para as mudanças de hábitos de vivência e convivência de seus alunos/as egressos no semiárido? Quais os referenciais teóricos e metodológicos que direcionam o desenvolvimento do Projeto Político Pedagógico nesta escola?**

Na realização desse trabalho, fiz uso da abordagem qualitativa, pois, a partir dela, as ações foram mais bem observadas e compreendidas, na medida em que pude constatar como os/as alunos/as se relacionam com o meio em suas comunidades e de que forma concebem a sua participação no mundo. Para o levantamento dos dados da pesquisa, utilizei a entrevista semiestruturada e o questionário como principais instrumentos de coleta de dados, imergindo nos documentos existentes na escola para um melhor entendimento de sua forma de trabalho. Como recurso de registro, fiz uso de gravação das falas e de imagens, fotografando os diferentes momentos de atuação da pesquisa.

O trabalho da pesquisa se desenvolveu, em primeiro momento, na Escola Família Agrícola Dom Fragoso, onde me foi permitido o conhecimento do espaço físico da escola, de seus professores/as e alunos/as e do Projeto Político Pedagógico que norteia suas atividades educativas. A segunda etapa da pesquisa se deu nas comunidades onde residem os/as alunos/as egressos/as selecionados/as para composição das entrevistas, onde moram os assessores pedagógicos e administrativos da escola e ainda nas comunidades onde residem os líderes comunitários, colaboradores desta pesquisa.

Na tentativa de melhor compreender o amplo e complexo universo da educação dos jovens moradores de comunidades rurais, centrando-se nos princípios que norteiam a Educação Popular, bem como na abordagem da Pedagogia da Alternância, identificando, nos estudos teóricos de Freire (2005), Arroyo (2003), Kuster e Mattos (2004), Mattos (2011) e Garcia-Marirrodriaga (2010), elementos que podem viabilizar a compreensão sobre as contribuições da Pedagogia da Alternância para a construção de práticas educativas de convivência no e com o semiárido, mantendo diálogo com autores como Caldart (2009), Brandão (2002), Araújo (2011), entre outros. Assim, com apoio na teoria crítica e libertadora, selecionam-se como categorias conceituais: Práticas Pedagógicas; Pedagogia da Alternância e Prática Social.

Assim como a história de nascimento e formação das EFAs na França está ligada à necessidade de familiares residentes no campo ofertarem a seus/suas filhos/as uma educação diferenciada, a Escola Família Agrícola Dom Fragoso surgiu da necessidade de implantar uma escola onde os/as filhos/as dos/as agricultores/as pudessem habilitar-se para trabalhar na terra, buscando o desenvolvimento sustentável de sua comunidade, promovendo, assim, o

‘reencantamento’ pelo estudo e pelos sonhos de fazer de seus espaços de vivência um lugar melhor para se viver.

O trabalho político pedagógico da escola se fundamenta nos princípios da Pedagogia da Alternância, que se caracteriza por ser um projeto educativo que prioriza a experiência de vida do educando, articulando os saberes “de casa” com os saberes “da escola”. Por isso, utiliza-se uma didática específica em que o educador deve ter a concepção de que seu papel é acompanhar contínua e permanentemente o/a aluno/a, agindo como educador monitor que contribui como um parceiro na formação dos jovens e criando condições favoráveis para a sua aprendizagem (GIMONET, 2007).

Desse modo, a escolha de trabalhar com a Escola Família Agrícola Dom Fragoço se deu por esta escola ter sido a primeira no Estado do Ceará a desenvolver a Pedagogia da Alternância em suas atividades; por estar situada na região semiárida do Sertão de Crateús, região da qual faço parte; por ter, entre seus membros fundadores, pessoas com forte histórico na participação dos trabalhos de formação das Comunidades Eclesiais de Base e da Comissão Pastoral da Terra; e por ser uma experiência de contextualização da educação realizada no sertão, cujas dificuldades colocadas pelo clima vão se configurando em oportunidade de aprendizado de convivência no e com o semiárido.

A concepção de educação do campo definida pela Escola Família Agrícola Dom Fragoço está vinculada à luta dos diversos Movimentos Sociais e dos diferentes segmentos da população do campo pela transformação das condições sociais de existência humana no campo, que se manifesta em expressões contra a desigualdade social, a expulsão sutil dos jovens do meio de sua gente e de seu lugar, a exclusão violenta dos/as agricultores/as dos meios de produção, decorrentes do modelo de agricultura capitalista instituído na região ao longo de sua história, cuja degradação do meio ambiente e da dignidade humana é o centro de seu desenvolvimento.

A Prática Pedagógica da escola busca ainda a desconstrução da visão que compõe o imaginário coletivo acerca do semiárido, o qual é tomado como um espaço de natureza hostil e improdutiva, com um clima quente e raras chuvas, sendo capaz de agir com crueldade com as pessoas e com os bichos, asseverando ser a natureza a responsável pelas dificuldades e problemas de toda ordem de seus residentes. Assim, ao mesmo tempo em que a natureza castiga, é também ela castigada, perpetuando em seu meio um ciclo constante de degradação ambiental e de pobreza.

Os saberes escolares pensados para além da escola é o grande desafio da EFA Dom Fragoço, que pressupõe a transformação da visão que se tem do lugar para se pensar nas

potencialidades existentes nele para o seu desenvolvimento. O olhar reflexivo sobre o meio abre as possibilidades para um novo diálogo da sociedade com a natureza, resgatando os saberes tradicionais e tecendo um novo jeito de aprender a criar novos significados para o conhecimento elaborado na escola, que se articula com uma prática social que propicie o reconhecimento dos valores que podem alavancar a mudança no mundo interior de cada sujeito, promovendo, assim, a melhoria do espaço em que se vive.

Nesse cenário, o conhecimento ganha significados cada vez mais amplos à medida que vai sendo situado no contexto em que é produzido, alterando, desta forma, as representações constituídas por grupos alheios à vida no campo, colaborando para a construção de nova compreensão da natureza e do espaço camponês, corroborando com o pensamento freireano de que “os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2005, p.38).

A concepção pedagógica que preside a proposta da escola é de um processo dialógico, que ultrapassa a pura racionalidade construída sobre um possível consenso de sentidos e verdades. Ela surge da necessidade de orientar a educação para o contexto social e cultural, no qual estão situados os sujeitos do processo educativo, fazendo com que o/a educando/a “enxergue o mundo como potência e possibilidade, e entenda a realidade como constituição social mobilizada por valores, interesses e utopias” (GADOTTI, 2000, p. 89), o que inevitavelmente faz nascer a autonomia dos sujeitos sobre o seu destino e sobre o futuro de seu lugar.

Ao mencionar a autonomia, refiro-me a ampliação de oportunidade de capacidades e dos recursos intelectuais e materiais dos diferentes atores sociais envolvidos na criação e viabilização de seus modos de vida no semiárido cearense. Esses atores ocupam diferentes posições na condição de sujeitos nos processos de mudanças sociais. O fortalecimento de sua autonomia se expande na capacidade de ler, interpretar, ressignificar e transformar a realidade, mediante a apropriação de instrumentos que lhes possibilitem protagonizar a construção de suas histórias.

Nasce, desse ponto, a justificativa deste trabalho, pois se considera relevante o esforço de compreender esta nova realidade que se constitui como uma alternativa, não de oferta de trabalho para os jovens, mas para a construção do diálogo na perspectiva de ser uma exigência para a concretização do conhecimento numa concepção transformadora, para a qual a autonomia e a liberdade sejam possibilidades reais de integração da teoria com a prática, pois todo ato de conhecer é também um ato político, como esclarece Freire (1986, p.146)

[...] a educação é, simultaneamente, uma determinada teoria do conhecimento posta em prática, um ato político e um ato estético. Essas três dimensões estão sempre juntas – momentos simultâneos da teoria e da prática, da arte e da política, do ato de conhecer a um só tempo criando e recriando, enquanto forma os alunos que estão conhecendo.

Numa perspectiva transformadora, nasceu a ideia de convivência com o meio sugerindo a mudança na organização cultural de um lugar, nos valores que mediatizam as relações sociais entre as pessoas, essa proposta embasa o corpo das atividades pedagógicas da escola, tendo em vista que a consciência das ações desenvolvidas num lugar opera para suas mudanças (GIMONET, 2007). A necessidade de se repensar o semiárido pela sistematização dos saberes escolares se faz urgente, “pois não se transforma uma mentalidade sem um processo educativo consistente.” (MATTOS, 2011, p. 53).

Nessa perspectiva, o projeto educativo da escola situa-se como a base para a consolidação da proposta de convivência com o semiárido, do respeito pela cultura e formas de vida nele desenvolvida e para a construção da emancipação de jovens moradores de comunidades camponesas (PPP EFA Dom Frago).

Espera-se, através destes estudos, que educadores/as desta região possam encontrar caminhos para a construção de uma visão cada vez mais ampliada sobre a educação voltada para o campo. Que ele seja mote inspirador para a formação de práticas pedagógicas de convivência com o semiárido em diferentes espaços de estudo, para que se possa subsidiar a criação de possibilidades de permanência dos jovens em seus lugares de origem, se esta for a sua escolha, e ainda possa contribuir para a criação e expansão de políticas públicas que possam estar articuladas com o desenvolvimento das potencialidades do semiárido cearense, fazendo emergir novas formas de interação com o meio cultural, econômico e social.

O corpo do trabalho está composto por seis capítulos, os quais procuram proporcionar os melhores caminhos para entendimento do que se propõe neste estudo.

Assim, no primeiro capítulo, é feita uma incursão na história de formação da Educação do Campo no Brasil. Faço, então, uma descrição das concepções pedagógicas que a presidiram no espaço histórico que vai do período colonial ao século XXI. Coloco em relevo o significado dos Movimentos Sociais do Campo para a construção de uma educação que contemple em suas ações a valorização do campo e das descobertas das potencialidades da terra e de quem nela reside. Procuo realizar uma discussão das diversas iniciativas de políticas públicas elaboradas ao longo dos anos, no sentido de viabilizar a construção de uma educação emancipatória para os sujeitos do campo.

No segundo capítulo, apresento o semiárido, reconstruindo sua história numa perspectiva geográfica e social, demonstrando, com base nos dispositivos legais, como o fenômeno das secas tem-se caracterizado um elemento estruturante para o seu lento e tardio desenvolvimento, para, no momento posterior, apresentar a proposta de convivência como uma alternativa de se construir uma visão mais crítica e transformadora das condições de existência neste local.

Ainda neste capítulo, evidencio o papel desempenhado pelas Comunidades Eclesiais de Base no processo Educacional da Região do Sertão de Crateús, espaço geográfico em que está situada a Escola pesquisada.

No terceiro capítulo, apresento o cenário geral do universo da pesquisa, situando-o no espaço geográfico e histórico em que se deu sua implantação. Exponho ainda os critérios adotados para seleção de seus/uas alunos/as e a dinâmica de funcionamento da rotina de suas atividades pedagógicas e de formação socioprofissional.

No quarto capítulo, apresento os passos que me levaram as primeiras aproximações com o espaço pesquisado, elaboro uma demonstração dos caminhos metodológicos percorridos ao longo de toda a pesquisa. Traço as fases do processo de investigação e explico os meios utilizados na análise e interpretação dos dados coletados.

No quinto capítulo, proponho uma reflexão sobre o espaço de casa e da escola como lugar de desenvolvimento do projeto formativo da EFA, fazendo um percurso da trajetória histórica da Pedagogia da Alternância. Assim, procuro tecer algumas reflexões da Prática Pedagógica na EFA Dom Frágoso, que tem como método a Pedagogia da Alternância, que norteia e direciona as suas ações, findando com a discussão das Práticas Sociais que dela descendem.

No sexto capítulo, faço uma análise da forma de desenvolvimento do projeto formativo da Escola Família Agrícola Dom Frágoso, observando o modo como o conceito de convivência é incorporado no seu Projeto Político Pedagógico e nas atividades cotidianas da sala de aula, das Unidades produtivas e nas comunidades em que residem os/as seus/uas alunos/as. Nesse trajeto, busco entender o significado da Pedagogia da Alternância enquanto método de desenvolvimento de sua prática pedagógica e procuro evidenciar na Prática Social de seus/uas alunos/as egressos/as a consolidação dos ideais de seu projeto formativo à luz das vozes dos sujeitos que constituem o diálogo da pesquisa.

É importante destacar aqui que a análise é referendada nas falas dos profissionais e alunos/as egressos/as entrevistados em consonância com os discursos dos autores que fundamentam a pesquisa.

Ao final, teço algumas considerações sobre o trabalho à guisa de sua conclusão, momento em que se torna clara a consciência crítica dos/as alunos/as que se vem construindo a partir das experiências vivenciadas ao longo do projeto formativo da EFA Dom Fragoso.



## 2 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL

A educação no Brasil, até o início do século XX, estava voltada para atender à formação de uma minoria privilegiada, pertencente à classe média alta desse período. Aqueles que pertenciam às classes menos favorecidas eram alijados da educação, tendo como destino a aprendizagem do ofício dos pais que se dava basicamente pelo trabalho (ARANHA, 2006). A discussão acerca da educação destinada ao povo constituir-se como elemento importante para o desenvolvimento do País só ganha contornos de forma superficial entre os intelectuais a partir do século XIX, sem que eles tivessem a oportunidade de concretizar seus ideais de educação popular, os quais só vieram a ser exercidos por meio de uma política de educação promovida pelo Estado nas primeiras décadas do século XX (PAIVA, 1973).

Do ponto de vista normativo, todas as Constituições do Estado brasileiro contemplam a educação escolar, no entanto, não era feita nenhuma alusão à educação popular, isto é, aquela destinada a atender os grupos menos favorecidos economicamente, merecendo destaque as camadas moradoras da zona rural. Embora o Brasil seja considerado um país de origem essencialmente agrária, a educação rural não foi sequer mencionada nos textos constitucionais de 1824 e 1891, evidenciando-se, assim, o descaso dos dirigentes com a educação do campo e as características que revelam a forma de organização autoritária e desigual que substanciou os rumos da história deste país, deixando à mostra os vestígios culturais de uma sociedade que tem sua economia pautada no latifúndio e no trabalho escravo.

Nesse aspecto, não se pode deixar de mencionar que o ensino desenvolvido durante o período colonial baseava-se nos princípios da Contra-Reforma (PAIVA, 1973) e era completamente desvinculado da vida do modelo de sociedade nascente. Esse jeito de educar que excluía os negros, as mulheres e os agregados e que atendia aos interesses da metrópole sobreviveu no Brasil até mesmo depois da expulsão dos Jesuítas em 1759, cuja perspectiva de ensino se voltava apenas para as humanidades e as letras, conforme se vê expresso no art. 179, incisos XXXII e XXXIII da primeira constituição brasileira:

XXXII – A instrução primária é gratuita a todos os cidadãos.

XXXIII – Colégios e Universidades, aonde serão ensinados os elementos das Ciências, Bellas Letras e Artes. (Constituição de 1824)

A Carta de 1891 estabeleceu a laicidade e a liberdade do ensino nas escolas públicas, no entanto, silencia ao tratar sobre a educação rural.

Nesse cenário, a necessidade de uma formação escolar que se vai constituindo é predominantemente advinda das classes mais favorecidas, denominadas de classe média, que

começam a identificar na educação escolar um fator de ascensão social e de ingresso nas atividades de trabalho do embrionário processo de industrialização. Para a população residente no campo, a perspectiva era outra, pois as ausências de uma consciência a respeito do valor da educação no processo de constituição da cidadania somado às técnicas arcaicas do cultivo da terra, que não exigia nenhuma preparação escolar, colaboraram de forma significativa para a inexistência de uma proposta de educação escolar voltada para os interesses dos camponeses (PAIVA, 1973).

De fato, os primeiros indícios do surgimento da educação rural no ordenamento jurídico brasileiro remetem às primeiras décadas do século XX, trazendo à tona, no período, o intenso debate que se formava no meio social acerca da importância da educação para inibir o movimento migratório e aumentar a produtividade no campo, como esclarece Mattos (2011, p. 27):

O período pós-1910 é o momento em que a educação rural passa a figurar entre as questões educacionais pautadas na agenda nacional, mais especificamente entre os defensores da ordem social. É um momento em que o problema da migração do campo para a cidade passa a ser vivido como uma ameaça permanente aos grupos dominantes. A preocupação em conter o fluxo migratório e, ao mesmo tempo, elevar a produtividade no campo, era um imperativo.

A educação passa a figurar neste momento como instrumento para fixar o homem no campo, já que a desordem social promovida pelas manifestações dos moradores urbanos contra o desemprego e aumento dos bens de consumo aliado à saída dos moradores do campo, exigia uma medida que pudesse constituir-se como elemento base do enfrentamento desta questão social. Sobre a educação, repousava a esperança de conter os desafios impostos por tal desordem, fazendo por meio dela a criação de alianças entre grupos de interesses opostos, como o setor agrário e o setor industrial. A partir desse momento, procurou-se afinar a relação entre a educação e as condições de vida da população, como afirma Paiva (1973, p. 127):

Na verdade, a Aliança Liberal fora o primeiro agrupamento político a incluir a resolução “questão social” como uma das suas metas. Tomado o poder, o aspecto educacional desta “questão” dará origem a duas frentes de luta: a educação rural, para conter a migração na sua fonte, e a educação técnico-profissional nas cidades, a fim de qualificar o trabalhador e evitar o “descontentamento social”.

A preocupação das diferentes forças econômicas, sociais e políticas com as crescentes alterações constatadas no fluxo migratório da população foram claramente registradas nos anais dos Seminários e Congressos Rurais realizados naquele período.

Em 1923, ano em que se realizava o I Congresso de Agricultura do Nordeste Brasileiro, é feito o registro da importância dos Patronatos na pauta das questões agrícolas que deveriam ser minuciosamente estudadas.

Tais instituições, de acordo com os congressistas, “seriam destinadas aos menores pobres das regiões rurais e pasmem, aos do mundo urbano, desde que revelassem pendor para a agricultura.” (SOARES, 2002, p. 10). Seus objetivos estavam voltados para a garantia de uma valorosa contribuição agrícola às regiões camponesas, promovendo, simultaneamente, a transformação de “crianças indigentes em cidadãos prestimosos.” (SOARES, 2002, p. 11).

A perspectiva detentora dos patronatos atendia às expectativas das elites sociais ao manter o controle sobre os trabalhadores. Seria evitada assim a desordem nas áreas urbanas e a baixa produção nas áreas rurais. Sobre isso, Soares (2002, p. 16) esclarece:

De fato, a tarefa educativa destas instituições unia interesses nem sempre aliados, particularmente os setores agrário e industrial, na tarefa educativa de salvar e regenerar os trabalhadores, eliminando, à luz do modelo de cidadão sintonizado com a manutenção da ordem vigente, os vícios que poluíam suas almas. Esse entendimento, como se vê, associava educação e trabalho, e encarava este como purificação e disciplina, superando a ideia original que o considerava uma atividade degradante.

A Constituição de 1934 traz impressa em suas páginas a marca das ideias do Movimento Renovador, que culminou com o Manifesto dos Pioneiros, cujas expectativas se voltavam para os impactos de uma nova relação de forças entre os diferentes grupos sociais, formulando diferentes proposições fundadas no estudo da situação educacional brasileira, dando ênfase aos interesses dos estudantes e elevando a discussão sobre as relações entre as instituições de ensino e a sociedade.

É importante destacar aqui as inovações do texto constitucional de 1934 em relação àqueles que o antecederam. É nele definida a concepção de Estado Educador e se atribui às três esferas do poder público a responsabilidade com a garantia e o direito à educação. Nele se prevê ainda o:

Plano Nacional de Educação, a organização do ensino em sistemas, bem como a instituição dos Conselhos de Educação que, em todos os níveis, recebem incumbências relacionadas à assessoria dos governos, à elaboração do plano de educação e a distribuição de fundos especiais. (BRASIL, 1934, p. 118)

Em relação à responsabilidade para a efetivação da educação escolar do campo, esta fica a cargo do poder público, como explicita o parágrafo único da Constituição: “Para realização do ensino nas zonas rurais, a União reservará, no mínimo, vinte por cento das cotas destinadas à educação no respectivo orçamento anual.” (BRASIL, 1934, p.118).

Pode-se notar que a educação rural, a partir desse período, embora tenha sido colocada “no âmbito de um federalismo frágil” (SOARES, 2002, p.12), começa a expressar seus primeiros acenos para a participação nos direitos sociais no contexto social brasileiro.

Alguns estudiosos da lei a interpretam em diferentes pontos de vista em que pese à afirmação deste dispositivo ser apenas um esforço de interiorizar o ensino, ou constituir-se como estratégia para manter sob controle os conflitos decorrentes do processo de organização daquele momento.

O certo é que foi neste período que começou a se pensar, de forma sistemática, num processo de formação para os sujeitos do meio rural.

O gosto pelo ruralismo da educação se expande e torna-se imprescindível a participação do governo em favor de sua mobilização. Desse modo, são criadas Associações destinadas a promover o desenvolvimento do campo, sem contar a dimensão que as ideias do ruralismo pedagógico ganham com a difusão das suas missões rurais<sup>1</sup>. A partir de então, são criados cursos para o magistério rural. No ano de 1935, é realizado o I Congresso Nacional do Ensino Regional, no qual surgiu a ideia de fundação das escolas normais rurais do país.

Com o acelerado desenvolvimento industrial do País, é decretada, em 10 de dezembro de 1937, a Constituição que contempla a educação profissional no contexto da indústria nascente. Esta modalidade de ensino, destinada às classes menos favorecidas, é instituída como dever do Estado, o qual deverá fundar institutos de ensino profissional e de subsidiar os de iniciativa privada. Esse modelo de ensino veio legitimar as desigualdades sociais no campo do ensino e não se fez acompanhar de proposições para o ensino da agricultura. É, contudo, nesse contexto que surgem uma infinidade de programas e projetos de educação.

De modo geral, pode-se dizer que a educação rural passa a ser elemento importante no desenvolvimento nacional a partir de 1950, momento em que há uma revolução na história econômica do país, levando em conta os novos saberes que iam sendo implementados mediante os diferentes movimentos que surgiram em vários lugares do Brasil. Dentre eles, coloco em destaque o Movimento de Educação Popular (MEP), que tinha Paulo Freire como articulador direto; o Movimento de Educação de Base (MEB); os Centros Populares de Cultura (CPCs) da União dos Estudantes (UNE); e a Campanha de Educação Popular da Paraíba (Ceplar).

---

<sup>1</sup> As missões foram movimentos de caráter técnico que queriam resolver os problemas rurais brasileiros. A primeira experiência de Missão Rural ocorreu somente em 1950, no município de Itaperuna, no Rio de Janeiro.

Esses movimentos tiveram forte impacto sobre a forma de educar as massas, no entanto, tiveram breve atuação, pois suas ideias foram suprimidas pelo golpe militar de 1964 (ARANHA, 2006).

A Constituição de 1967 torna obrigatória às empresas industriais e agrícolas a oferta do ensino primário gratuito aos seus empregados e familiares. Entretanto, essa obrigatoriedade era restrita aos filhos de trabalhadores em idade de sete a quatorze anos, deixando de fora as crianças e adolescentes que não se enquadravam nesta faixa etária.

A partir da Lei 5692/71, foi aprofundado o vínculo entre a educação e o desenvolvimento, passando a colocar, no centro dos interesses educacionais, o ensino técnico profissionalizante, que, ao entender o setor moderno da agricultura, atribuiu-lhe o objetivo de preparar o ambiente para a nova divisão social do trabalho.

Foi a necessidade da qualificação da força de trabalho que fez surgir mais uma vez o debate sobre o analfabetismo (CARVALHO, 2006), momento em que se fez nascerem novos projetos especiais, o Edurural e o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), que se estenderam até 1980.

A partir de 1984, a estrutura social brasileira apresentava um cenário diferente. Chega o fim da Ditadura Militar e constata-se, segundo Carvalho (2006), que as tentativas educacionais desenvolvidas nas zonas rurais para conter o êxodo não são bem sucedidas.

Num complexo e difuso panorama de liberdade política, é promulgada a Constituição de 1988, sendo um marco referencial do processo de redemocratização do país. Esta coloca “a educação como um direito de todos e dever do estado” (BRASIL, 1988, p.12), fazendo dela um direito público subjetivo, independente da área onde residem os sujeitos educandos. Seus princípios e preceitos estendem-se a todos os níveis e modalidades de ensino ministrados em qualquer lugar do país.

Mesmo a Carta não fazendo nenhuma menção ao ensino rural (SOARES, 2002), entende-se que ela deu margem para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e para as Constituições Estaduais informarem “o tratamento da educação rural no âmbito do direito à igualdade e do respeito às diferenças.” (SOARES. 2002, p.18).

A Lei 9394/96, em vigor até os dias atuais, define as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), apresentando em seu Artigo 1º uma visão ampla e geral da educação:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, LEI 9394/96)

No contexto geral da Lei, a educação rural é tratada no capítulo II, artigo 28 e estabelece que:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III - adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Parágrafo único. O fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas será precedido de manifestação do órgão normativo do respectivo sistema de ensino, que considerará a justificativa apresentada pela Secretaria de Educação, a análise do diagnóstico do impacto da ação e a manifestação da comunidade escolar. (BRASIL, LEI 9394/96)

A Educação escolar para o meio rural sempre esteve ocupando um espaço periférico nas discussões legais. Ela ganha corpo e respeito social somente na década de 1980 com as reivindicações dos movimentos sociais do campo. O meio rural não se constituía como prioridade nas políticas públicas e sociais e ainda são muitos os desafios que se enfrentam para romper com a visão conservadora das políticas compensatórias adotadas em momentos emergenciais. Sobre isso, Furtado (2004) coloca que a ausência de uma política pública específica para a educação do campo é um dos fatos que inibem o seu desenvolvimento.

A educação do campo só passou a ser compreendida numa perspectiva de reconhecimento de uma classe que precisa formar-se para superação de seus problemas a partir do surgimento das lutas dos movimentos sociais contra a desigualdade social, a má qualidade de vida e o tratamento excludente dispensado aos agricultores e agricultoras, em decorrência da implantação do modelo de agricultura capitalista e de degradação da terra e de seus recursos hídricos e vegetais. Nesse sentido, Furtado (2004, p. 68) salienta que

foi a luta dos movimentos sociais do campo, em particular as lutas travadas pelo Movimento dos Sem Terra (MST), para o reconhecimento da problemática da Reforma Agrária e da educação de seus militantes, que contribuiu fortemente para trazer à tona preocupações, interesses e até novas políticas que, embora ainda tenha o caráter compensatório, abriram para a participação dos movimentos sociais e colocaram a educação do campo na ordem do dia.

Com a ascensão dos movimentos sociais de luta pela terra e pelo direito de preservar os recursos nela existentes, o meio rural passa por grandes transformações, fazendo surgir novas formas de sociabilidade e jeitos cada vez mais diferentes das pessoas se relacionarem entre si e com o seu meio.

Desse modo, o campo não pode mais ser entendido sob uma visão homogeneizadora, pois há uma diversidade de maneiras de viver no campo. Essas mudanças criaram o que Carneiro (2002) veio a denominar de “novo rural”. Essa visão de “novo” contrapunha-se àquela que toma o espaço rural somente como espaço oposto ao urbano ou somente como espaço destinado à produção agrícola.

Essas novas relações remetem à extinção da ideia de que o meio rural é um lugar atrasado e que deve ser superado, há uma ressignificação da visão do meio rural que surge associado à noção de natureza. Segundo Moreira (2005), essas rupturas de pensamento arcaico para uma nova visão aproximaram as noções de rural com tudo o que lhe forma, assim, é levada em conta uma relação respeitosa com a natureza, o solo, a terra, as estações e o clima, com a vegetação e os animais, construindo uma nova espiritualidade e sensibilidade rurais, a partir do que existe nos diferentes espaços rurais do país.

É nesse contexto que surgem novas reflexões sobre como encontrar “novos caminhos que conduzem a novas perguntas que, por sua vez sugerem a elaboração de novos planos para a busca de outros cenários para a agricultura familiar.” (BEGNAMI, 2004, p. 110). Diante das inúmeras contradições geradas no processo de globalização do país e da assimetria do poder político, o que fazer para conviver com a incompletude da modernidade, com uma política de incentivo à ampliação do mercado financeiro privado? Como construir uma nova base conceitual sobre o campo e a educação do campo, de modo que possa ser garantida a permanência das pessoas nesse local? Essas são apenas algumas indagações que começam a movimentar o pensamento e as ações voltadas ao meio rural, assinalando um jeito de pensar um processo formativo que leve em conta as necessidades do povo que trabalha e vive no campo.

Nessa perspectiva, diferentes momentos foram realizados com o objetivo de se pensar em formas de vida cada vez melhores no campo. Assim, no período de 27 a 31 de julho de 1988, foi realizada a I Conferência Nacional da Educação Básica do Campo, com 974 participantes de todos os estados brasileiros (MATTOS, 2011, p. 52). A Conferência colocava em cena a discussão de que o campo, sendo um espaço de dignidade para seus habitantes, deve ter em seu contexto projetos educativos que apontem nessa direção. Sobre isso, Mattos (2011, p. 53) coloca que:

Nessa conferência, reafirmou-se que o campo é um espaço de vida digno e que a luta por políticas públicas específicas e por um projeto educativo específico e próprio para os seus sujeitos, além de ser legítima é, também, um direito constitucional, ou seja, a expressão “campo” é utilizada para definir um espaço que possui vida em si,

que tem necessidades próprias e que quer ser reconhecido por aquilo que lhe é próprio e não pelo que sobra das cidades.

A conclusão da conferência foi a abertura das inúmeras possibilidades de construir um projeto popular de desenvolvimento do campo, apresentando ao final as seguintes ações:

a) vincular as práticas de Educação Básica do Campo com o processo de construção de um projeto Popular de Desenvolvimento Popular; b) propor e viver novos valores culturais; c) defender a universalização da educação básica do campo; d) garantir para que todos tenham acesso à alfabetização; e) formação de educadores e educadoras do campo; f) produzir uma Proposta de Educação Básica do Campo; e g) envolver as comunidades neste processo.

Concomitantemente às discussões realizadas nos encontros de debate para a consolidação das prerrogativas instituídas na Conferência, ia se constituindo a Articulação Nacional por uma Educação do Campo, composta por representantes da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) (MATTOS, 2011, p. 53). Do mesmo modo, organizavam-se, com o mesmo propósito, as secretarias estaduais e municipais de educação, representantes de universidades, movimentos rurais, sindicatos, Organizações Não Governamentais (ONGs) e Comissão Pastoral da Terra (CPT).

Assim, pode-se compreender que todas essas mobilizações em torno dessa discussão teve como resultado a instituição das Diretrizes Operacionais por uma Educação do Campo, resolução nº 01 do Conselho Nacional de Educação (CNE)/Câmara de Educação Básica (CEB) do Ministério da Educação, em 03 de abril de 2002.

Outro marco importante ocorrido no ano de 2002 foi o Seminário Nacional por uma Educação do Campo, realizado na Universidade de Brasília (UnB), que contou com a presença de 375 participantes de diferentes estados. Havia na ocasião representantes de secretarias municipais e estaduais da educação, de Organizações Não Governamentais (ONGs), das pastorais e das universidades. O documento final do Seminário reafirma as propostas feitas na I Conferência e ainda acrescenta, segundo Carvalho (2006, p.30):

Ampliação da oferta até o nível superior, suprimindo-se a designação básica para a educação requerida; confirmação das matrizes teóricas da educação popular e da pedagogia do oprimido para o trabalho pedagógico, firmando a relação da educação com a cultura, o trabalho e a participação social; garantia de políticas públicas, espaço público para a oferta educacional; comprometimento com a efetivação da LDB e das Diretrizes Operacionais recém-aprovadas.



No ano de 2004, foi criada a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), que exigia em sua estrutura a presença da Coordenação Geral de Educação do Campo, cuja responsabilidade estava em coordenar as discussões e o processo de elaboração da Política Nacional de Educação do Campo. À Coordenação caberia o papel de mediar um diálogo entre a educação do campo e as políticas públicas, levando em conta as contribuições da sociedade e os desafios por ela imposta.

No Ceará, a ação dos movimentos sociais no campo teve historicamente o objetivo de lutar por seus direitos (PEREIRA, 1992). As dificuldades enfrentadas pelos moradores do campo, agravadas pelas más condições sociais e econômicas, trouxeram para o interior das lutas camponesas a possibilidade de organização social baseada na consciência política e na busca pela construção de melhores condições de vida.

Assim, foram realizados vários seminários com o objetivo de deflagrar ações conjuntas em torno da elaboração de políticas públicas de Educação do Campo.

Nos momentos de realização dos seminários, foram constituídos Comitês Estaduais do Campo que passaram a atuar em parceria com o MEC, subsidiando a implantação da Educação do Campo nos municípios (MATTOS, 2011).

O primeiro seminário ocorreu em setembro de 2004. A partir deste, foi instituído o Comitê Estadual, formado por instituições governamentais, não-governamentais e Universidades presentes no evento. Em 2006, foi realizado o II seminário e “em dezembro desse mesmo ano, o Comitê realizou a I Oficina de Formação de Educação do Estado” (MATTOS, 2011, p. 57).

Desse modo, desde 2004, a SECAD/MEC vem apresentando programas e projetos que possam viabilizar a melhoria de funcionamento das escolas do campo. As atividades desenvolvidas por esta secretaria estão voltadas, segundo Henriques (2007 *apud* MATTOS, 2011, p. 57):

a) À melhoria da infra-estrutura física e de equipamentos das escolas de campo; b) à formação continuada de professores, técnicos e gestores que atuam no Governo Federal, nos estados e nos municípios, bem como nas instituições de educação ligadas aos movimentos sociais; c) à complementação e revisão das normas legais em vigor que dizem respeito à Educação do Campo; d) ao fomento, à pesquisa e à produção acadêmica sobre a temática nas universidades brasileiras.

Os diversos programas ou projetos desenvolvidos em todo o país a partir das orientações da SECAD colocam em foco a necessidade de redimensionar cada vez mais o sentido que a educação tem para os povos do campo, explicitando em seu percurso o desafio

do seu trabalho com a educação numa perspectiva intercultural<sup>2</sup>, que possa proporcionar um olhar de respeito e aceitação dos pontos de vista que integram a complexa e ampla rede escolar.

Há, nesse contexto, uma intenção dos que fazem a educação do campo de educar e reeducar o povo que vive no campo, começando pela reeducação do que se tem por dentro, valorizando a sabedoria de quem lida com a terra e com a vegetação que ensina lições de simplicidade e resistência na generosidade de servir ao outro.

A educação do campo deve incentivar o cuidado com o conjunto da natureza e que a preocupação com a natureza e o ambiente vem a ser outra marca distintiva da educação do campo que vê a educação ambiental como parte da experiência de vida. (XAVIER, 2011, p. 31).

## **2.1 Práticas de trabalho inovadoras na Educação do Campo**

A trajetória histórica da educação do campo teve seu nascimento na luta pelo reconhecimento do espaço camponês receber um tratamento específico que respondesse as suas necessidades econômicas, culturais e sociais. Teve sua história, então, marcada por conflitos, desafios e conquistas que desembocam agora na contextualização dos elementos da natureza com os aspectos sociais e econômicos com vistas a uma atuação consciente sobre este espaço. Para exemplificar as iniciativas que coadunam com estes objetivos, far-se-á uma breve demonstração de algumas práticas políticas inovadoras que foram sendo gestadas nos movimentos sociais e tiveram sua implantação em diferentes espaços e tempos sociais.

Coloco em relevo o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera), este teve seu nascimento no I Encontro Nacional de Educação da Reforma Agrária ocorrido em 1997, com o objetivo de fortalecer a educação nos assentamentos de Reforma Agrária, se valendo de projetos e metodologias que contemplassem a escolarização dos assentados pelas vias do respeito às especificidades do campo e o desenvolvimento rural sustentável.

São objetivos específicos do Pronera, segundo Mattos (2011, p.57), as seguintes iniciativas:

Alfabetizar e oferecer formação e educação fundamental a jovens e adultos nos projetos de assentamentos da reforma agrária; desenvolver a escolarização e formação de monitores para atuar na promoção da educação nos assentamentos; oferecer formação continuada e escolarização média e superior aos educadores de

---

<sup>2</sup> Interculturalidade coloca questões fundamentais relacionada a capacidade de um sistema social integrar de forma autêntica as diversidades que compõem o espaço escola.

jovens e adultos (EJA) e do ensino fundamental nos projetos de assentamento da reforma agrária; oferecer aos assentados escolarização e formação técnico-profissional e produzir materiais didáticos pedagógicos necessários à consecução dos objetivos do programa.

Ao fazer uma avaliação do *Pronera*, Furtado (2004) considera-o de forma positiva, já que ele promoveu uma aproximação dos conhecimentos acadêmicos com a realidade do campo, abrindo as oportunidades para a realização de pesquisa em nível de mestrado, doutorado e pós-doutorado para estudantes e professores.

Contudo, Furtado (2004) considera ser importante a realização de uma avaliação externa, sistemática e quantitativa, que possa proporcionar dados precisos para que este programa possa ser consolidado e até vir a transformar-se numa política pública.

Outras iniciativas de trabalho no campo ocorreram com a criação das Casas Familiares Rurais (CFR), cuja implantação se deu no ano de 1980, sob a inspiração das experiências francesas. Começaram suas experiências no Nordeste do Brasil, mas vieram a se expandir na região Sul. O seu crescimento se deu de forma tão intensa que aos poucos foi surgindo a necessidade de criação de uma coordenação geral que pudesse acompanhar suas atividades, promovendo, assim, a criação da Associação das Casas Familiares dos Rurais do Sul – Arcafar/Sul no ano de 1991.

As Casas Familiares Rurais tem o objetivo de proporcionar aos filhos de agricultores uma formação geral e específica, seguindo alguns princípios que fundamentam sua formação, que são: “a alternância e os seus instrumentos pedagógicos; a análise da realidade dos jovens como ponto de partida de sua formação; e o envolvimento e participação das famílias no processo formativo.” (SILVA, 2006, p. 99).

As Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) foram entidades criadas na França a partir da insatisfação de alguns agricultores com o modelo de educação oferecido a seus filhos no ano de 1934. Assim, eles criaram, com o auxílio de um padre, uma escola que promovesse uma educação que levasse em consideração a realidade vivida pelos/as alunos/as. A ideia era a escola trabalhar com os saberes do campo, situando-os nos saberes produzidos pela humanidade na escola, fazendo um retorno desses saberes ao campo numa dimensão diferente.

As Escolas Famílias Agrícolas nasceram com a missão de levar os/as jovens estudantes a encontrar razão para a permanência em seus lugares de origem e têm sua metodologia assentada na prática da Pedagogia da Alternância (GIMONET, 2007). No Brasil, as primeiras experiências se deram no estado de Espírito Santo em 1969, nos municípios de Anchieta, Rio Novo do Sul e Alfredo Chaves. Nos anos 80, há a expansão das EFAs em todos

os estados brasileiros e em 2002 é inaugurada a primeira Escola Família Agrícola do Estado do Ceará, no Sertão de Crateús, município de Independência, denominada Escola Família Agrícola Dom Fragoso, local onde realizo a presente pesquisa, cuja preocupação central se fundamenta na busca pela compreensão das suas contribuições para a prática social de seus/suas alunos/as egressos/as que convivem no contexto do semiárido cearense.

A fundamentação pedagógica e metodológica das Escolas Famílias Agrícolas baseia-se em três princípios, segundo Mattos (2011, p. 74):

a) alternância, que combina no processo de formação, períodos de vivência na escola e na propriedade rural; b) há uma ênfase na participação das famílias e da comunidade tanto na condução do projeto educativo e pedagógico quanto na gestão político-administrativa da escola; c) formação integral dos jovens, em que se contemplam os níveis profissionais, humano e sociocultural, integrando-se prática e teoria e colocando os fenômenos biofísicos.

As EFAs recebem alunos/as que são filhos/as de pequenos/as agricultores/as e colaboram para a construção de um olhar mais consciente e de maior identidade com a vida social e cultural do campo.

Com todas as experiências inovadoras realizadas no espaço da educação do campo, há de se admitir que sejam muitas nuances que matizam os avanços e desafios enfrentados para garantir uma educação no campo de qualidade, no entanto, reconhece-se que há ainda muitos nós a serem desatados para que a educação do campo possa atender plenamente às necessidades de quem lida com as adversidades e durezas do meio rural.

Assim, a educação, de forma mais específica, a Educação do Campo, passa a cumprir o papel de ser formadora de sujeitos conscientes e com condição de transformar a realidade, delineando, em suas atividades, práticas educativas de convivência com as diferentes adversidades enfrentadas no semiárido. Dessa forma, a educação deve, conforme Brandão (2002, p. 64),

(...) dirigir-se a pessoas em nome do desenvolvimento humano. Ela aspira realizar em cada pessoa, quem quer que seja, a sua plena parcela do direito inquestionável e intransferível a aspirar ser não menos do que sábia, autônoma, harmoniosa e, se possível, feliz. O direito é também o dever de estudar e aprender a ir - sendo, a cada momento de sua vida, um alguém que não se programa "para", mas que se transforma "em", através de anos e anos de envolvimento e partilha em múltiplas situações interativas de trocas de vivências, de saberes e de valores de sua própria e de outras culturas.

Ao colocar a educação como processo, Brandão comunga com Freire e com as bases de formação da Pedagogia da Alternância. Nesse sentido, “todos devem ir sendo em sua plenitude” (FREIRE, 2005, p.79), o que propicia a formação da dignidade humana em permanente estado de construção.

O desafio que se projeta hoje é colocar a Educação do Campo e seus percursos pedagógicos e metodológicos, dentre os quais a Pedagogia da Alternância, à frente de uma concepção de educação emancipatória, que construa e valorize a pluralidade de pensamento como a singularidade de um mesmo projeto social, cuja realidade “costurada” nos vieses das contradições sociais possa ter força para a construção de um mundo novo, mais justo e humano.

### 3 A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO SEMIÁRIDO CEARENSE

O Semiárido Brasileiro apresenta características muito específicas, chegando um pouco a se diferenciar de outras áreas semiáridas do mundo. Segundo publicações da Articulação no Semiárido Brasileiro (ASA) e o Ministério da Integração Nacional, a região semiárida brasileira é a maior do mundo, com características singulares, o que a torna uma região diferente em relação às outras do país. Tem uma área de 982.566 km<sup>2</sup>, que corresponde a 18,2% do território nacional, 53% da região Nordeste e abrange 1.133 municípios. Ocupa 86,8% do estado do Ceará, 93,4% do território do Rio Grande do Norte, 86,6% da Paraíba, 88,0% do Pernambuco, 59,9% do Piauí, 69,7% do território da Bahia, 45,6% do estado de Alagoas, 50,9% do Sergipe, além de 17% do norte de Minas Gerais e cerca de 1% do estado do Maranhão. A população do semiárido é de cerca de 22 milhões de habitantes e dela faz parte a maior concentração de população rural do Brasil (ASA, 2009).

A palavra “semiárida” remete ao significado de uma terra com aridez. As razões para transformar uma região com características áridas são diversas, merecendo destaque a forma humana de lidar com a terra, dela extraindo o alimento até levá-la à exaustão e conseqüentemente a mais completa aridez. De acordo com Batista e Campos (2013 *apud* SCHOROEDER, 2013, p.46):

A expressão semiárida indica que estamos falando de uma região com aridez formada a partir dos modos humanos de explorar a terra que a tornaram deserta ou árida; o desmatamento; a prática predatória, para com os rios e a terra; as queimadas; a contaminação do solo com agrotóxicos, entre outras. Estes processos são aliados à pouca chuva e ao péssimo sistema de armazenamento da água que vem da chuva.

O semiárido é caracterizado, sobretudo, pela ocorrência do bioma caatinga, cuja formação vegetal é marcada pela biodiversidade de suas árvores e arbustos com raízes profundas e galhos retorcidos. As folhas caem em período de estiagem como forma de evitar a perda de água por evaporação e de alimentar o solo, que, à chegada das primeiras chuvas, renasce em verde e beleza, desvelando o milagre da transformação. Tudo que era rude, seco, se transforma em verde e madura esperança.

Sobre a biodiversidade da caatinga, Duque (2004, p. 103) descreve-a como

[...] um conjunto de árvores e arbustos espontâneos, densos, baixos, retorcidos, de aspecto seco, com proteção contra a desidratação pelo calor e pelo vento. As raízes são muito desenvolvidas, grossas e penetrantes. O solo é silicoso ou sílico-argiloso, enxuto, quase sem humo, pedregoso ou arenoso, pobre em azoto, porém contendo regular teor de cálcio e potássio, como atesta a vegetação do algodoeiro e do caroá. [...] a associação florística, com o solo e a atmosfera, é quase uma simbiose, tal o regime de economia rígida da água para entreter as funções em equilíbrio.

São diversas as plantas que constituem a Caatinga, conforme descrição de Duque (2004, p. 103)

As plantas que mais caracterizam a Caatinga, são: a) umbuzeiro; b) a barriguda; c) iço; d) baraúna; e) faveleiro; f) pau-ferro; g) carnaúba; h) licuri e camaratuba, na Caatinga da Bahia; e i) carnaubeira, na Caatinga litorânea do Ceará e do Rio Grande do Norte. As cactáceas mais conhecidas são: palma forrageira, mandacaru e xique-xique e sua vegetação rasteira é constituída principalmente pela macambira e o caroá.

A caatinga possui um dos biomas mais comprometidos do país, além de ter sido o menos contemplado na perspectiva de preservação do meio ambiente delineada pela história da política ambiental do Brasil, sendo atendido como objeto de área de proteção ambiental somente a partir de 1965 com a criação do Código Florestal (Lei 4.771). No entanto, só no fim de 1999, se tem uma definição mais clara do ponto de vista da Lei sobre esse aspecto, como declara Mattos (2011, p. 82):

Somente no fim de 1999, quando da aprovação do Projeto de Lei nº 2892/92, que dispunha sobre o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), o Ministério do Meio Ambiente (MMA) recomenda a ampliação da área protegida por Unidades de Conservação na Caatinga para 10% num período de dez anos, priorizando-se as áreas de uso indireto, pela sua importância para a manutenção e a recuperação da biodiversidade. Assim, se compararmos o bioma Caatinga aos outros biomas brasileiros, perceberemos que ele possui, proporcionalmente, um percentual muito reduzido de unidades de conservação e áreas protegidas dos seus sistemas naturais.

As alterações climáticas somadas à forma de desenvolvimento econômico do país que explorava uma região sem tampouco cuidar para evitar os riscos de sua degradação foram pano de fundo para a construção de uma visão hostil e de estranheza sobre o semiárido, apresentando-o como espaço monótono, acinzentado pela ausência de folhas das plantas e pela tristeza das pessoas que dele faziam parte. Esse desenho fez a construção da imagem do sertanejo como pessoa "dura", de “vidas secas”, como é descrito nas imagens de Graciliano Ramos (1971), sendo, no entanto, capaz de vencer as durezas do clima e da terra, fazendo-o forte, quase um herói como é mencionado no livro de Euclides da Cunha (1991, p.19), quando diz que “o sertanejo é antes de tudo, um forte”.

A diversidade étnico-cultural dos povos do semiárido construiu uma mobilidade na compreensão da população que compõe as suas diferentes paisagens, revelando nelas suas territorialidades conforme a própria trama diversa que marca esse território (GIMONET, 2007).

A promoção de um modelo econômico capaz de desconstruir a visão que se foi formando do semiárido como espaço de abandono passa necessariamente pelo viés de uma política que leve em consideração a forma de se relacionar das pessoas com o meio ambiente. A esse respeito, Duque (2004, p. 101) coloca que

Entre as doutrinas do desenvolvimento econômico, cumpre encontrar a doutrina que concilia a consecução do bem-estar com a evolução cultural, ou de outro modo, urge achar o processo mais rápido de progresso com as qualidades e os defeitos dos habitantes, com a organização tradicional, usando o ambiente como ele é e até onde pode ser explorado para o alcance sucessivo dos padrões mais altos de vida. Este processo de transição tem de ser peculiar a cada ambiente ecológico porque será um misto de recursos naturais, de ideias, de suor e de sentimento das sociedades locais.

A educação é condição fundamental para a construção de atitudes cooperativas que promovam o bem comum. Freire (2005) coloca que é a partir da concepção libertadora da educação que homens e mulheres passam a tomar assento na edificação da história de suas vidas. Os agricultores e agricultoras, ao tomar a iniciativa de participar dos diferentes momentos de discussão para implantação de políticas públicas, assumem o compromisso de mudar as histórias de seus lugares e de suas vidas. Mas isso tem de ser construído conhecendo por dentro a forma de se educar no semiárido. Sobre esse aspecto de mudança social da visão do semiárido e sua transformação pela educação, Duque (2004, p. 10) acrescenta que

a falta de consulta às necessidades sentidas, localmente, pelo povo, para a elaboração dos planos de governo, desestimula a participação mais ativa dos sertanejos no êxito dos empreendimentos. A imposição de ideias causa reação contrária pela interpretação do desprezo no valor e na importância da experiência alheia. A prioridade das carências sofridas pelo matuto, supostamente ignorante, não é a mesma concebida pelo homem instruído, como diagnosticador dos males dos outros. Não se podem prever as modificações no procedimento da comunidade sujeitam à interferência, porque não há lei que regule o desenvolvimento econômico. A profissão agrícola é um misto de arte, de ofício, de técnica, de costumes, de concepção de vida, na qual tomam parte tão somente o solo, a água, as plantas, os animais e o tempo, mas também os moradores da casa, os vizinhos, os amigos, com as suas qualidades e defeitos, suas superstições, opiniões e preponderâncias. O modo de pensar, de sentir e de trabalhar do rurícola é o resultado de uma continuação histórica, da herança do passado, do segregamento em que viveu, da conduta caseira, da ferramenta de que dispõe, do grau de conhecimento e da imitação assimilada de outras sociedades.

Nessa perspectiva, o autor nos apresenta elementos importantes para que sejam delineadas as primeiras expressões de proposta de convivência com o semiárido e de uma educação contextualizada cuja base é o meio social e familiar dos sujeitos que compõem o lugar.

A superação das desigualdades sofridas pelas pessoas do semiárido está na defesa de se construir novos paradigmas para ir aprendendo a conviver com esse ambiente levando



em conta a relação da cultura e as formas culturais de exploração da natureza, enfatizando a importância do bioma caatinga para seu desenvolvimento.

Nesse sentido, há de ser superada a visão de que o semiárido não serve para nada, que nele não há possibilidade de vida digna, mas, ao contrário, na contextualização de seus problemas e de suas potencialidades é que se processa a elaboração de formas de vida mais felizes nesse lugar.

### **3.1 O fenômeno da seca e suas dimensões**

Ao propor a reflexão sobre a seca, tomo como ponto de análise a concepção de que o fazer cultural, social e histórico dão a este fenômeno as feições concretas de um espaço e tempo específicos. Assim, esse fenômeno serviu, durante longos anos de nossa história, para justificar a situação de abandono, pobreza e desenvolvimento da região semiárida do país. A esse respeito, Carvalho (2013, p. 57) coloca que

A questão climática/hídrica está no cerne dos caminhos do desenvolvimento do Semiárido. A seca justificou as intervenções estatais, entre elas, a própria criação da região Nordeste. Cada grande seca recebeu sentidos, e conforme as circunstâncias e conjunturas econômicas conformavam os interesses das elites nordestinas em jogo.

Para que seja possível compreender a dimensão do valor cultural que tem a seca para a formação do semiárido, quer seja do ponto de vista ambiental ou político, toma-se como referência o primeiro registro oficial da seca no Brasil feita pelo jesuíta Fernando Cardim no ano de 1583, o qual relata de forma detalhada os efeitos da seca que atingiu, na época, boa parte do litoral pernambucano (ARANHA, 2006). Tais relatos revelam o quão grande assombro teve o religioso frente a um fenômeno natural devastador naquele período já existente.

No período colonial e regencial, pode-se afirmar que não houve a elaboração de políticas públicas por parte do governo para o enfrentamento do problema da seca. O atendimento às regiões atingidas pela seca era de caráter puramente assistencialista e baseava-se na distribuição de esmolas, havendo, uma vez ou outra, algumas iniciativas de caráter pontual aos flagelados (ARANHA, 2006).

Neves (1994, p. 41) explica esse momento da história, esclarecendo que “a irregularidade climática, nesta época, não significava um problema político que pudesse justificar a efetiva preocupação por parte das classes dominantes.”.

No entanto, algumas medidas foram adotadas, com a publicação da Carta Régia de D. João VI em 1721, que trazia impresso o decreto que tornava obrigatório o plantio de mandioca e a produtividade da farinha para servir de base à alimentação do povo do sertão. O decreto destinava-se aos colonizadores que adentravam o sertão nordestino, e o não cumprimento desse decreto implicava a aplicação de multas aos seus infratores.

No final do século XIX, ocorreram duas grandes secas no país, uma em 1877 e outra em 1888. Essas secas geraram muitos conflitos que acarretaram na desestabilização da ordem: ocorreram vários saques aos armazéns das cidades, um intenso êxodo rural e várias mortes decorrentes da fome. Segundo Mattos (2011, p. 98):

A seca de 1877 ocupa a atenção de intelectuais e políticos brasileiros, por ter contabilizado mais de 500 mil óbitos, só na província do Ceará. Representou, também, um período extremo de êxodos, morte das criações e de vários saques nas cidades situadas no litoral nordestino e nas capitâneas.

Essas grandes secas são apontadas como uma base fundadora das relações sociedade e natureza, Estado e intervenções territoriais no semiárido. Ribeiro (1968) argumenta que a seca de 1877 combinou três fatores: a situação de decadência da cultura do algodão nas províncias do Norte e um adensamento populacional de um povo que não estava preparado para momentos de seca.

A partir desse momento, desencadeia-se um novo tratamento do Estado brasileiro sobre as secas. Até a metade do século XIX, as ações nesse sentido eram somente de ordem emergencial.

Os impactos causados pela seca resultam no nascimento de certa sensibilização social, o que veio a orientar, por parte do governo central, a formação de um novo olhar frente ao problema, chegando, inclusive, a conceituá-lo como um dos maiores problemas da nação, levando-o a instituir, de acordo com Carvalho (1987, p. 45-46):

[...] dispositivos constitucionais que determinavam a organização de um sistema permanente de defesa contra as estiagens, na qual ficou estabelecido um percentual da receita tributária nacional que deveria ser despendido, com esse objetivo, nas constituições de 1934 e de 1946.

Desse modo, as ações adotadas para minimizar os efeitos da seca foram sendo incorporadas às políticas públicas mais por uma questão de medo e insegurança do que por compaixão ou preocupação com as regiões e grupos sociais por ela afetados. Conforme descreve Albuquerque Júnior (2001, p. 121):

[...] a partir de 1877, a seca não é mais como um simples fenômeno climático de ausência ou irregularidades de chuvas, mas é um fenômeno de caráter social, em que o cenário se expande até alcançar todos os recantos da sociedade, no campo e na cidade, e seus atores [...]. Pensar em seca, portanto, não é mais pensar apenas na ausência de chuvas que causa a destruição das colheitas, mas é, prioritariamente, pensar na massa de retirantes famintos e esfarrapados a invadir as cidades em busca de alimentos e trabalho.

Foi então instituída, no início do século XX, a política de combate à seca, fazendo uso de uma lógica racional e tecnicista no tratamento com o semiárido e seus recursos. Concebido tecnicamente por uma geografia de características secas institucionalizadas na figura do *polígono das secas*<sup>3</sup>, o semiárido é o território físico no qual as ações de intervenções políticas são empreendidas de formas emergenciais, pontuais e descontextualizadas. De um território natural - marcado pela natureza de seu clima e vegetação - a um território político, no qual a seca torna-se o cerne para a elaboração de políticas públicas para combatê-la, para barganhar ações politiqueras e conquista de favores para a construção da “indústria da seca”.

Essa indústria coloca em cena uma ótica de engenharia que concebe a seca como uma ocorrência climática capaz de ser neutralizada sob a lógica de regularização da oferta de água. Nesse período foi instituída a Inspetoria de Obras Contra a Secas (IOCS), em 1909, sob a inspiração do modelo americano de irrigação.

A IOCS se caracterizou, segundo Mattos (2011, p.99),

por ser um órgão destinado a pesquisas das condições meteorológicas, geológicas, topográficas e hidrológicas das zonas de ocorrência das secas, coordenadas por especialistas norte-americanos e europeus e alguns brasileiros, mas que não apresentavam resultados imediatos, sendo muito questionadas pelos altos custos das suas atividades de natureza científica.

No ano de 1919, o IOCS é transformado em Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), sob o Decreto de Lei nº 13.687, tendo maior capacidade de atuação no semiárido. O IFOCS passou por muitos momentos de queda e elevação financeira, pois, no período de seca, o órgão dispunha de recursos para construção de açudes e outras obras de caráter emergencial e, quando esta cessava, os recursos eram reduzidos paralisando muitas obras no meio de suas construções.

No ano de 1945, o IFOCS é transformado em Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS). O órgão contou com o apoio de técnicas mais modernas, fazendo

---

<sup>3</sup> *Polígono das secas* é instituído em 1936 através da Lei Federal nº 175 de 06/01/1936. Foi, até 1989, a Área Oficial de Ocorrências de Secas no Nordeste.

desenvolver, na região semiárida, as ações de exploração agrícola dos açudes, além das ações de assistência técnica e educativa junto aos trabalhadores rurais e seus familiares.

O DNOCS intensificou o poderio de chefes políticos que recebiam recursos para a implantação de benefícios em propriedades privadas, que vinham a suprir as necessidades dos latifundiários, promovendo, em tempo de estiagem, a troca de favores políticos entre as oligarquias e as populações desprovidas de água. Ainda assim, pode-se dizer que o DNOCS tem muita importância na história do semiárido nordestino, embora tenha sido objeto de manipulação política (CARVALHO, 1987).

Entre os anos de 1940 e 1950, são criados outros órgãos de caráter regional e estadual voltados para o aproveitamento do potencial das águas das regiões semiáridas do país. Para Silva (2006, p. 43), “o estado desenvolvimentista atua na modernização regional, ao mesmo tempo em que permite que os novos órgãos sejam capturados pelas oligarquias regionais”.

O Estado direciona as ações para a criação de uma política de desenvolvimento regional sem, contudo, assumir uma postura de reflexão crítica acerca das restrições impostas a quem desenvolve sua produção em terras alheias, sem acesso sequer à condição digna de uso da água e da liberdade de exercer seu trabalho de acordo com suas reais necessidades.

Nessa perspectiva, foi criada a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF), cujo objetivo era promover o aproveitamento das águas do Rio São Francisco, dele extraíndo o potencial energético, fato que poderia contemplar diversas regiões atingidas pela escassez que a seca ajuda a construir. Sobre isso, Silva (2006, p. 56) aponta que “a CHESF foi criada para o aproveitamento e o desenvolvimento do potencial energético do Rio São Francisco, resultando na construção da Usina de Paulo Afonso, em 1948.”.

Na perspectiva da política de desenvolvimento regional, foi criado, no ano de 1952, o Banco do Nordeste do Brasil (BNB), que veio fortalecer as ações de desenvolvimento da região Nordeste, conforme é apontado por Mattos (2011, p. 102):

Primeiro banco estatal de desenvolvimento regional do Brasil, o BNB é, por excelência, o agente financeiro regional de incentivo à implantação de empreendimentos industriais e agropecuários e sua criação significa um marco para um enfoque moderno de desenvolvimento regional.

Em 1955, foi realizado, na cidade de Recife, o “Congresso da salvação do Nordeste”, considerado um momento importante para o aprofundamento das discussões que se vinha fazendo sobre o Nordeste e a seca. No Congresso, foram formadas comissões

especializadas para análise dos diversos problemas enfrentados no Nordeste, como a energia elétrica, a seca, a terra, a agricultura, a educação, a cultura e o trabalho no campo e na cidade.

Para Carvalho (1987), a presença de técnicos e o apoio da população em diálogo sobre o mesmo tema possibilitou a existência de uma discussão mais sistemática sobre o Nordeste, amparada numa visão social, que colocava os problemas como algo possível de solução e o espaço geográfico como algo passível de transformação. A esse respeito, Mattos (2011, p. 102) coloca que

O problema de desenvolvimento regional e o da própria seca, foram interpretados como uma decorrência das estruturas socioeconômicas e do atraso regional, com críticas à visão que considerava a estiagem variável explicativa central dessas mesmas dificuldades e problemas, e as políticas que lhe eram consequentes. O resultado dos trabalhos das comissões sugeria outras e novas formas de intervenção estatal coadunadas com a redefinição das origens dos seus problemas.

Muitos estudos apontam a seca como um fenômeno recorrente no Brasil, compondo neste espaço uma paisagem que ora inspira medo, ora absoluta coragem para nele fazer reinar a alegria de renascimento constante da riqueza que mora embaixo de seu chão. No entanto, a interpretação da seca sob uma visão mais sistemática e multidimensional é recente, somente no final da primeira metade do século XX é que se começa a refletir que, para além dos problemas hídricos no semiárido, há um conjunto de outras situações que promovem o atraso das regiões secas e a manutenção dos privilégios das classes mais favorecidas.

A interpretação das múltiplas falhas detectadas no ajustamento econômico e as atividades ecológicas desenvolvidas no semiárido constituem as abordagens realizadas pelo Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN) que dá origem à criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) em 1959. Segundo Mattos (2011, p. 104):

A criação da SUDENE mantém a mesma linha de pensamento e imprime um caráter ainda mais renovador, progressista - uma interpretação mais generosa e realista do Nordeste semiárido, ao desmistificar a versão hegemônica que explica e justifica o estado de miséria e de semi-indigência da população do Semiárido através da seca e dos aspectos climáticos.

Ao longo da história do país, nota-se que foram adotados ora programas com caráter paliativo/assistencialista, ora programas que não levaram em consideração um conhecimento mais aprofundado sobre seu território e suas potencialidades, suas gentes e seus contextos ambientais, afinal o semiárido é diverso, com mais de dez unidades naturais que diferenciam e caracterizam as particularidades do Bioma Caatinga.

O significado de hostilidade que a natureza semiárida recebeu se sustenta na concepção ocidental que diz ser o meio natural como algo concebido no âmbito externo ao humano. Este é o reflexo da separação entre o humano e o não humano, cuja projeção foi de externalidade e relação dicotômica entre sociedade e natureza.

Nas últimas décadas, têm sido suscitadas diversas reflexões de resignificação do espaço pelo olhar conscientizador do humano. Transpor esse movimento de descoberta para o que vem ocorrendo no semiárido nas últimas décadas, permite compreender que há em curso uma descoberta valorativa da natureza semiárida vista agora como uma riqueza não valorizada e, por sua vez, mal aproveitada. Desse modo, os sentidos negativos e de hostilidade vão sendo resignificados para positivities, desconstruindo a base da concepção de diferentes programas governamentais amparados na lógica do "combate à seca" e transmutando-os para intervenções de convivência. Emergem daí novos sentidos e significados sobre essa natureza, cujas ações e intervenções sobre sua realidade passam a ter uma nova diretriz ou base fundadora da proposta de "convivência com o semiárido".

Entre as décadas de 1970 e 1980 podem-se relacionar os vários programas de desenvolvimento rural integrado à lógica de melhor convivência com a seca, dentre os quais se destaca a criação das Escolas Famílias Agrícolas, que teve suas primeiras experiências em 1968 no estado do Espírito Santo.

A alternativa para o entendimento da seca, enquanto fenômeno climático, e todos os problemas que dela decorrem começa a apresentar os primeiros contornos de uma prática educativa para a convivência com o semiárido na década de 80, sendo sua expansão elevada através da difusão da implantação das Escolas Famílias Agrícola para outros estados do país.

Nos anos de 1990, surgem novos autores e atores sociais no cenário político regional e nacional. Os movimentos sociais reclamam por uma formação escolar que tenha, como mote inspirador, um projeto político pedagógico capaz de subsidiar as políticas públicas de convivência com o semiárido.

Começa a serem desenvolvidos trabalhos educativos que partem das experiências e saberes produzidos pelos agricultores e pelas agricultoras que reúnem elementos para a constituição de uma sociedade sustentável.

Esses trabalhos, segundo Rufino (2004, *apud* MATTOS, 2011, p. 110):

referem-se ao uso e à difusão de tecnologias de captação de água de chuva, a exemplo das cisternas de placas e barragens subterrâneas, poços amazonas, aluviões, barreiros-trincheiras, à criação de caprinos, aos conhecimentos e às técnicas de manejo agroflorestral da caatinga; à apicultura e outras experiências de e no campo da agropecuária familiar.

No ano de 1998 e 1999, além das diferentes ações de enfrentamento do problema das secas, foi introduzido um programa de alfabetização e qualificação de jovens e adultos alistados nas Frentes Produtivas.

O Programa Sertão Cidadão: convívio com o semiárido e inclusão social, lançado na seca de 2001 e 2002 (MATTOS, 2011), trazia como proposta a criação de um sistema de Planejamento e Gestão do Semiárido para monitorar e acompanhar o sistema de funcionamento ecológico e socioeconômico. De acordo com Silva (2006), o programa tinha interesse em expandir o mecanismo de investigação e controle, de modo a promover a racionalização dos recursos aplicados aos programas do governo desenvolvidos na região.

No ano de 2003, o Programa Conviver: Desenvolvimento Sustentável do Semiárido foi lançado ocupando lugar prioritário nas ações do governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva.

De acordo com Mattos (2011, p. 111):

O programa envolve diversas ações como o seguro-safra (renda mínima aos produtores); a compra de alimentos pelo governo federal, garantindo renda aos agricultores da região; o acesso a crédito para ações de manejo e captação de recursos hídricos, investimento em culturas forrageiras e manejo da Caatinga; o cartão alimentação para a compra de alimentos; a assistência técnica; e a educação para desenvolvimento de metodologias e tecnologias de convivência com o Semiárido. E o seu público-alvo é composto por cerca de 22 milhões de pessoas residentes nos 1133 municípios do Semiárido nordestino. O Conviver tem como principal objetivo contribuir para a diminuição das vulnerabilidades socioeconômicas dos espaços regionais com maior incidência de secas, com ações que levem à dinamização da economia da região e ao fortalecimento da base social do Semiárido.

Ainda no ano de 2003, foi criado, em Campina Grande, na Paraíba, o Instituto Nacional do Semiárido – Celso Furtado (INSA), cujo objetivo era fomentar as pesquisas científicas no campo de desenvolvimento das ações sustentáveis no Semiárido.

Outra ação realizada nesse período que merece destaque foi a criação do Grupo de Trabalho para a construção do Programa de Ação Nacional de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca (PAN – BRASIL), instituído pelo Ministério do Meio Ambiente. Este “se configura como instrumento norteador para a implementação de ações articuladas no controle e no combate à desertificação, bem como para a ampliação dos acordos sociais envolvendo os mais diversos segmentos da sociedade.” (BRASIL, MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2004, p. 25).

Outro problema que decorre da seca são as migrações, que, ainda em dias atuais, movimenta um número significativo de saídas de pessoas do campo para as grandes cidades,

sobretudo em períodos de estiagem. São partícipes principais desse movimento os jovens, na idade de 16 a 20 anos.

Ao fazer um pequeno estudo do Ceará, encontra-se, grosso modo, grandes levantes de flagelados das secas, ocupando-se em frentes de trabalho para a construção de obras de grande impacto social e de beneficiamento de pequenos grupos detentores do poder.

Nos dias atuais, ainda é muito intensa a saída de jovens que assumem outra configuração, pois essa saída não se dá apenas no período de seca, mas tende a se acentuar a cada nova estiagem. A falta de perspectiva de trabalho e a necessidade de compra de bens de consumo e/ou forragens para alimentar os bichos empurram os jovens para o trabalho em lugares cada vez mais distantes. Trabalhar para manter a esperança dos pais é a motivação primeira que leva os jovens a sair do semiárido para a composição de uma nova vida em terras alheias. De acordo com Cavalcante (2002, p. 156):

Ao que parece, se a decisão de migrar tem sido forçada ou dirigida, ao longo de mais de dez décadas, em função de estiagens cíclicas ou da estrutura latifundiária que impera no Ceará, ela tem representado, ao mesmo tempo, em muitas situações, na esfera de ação privada de indivíduos e grupos, a única solução capaz de permitir a sobrevivência e a reprodução social de segmentos representativos das massas camponesas que, de outra forma, teriam sido condenados a figurar nas taxas de marginalidade ou de mortalidade.

Dentre as ações elaboradas para atenuar estas constantes saídas está a proposta de convivência, que traz impressa em suas ações a justificativa para a permanência dos jovens em seus espaços de atuação, não como seres passivos que vão ficando à mercê da vontade divina ou das providências de programas políticos, mas como pessoas que estão aprendendo, a cada novo dia, um jeito diferente de conviver com as condições de seus lugares, deles saindo somente para melhorar suas ideias com fins de um retorno que possa tornar melhor as condições de existência em seus lugares.

Desde 2003, outras iniciativas específicas para o semiárido voltadas para a Reforma Agrária e a Agricultura familiar vêm sendo implementadas. Dentre elas, pode-se citar, conforme descrição de Mattos (2011, p. 113 e 114):

**Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf)** - foi criado em 2005 e tem como objetivo fortalecer as atividades desenvolvidas pelo/a produtor/a familiar, de forma a integrá-lo/a à cadeia de agronegócios;

**Seguro-Safra** - o Seguro-Safra foi instituído pela Lei nº 10.420, de 10 de abril de 2002, alterado pela Lei nº 10.700, de 09 de julho de 2003, e regulamentado pelo Decreto nº 4.363, de 06 de setembro de 2002, tomando como base o efeito da seca no Semiárido e com o objetivo de oferecer uma renda mínima aos agricultores de base familiar que, porventura, venham a ter prejuízos de 50% da produção de algodão, arroz, feijão, mandioca e milho;



**Projeto Dom Helder Câmara (PDHC)** - o projeto procura garantir a inserção competitiva, não subordinada, e o empoderamento dos/as agricultores/as familiares na formação, implementação e controle social de políticas públicas;

**Programa Nacional de Biodiesel** - é um programa interministerial do governo federal que objetiva a implementação, de forma sustentável, tanto técnica como economicamente, na produção e uso do biodiesel, com enfoque na inclusão social e no desenvolvimento regional, por via de geração de emprego e renda;

**Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)** - o PAA é um instrumento de política pública com o objetivo de incentivar a produção de alimentos para agricultura familiar, realizando compras dos produtos com um limite máximo de até R\$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos reais) por agricultor e agricultora por ano, sem a necessidade de realizar licitação.

A proposta de convivência apresenta-se como um percurso a ser trilhado pelas comunidades rurais, no sentido de dar a elas a oportunidade de se ‘reapropriarem’ dos bens da natureza semiárida como garantia de sustentabilidade socioeconômica e de vida.

A convivência traz em si a ideia de integrar os saberes construídos histórica e empiricamente àqueles advindos da contemporaneidade. Ao fazer essa integração, a "convivência" incorpora e redimensiona os sentidos e significados do que seja a natureza semiárida, proporcionando o desenvolvimento de um projeto (re)orientado pelo conhecimento das especificidades, fragilidades e potencialidades do semiárido.

### **3.2 O papel das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) na construção de uma educação libertadora no Sertão dos Inhamuns**

A busca pela compreensão do processo educacional construído no Sertão dos Inhamuns, espaço geográfico onde moro e desenvolvo minha pesquisa, passa necessariamente pelo estudo da história de criação da Diocese de Crateús, tendo em vista que a “educação da fé”<sup>4</sup> foi a base para que o sertanejo dessa região pudesse construir as forças necessárias para contrapor-se às adversidades criadas, mais pelas estruturas econômicas do que pela irregularidade do clima e da natureza.

Assim, começo estes estudos colocando em relevo a localização do município de Crateús, sede da Diocese. Crateús é um município situado no famoso polígono das secas, mais precisamente no alto sertão do Ceará, já bem próximo do Piauí. Além do município, a Diocese de Crateús é formada por doze municípios, são eles: Nova Russas, Ipueiras, Poranga, Ipaporanga, Ararendá, Tauá, Parambu, Quiterianópolis, Tamboril, Monsenhor Tabosa, Independência, Novo Oriente, nos quais se acham organizadas treze paróquias.

---

<sup>4</sup> Expressão usada pelas CEBs para justificar que a mudança social começa prioritariamente na força espiritual que se dedica a ela. A crença faz a vontade e a vontade faz a mudança.

Data do mês de agosto do ano de 1964, a instalação do bispado da Igreja Católica de Crateús, sendo o primeiro bispo Dom Antônio Batista Fragoso, o qual permaneceu nesta função até o ano de 1998.

A caminhada da Igreja de Crateús, desde seus primeiros passos, sempre esteve à frente de seu tempo, haja vista seus protagonistas assumirem o compromisso de se empenharem no âmbito da comunidade diocesana a concretizar as deliberações resultantes do Concílio Vaticano II<sup>5</sup>.

Ao final deste encontro, depois da celebração da Eucaristia, nas Catacumbas de Domilita, em Roma, no dia 16 de novembro de 1965 (PEREIRA, 2008), 40 bispos assumiram o compromisso de construção de uma nova igreja, voltada para a elevação de seus fiéis no campo da fé, do trabalho, da educação e da consciência política. Desse modo, os bispos ali reunidos assinaram um documento constituído de treze itens, em que são elencadas as ações para reforma do modelo de igreja até então existente, para a construção de um jeito novo de ser igreja. Dentre esses itens, dar-se-á destaque ao item X pela dimensão das atitudes ali definidas, como coloca Meireles (2008, p. 80):

X – Poremos tudo em obra para que os responsáveis pelo nosso governo e pelos nossos serviços públicos decidam e ponham em prática as leis, as estruturas e as instituições sociais necessárias a justiça, a igualdade e ao desenvolvimento harmônico e total do homem todo em todos os homens, e, por aí, ao advento de uma outra ordem social, nova, digna dos filhos do homem e dos filhos de Deus.

Esse posicionamento assumido por aqueles que chegavam à Diocese de Crateús deu a Igreja novas aberturas para discussão do papel que cada sujeito pode e deve assumir para participar da construção de sua história, da história de sua comunidade, de seu país e do mundo. Esse jeito novo de ser partícipe da história fez nascer novas teorias que explicariam a fé pela participação, como instrumento de um fazer livre das amarras da opressão, constituindo o que viria a ser chamado “Teologia da Libertação”, que fortaleceu, assim, as organizações das bases, erigindo, sob a égide de uma consciência política, as Comunidades Eclesiais de Base, como define França (2011, p. 327-328):

Essa diretriz propiciou que a Igreja, até então genuinamente reacionária, passasse a abrigar novas orientações. Na América Latina, especialmente, foram marcantes para a intensificação dessas novas posturas a II e III Conferência Geral do Episcopado Latino Americano – CGELA, em Medellín (Colômbia, 1968) e Puebla (México, 1979), respectivamente, em que se buscou desenhar uma tradução do Concílio

---

<sup>5</sup> O Concílio Vaticano II [iniciado em 11 de outubro de 1961 e com término a 8 de dezembro de 1965] era a reunião, em Roma, dos bispos de todo o mundo, convocado pelo Papa João XXIII, em 1958, continuado por Paulo VI (segundo Pe. José Helênio Oliveira Pereira, citado por Santos, 1989). Dom Fragoso participou dos 4 anos de Concílio.

Vaticano II para a realidade do nosso continente. Encontra abrigo, a partir de então, como norte do trabalho episcopal, conceitos e abordagens influenciadas pelas teorias de organização social modernas, como a “Teologia da Libertação”. Daí, evoluíram novas práticas eclesiais, como a organização da base para o topo da pirâmide hierárquica, articulando, em todos os lugares, as “células” de evangelização, que mais tarde ficariam conhecidas como Comunidades Eclesiais de Base – CEBs.

Poucas dioceses tiveram, como a de Crateús, a oportunidade de serem erguidas em bases concretas das proposições do Concílio Vaticano II, a qual vivencia uma atmosfera de renovação eclesial. Não se pode omitir o fato de que a experiência de vida e de atividade social do bispo de Crateús muito contribuiu para a concretização das ações de renovação pastoral e litúrgica desta região (PEREIRA, 2008).

A sua dedicação, o seu entusiasmo e seu compromisso com a evangelização o fizeram conhecido em nível nacional e internacional. A sua escolha para o bispado ocorreu num contexto social difícil. As grandes potências mediam forças e investiam fortunas em equipamentos bélicos. O espectro do comunismo aterrorizava o mundo ocidental, fato que se agravava pelos conflitos resultantes da Guerra do Vietnã, do processo de descolonização dos países africanos e pela revolução cubana. No que se refere ao plano eclesial, a igreja vivia uma experiência diferente e de grande repercussão internacional, restituindo a esperança num mundo cada vez melhor.

À medida que ia sendo preparado o terreno para a ação pastoral diocesana, iam-se também gestando as Comunidades Eclesiais de Base, experiências que aconteciam de forma simultânea em outras áreas pastorais do Brasil. Com efeito, pode-se dizer que as CEBs não nasceram a partir de um decreto, mas de um amplo processo de gestação, construído à luz da animação da Palavra de Deus. De acordo com Fragoso (2005, p. 271):

Pequenos grupos de leigos e leigas, religiosas inseridas no meio popular, padres, todos encorajados e acompanhados pelo bispo, que, interpelados pelos desafios do cotidiano, passam a se reunir semanalmente ou quinzenalmente, seja nas casas dos participantes, nas pequenas capelas rurais ou em sedes de associações, ou sob as árvores, para refletirem juntos sobre diferentes problemas por ele enfrentados.

A dinâmica dos encontros das CEBs inspirava-se no método “VER, JULGAR, AGIR” (FRAGOSO, 2005). A lógica de entendimento entre as pessoas que compunham as organizações partia da unificação de diferentes olhares sobre uma dada realidade para que lhes fossem permitidos os instrumentos para análise, isto é, para julgar e depois agir sobre um dado problema, que, embora pertencesse a uma família, carregava as características coletivas de um povo que ia aprendendo a ser coletivo nas ideias e nas atitudes.

Na configuração de uma CEB, uma das questões centrais se dá no respeito ao protagonismo de todos os membros, de seus afazeres cotidianos, dos problemas enfrentados

pelas respectivas comunidades ou temas nacionais ou internacionais. Sobre isso, Carvalho (2006, p. 90) elucida que

destaca-se também a atuação da Igreja Católica nas Comunidades Eclesiais de Base. Esta, amparada na Teologia da Libertação, anunciava que o “Reino de Deus se inicia na Terra” com igualdade e justiça entre os “irmãos”. Depois da III Conferência do Episcopado Latino-Americano de Puebla (México, 1979), que decidiu sobre a opção preferencial pelos pobres, ampliaram-se, significativamente, os trabalhos nas CEBs, tanto nos perímetros urbanos como rurais.

As CEBs de Crateús apresentam marcas comuns e singulares: pelo caráter comunitário nas relações de vizinhança, tendo como referência um dado espaço geográfico marcado pela exploração dos donos da terra sobre o trabalho escravo dos camponeses, e pela resistência física e política de uma gente que aspira levantar-se dessa condição para coletivamente fazer nascer um mundo novo. A título de explicação das CEBs pelo significado que seu nome encerra, Dom Frago (2005, p.24) esclarece que

Comunidades, isto é: pequenos grupos de famílias, num espaço de vizinhança geográfica, vivendo num relacionamento horizontal a experiência de muitas formas de solidariedade; Eclesiais, [pois] nascem convocadas pela Palavra de Deus que as reúne, que é lida, estudada, rezada, celebrada, que suscita uma diversidade de ministérios e que a conduz para a reconciliação plena e a Eucaristia; de Base, porque se compõem predominantemente dos que estão na base da pirâmide social e porque as células da base do tecido eclesial.

No que tange ao processo educacional das pessoas do campo no Sertão dos Inhamuns, a Diocese teve relevante papel na medida em que foi desconstruindo as escolas católicas, cujo objetivo era garantir a formação de grupos mais favorecidos de sociedades. Logo, em seu primeiro pronunciamento público, o bispo contraria as expectativas dos grupos mais abastados e acena os primeiros sinais de uma educação voltada para a emancipação do povo pobre, cuja arma maior de superação das desigualdades centrava-se no processo educativo. Para tornar público o seu posicionamento dentro dessa igreja, Dom Frago (2005, p.192) coloca

Eu não quero ser um príncipe da Igreja, um excelentíssimo senhor, um construtor de civilização, mas quero ser, nesta terra, um humilde servidor deste povo. *Ficarei feliz vendo o povo de Crateús tomar nos próprios ombros o destino de sua terra* [grifo nosso]. Querem saber as obras sociais que estão no meu coração? São estas: 1º) Conscientizar o povo do campo, para que descubra sua dignidade, se organize e ande com seus próprios pés; 2º) Ajudá-los a se organizar nas suas cooperativas e sindicatos, para que lutem pela justiça e pelos seus direitos.

O fato de a Igreja de Crateús haver-se negado a dar sequência ao projeto tradicional de sua criação, manutenção e controle das escolas confessionais não significa, em

nenhum momento de sua história, que ela tenha ficado de fora do processo educativo do lugar, mas, ao contrário, a educação foi o campo em que mais a igreja integrou em seus discursos e lutas (PEREIRA, 2008).

Na perspectiva de uma formação do ser humano como um todo, a Educação passa a ser assumida com características semelhantes à concepção *freireana* da educação. Nesse sentido, entendida e assumida como um amplo processo de humanização, a educação passa a ser vivida a partir, entre outras, de características específicas para a transformação social, como esclarece Fragoso (2005, p.197):

- Partindo do caráter inconcluso e relacional do ser humano, trata-se de um projeto a ser vivido como um processo permanente, assumido de forma coletiva, sem perda da dimensão individual.
- Esse projeto é vivenciado coletiva e individualmente, num processo de socialização cujo objetivo central é o desenvolvimento de todas as potencialidades de cada ser humano (em matéria de espacialidade, gênero, idade, etnia, cidadania, relações com a natureza e com o sagrado).
- Pressupõe a construção de condições propícias, a começar pela construção de uma sociedade na qual todos se estabeleçam com dignidade e como sujeitos de sua história, e cuja estrutura e funcionamento garantam a todos a realização de suas justas aspirações materiais e espirituais, Isto é impossível de ser alcançado numa sociedade capitalista.
- Trata-se de um processo no qual e do qual todos são protagonistas, são docentes e são discentes ao mesmo tempo.
- Constitui-se como uma caminhada na qual se asseguram o direito e o exercício das diferenças, enquanto complementares, sem prejuízo da incessante busca de unidade.
- Um projeto que não comporta o instituto do privilégio (de classe, de gênero, de credo, de letramento).

A caminhada da Igreja de Crateús na construção de uma educação para os povos quase invisíveis pelo poder político da década de 60 e 70 teve impacto direto nas organizações de luta pela conquista da terra e para organização de seus sindicatos.

Foi comungando com o grito dos menos favorecidos que as CEBs foram tecendo orações que se fizeram diálogo de fé e esperança para a construção de um novo tempo, que ganha a dimensão de quem aprendeu a ver as potencialidades de interpretar o mundo a partir da descoberta da força de seu interior. É mudando o olhar que se arruma o que está por fora dos olhos. A consciência da participação política sobre o mundo dá forças para sua transformação.

A Escola Família Agrícola Dom Fragoso é resultado do trabalho que começou a se organizar na década de 60, mediatizado pelas experiências das CEBs e pelos grupos de religiosos e leigos/as que viam no campo da educação a fertilidade para o crescimento do potencial das pessoas residentes no espaço rural.

Nessa perspectiva, toma-se, como ponto de partida para o desenvolvimento destes estudos, a busca pelo entendimento das contribuições do projeto formativo da EFA Dom Fragoso na prática social de seus/suas aluno/as egressos/as que convivem no contexto do semiárido cearense.

Essa busca torna-se um convite para rever as relações ambientais postas pelo semiárido para que se possam reavaliar as relações socioeducativas associadas ao modelo de convivência com o meio natural, descortinando as múltiplas possibilidades de seu desenvolvimento.

## **4 O CENÁRIO DA PESQUISA E SEU PROJETO FORMATIVO**

Este capítulo destina-se a apresentação do cenário geral da pesquisa e do processo formativo construído na EFA Dom Fragoso. Procuo primeiro realizar uma análise do seu processo de criação e implantação com vistas ao atendimento da articulação dos princípios definidos em seu projeto político pedagógico com a convivência com o semiárido. Nesse sentido, busco a compreensão dos meios utilizados pela escola para a construção de ações que promovam a mudança de hábitos de vivência e convivência de seus educandos entre si e com o meio social de que fazem parte.

Como forma de melhor entendimento da apresentação que se vai tecendo, tomo como referência a localização da escola e um retorno ao início da sua história, verificando os meios utilizados no processo de seleção de seus/suas alunos/as. Todos os passos dados no sentido de conhecimento da escola são orientados pelos princípios e fundamentos teóricos contemplados na Pedagogia adotada em todo o seu processo de formação.

Proponho ainda uma explanação do projeto formativo da escola para que se possam visualizar os princípios que direcionam as suas atividades pedagógicas.

### **4.1 A Escola Família Agrícola Dom Fragoso, sua localização geográfica e histórica**

A EFA Dom Fragoso foi criada em 12 de novembro de 2001, iniciando as suas atividades no ano de 2002, com autorização de funcionamento sob o Parecer Nº 707/2005, Resolução 430/2009 do Conselho de Educação do Ceará. Está localizada na Comunidade de Santa Cruz, situada a 14 km da sede do município de Independência, na Região do Sertão de Crateús. O município possui uma área de 3218,64km<sup>2</sup> e se encontra no espaço centro-oeste do estado do Ceará, que por sua vez encontra-se na Região Nordeste do Brasil. Limita-se, ao Norte, com os municípios de Boa Viagem, Monsenhor Tabosa e Tamboril; ao Sul, com os municípios de Quiterianópolis e Tauá; ao Leste, com os municípios de Pedra Branca e Tauá e a Oeste com os municípios de Crateús, Novo Oriente e Quiterianópolis<sup>6</sup>.

É interessante destacar aqui a razão de o município ter este nome. Segundo historiadores locais, o município tem, em sua história de formação, a força e a resistência para vencer as adversidades da natureza e da estrutura política. Diz-se que o município, por diversas vezes, perdeu sua autonomia e a reconquistou novamente. Após tantas lutas para

---

<sup>6</sup> Dados fornecidos pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE/2014).

tornar-se independente, o município foi criado no ano de 1933, pelo Decreto N° 1.156, e guarda em seu nome o gosto pela liberdade de enfrentar desafios sem o temor de ser vencido.

Atualmente o município tem uma população composta de 25.946 habitantes, conforme dados do IPECE/2014, sendo 55,14% residentes na zona rural e 44,86% na zona urbana. Tem, como principal atividade econômica e geração de renda, a administração pública, seguida do comércio e da agricultura de subsistência. A escassa oferta de trabalho dá à renda uma movimentação cada vez mais lenta, intensificando a saída involuntária da população jovem para terras mais distantes.

O seu clima é caracterizado como tropical quente semiárido, com uma temperatura que varia entre 26° a 28°, tendo como período chuvoso os dias que compreendem os meses de fevereiro a abril (IPECE, 2014). É interessante destacar aqui que, nos últimos quatro anos, as chuvas têm diminuído e os problemas econômicos têm-se aprofundado mais, pois se tem vivido um amargo tempo de estiagem na região e, em períodos assim, cai a produção, e o desânimo torna-se a marca do rosto sertanejo.

A vegetação predominante é a Caatinga Corbustiva Aberta e Floresta Caducifólia Espinhosa, sendo esta vegetação predominante em toda a região do Sertão dos Inhamuns (IPECE, 2014).

É neste campo de clima seco, de vegetação irregular, cujas folhas se cobrem de cinza nos períodos de estiagem e de um exuberante verde em tempos chuvosos, que são lançadas as primeiras sementes do que viria ser a educação que promove a esperança e a transformação das dificuldades, fazendo destas a oportunidade de renovação das forças de um povo que tem nos olhos e no poder da consciência a capacidade de intervir no meio. Foi exatamente com essa inspiração que foram nascendo as primeiras ideias de criação da Escola Família Dom Fragoso.

A Escola Família Agrícola Dom Fragoso dá início às suas atividades no ano de 2002, no entanto, a sua história tem antecedentes longínquos, que se iniciam com a chegada do bispo Dom Antônio Batista Fragoso na Diocese de Crateús, no ano de 1964. A partir desse momento, inaugura-se o tempo da Igreja “servir ao povo”, como afirmava Dom Fragoso em seu discurso de chegada por estas terras. Quem chega para servir tem no chão do lugar, nas pessoas e nos gestos miúdos ou amplos a inspiração para os primeiros passos em direção à construção desse novo jeito de ser igreja e de viver seus preceitos (PEREIRA, 2008). Foi de forma paciente, sem imposição ou improvisado, que a região foi se organizando para o trabalho de educação de base, cuja formação se concretizava mediante a compreensão do significado de formar-se política e humanamente, buscando a transformação das relações estabelecidas



com o meio rural, tendo como suporte o processo de organização sindical e comunitário dos camponeses. Como esclarece Dom Frago (2005, p. 62):

A Diocese de Crateús vai aos poucos descobrindo o que deve fazer. Há um grande esforço de se descobrir tudo a partir da realidade. Nada é feito improvisado e nada é feito de cima pra baixo. Há um esforço para se conhecer a realidade. Para isso vários métodos são usados que vão desde o contato pessoal e a vida com o povo até a pesquisa científica.

Na década de 1980, com as comunidades organizadas, a desapropriação de terras e o início dos assentamentos, passam a ser discutidos os problemas que iam surgindo em cada área assentada. Os trabalhadores rurais continuavam assistindo à saída dos jovens do campo para trilharem um caminho “melhor” nas grandes cidades. Grande parte desses jovens ia embora de suas comunidades sem a conclusão do Ensino Fundamental. A educação passava a ser a pauta central nas discussões dos trabalhadores com os sindicatos e com a igreja, além de ser pauta nos encontros do Fórum dos Assentados. Os agricultores entendiam que a conquista da terra implicava a busca por outras conquistas, entre elas, estava a luta por uma escola que levasse em consideração os saberes produzidos no campo e a realidade que circundava a vida de seus/suas filhos/as. Faziam críticas à escola tradicional e discutiam com a CPT (Comissão Pastoral da Terra) uma alternativa educacional para seus/suas filhos/as. Sobre isso, Machado coloca que:

Começa nos anos 80 um movimento de insatisfação do povo camponês com a persistência do processo migratório dos jovens. Era evidente a necessidade de proporcionar aos jovens uma formação que tivesse identidade com o campo. Já existia a escola popular e as escolas diocesanas, mas a abrangência de criar essa identificação com o meio rural era muito superficial. (Padre Manoel Bezerra Machado – Pároco de Independência, representante da CPT e membro do Conselho da EFA).

Outrossim, ele relata que tomaram conhecimento das experiências educacionais de Escolas Famílias Agrícolas e que estas poderiam ser a alternativa que se buscava para atenuar o problema das saídas dos jovens do campo e para fortalecer as condições de melhor desenvolvimento da região. Por fim, Machado nos esclarece que:

No ano de 1991 nós fomos visitar uma Escola Família Agrícola em Gim Paraná (Rondônia) e depois fomos conhecer essa experiência nos estados da Bahia e do Piauí. Ao retornarmos destas visitas convocamos os trabalhadores para socializar nossas observações e ouvir deles o interesse e lhes envolver na elaboração deste projeto de escola, pois entendíamos que eles deveriam ter o maior grau de envolvimento, porque nós não podíamos pensar numa escola para nós, mas sim para os trabalhadores. (Padre Manoel Bezerra Machado – Pároco de Independência, representante da CPT e membro do Conselho da EFA Dom Frago).

Após essas visitas, aconteceram diferentes momentos de discussão e negociação para decidir se a implantação da escola seria viável. Em cada encontro com os trabalhadores, mais se entendia que era necessária a criação da escola, e a necessidade cria meios de viabilidade de ações que possam lhe satisfazer. Conforme coloca irmã Siebra:

A preocupação inicial com a implantação da escola estava na necessidade de vencer o desestímulo dos jovens pelos estudos. Todas as EFAs começam suas histórias a partir do que se percebe numa dada região. E o que nós percebíamos era que havia um desencanto geral dos jovens com o mundo dos estudos e com o espaço rural. Nós visitávamos as comunidades e notávamos que as escolas existentes eram escolas no campo, mas não eram escolas do campo. (Irmã Devanir Siebra – Assessora Pedagógica da EFA Dom Frago).

Depois de se verificar que a necessidade faz a oportunidade, deu-se início à discussão do local para implantação da escola. A prefeitura cedeu um prédio, mas era inadequado para o que se pretendia realizar. Foi então que Pe. Gerardo Fabert, tendo recebido uma herança, resolveu doá-la para a compra do terreno. Depois de muita procura, encontrou-se uma área na comunidade de Santa Cruz. O acesso a esta comunidade não era fácil e as condições de terra não eram favoráveis, pois lá não havia tradição de agricultura e a terra estava degradada.

Os agentes da CPT aprofundaram as discussões com os parceiros da EFA, salientando os critérios para escolha do local, os quais se pautavam na implantação da escola numa área de fácil acesso, com solo favorável à agricultura, que estivesse mais próxima de um maior número de famílias interessadas e que fosse uma área bastante desafiante para que se pudesse mostrar que era possível o desenvolvimento do semiárido. Sobre isso, Machado se expressa:

Inicialmente as pessoas achavam que esta não seria uma área adequada, eu sempre achava que o projeto deveria ser implantado numa área mais desafiadora, exatamente para que se pudesse pensar nas infinitas possibilidades de fazer agricultura nas regiões mais degradadas do semiárido. (Padre Manoel Bezerra Machado – Pároco de Independência, representante da CTP e membro do Conselho da EFA Dom Frago).

Depois de definido o local, deu-se início a um trabalho de base para que todos se integrassem nesta nova iniciativa, a qual envolveu discussão com as comunidades para que organizassem a definição da proposta de trabalho, o formato das instalações da escola e o modo de funcionamento da instituição.

Para a construção da escola, houve a colaboração de uma Comunidade Franciscana da Alemanha e ficou decidido que suas instalações deveriam ser simples para não constituir uma realidade tão diferente da que os alunos vivenciavam em suas casas. Também

se pretendia construir algumas unidades produtivas para que fosse possível a integração do trabalho teórico com as atividades práticas. Assim, foi criada a Associação, que é a principal mantenedora da escola e que deu os primeiros encaminhamentos das decisões acertadas pelo grupo ao longo do tempo, como se pode verificar na fala de Machado:

Depois que se definiu o local, nós ficamos um ano discutindo como seriam as dependências físicas da escola, nós entendíamos que estas deveriam ser muito simples para que tivesse semelhança com suas casas, nós não queríamos desenraizá-los, mas ao contrário, queríamos fortalecer a identidade com a cultura (religiosa, de alimentação, de costumes, de fala) de sua comunidade. Então, nós criamos a Associação e com o seu Conselho Administrativo deram encaminhamento a construção da escola. (Padre Manoel Bezerra Machado – Pároco de Independência, representante da CTP e membro do Conselho da EFA Dom Fragozo).

A criação da Associação Escola Família Agrícola Dom Fragozo de Independência (AEFAI) aconteceu em novembro de 2001. Sua estrutura organizacional é constituída dos seguintes sujeitos: Assembleia Geral; Conselho Administrativo; Diretoria Executiva (com membro formador da Presidência, vice-presidência, 1º Secretário e 2º Secretário, 1º Tesoureiro e 2º Tesoureiro); Conselho Fiscal (com membros Titular e Suplente); Sócios; Núcleo Gestor; Monitores e Colaboradores.

De forma concomitante às atividades de construção da estrutura física e organizacional, outra equipe ia cuidando da voz que seria anunciada pela escola. Era preciso definir teóricos que pudessem dialogar com os/as alunos/as que iam compor o ambiente escolar. Conforme esclarece Irmã Siebra:

Primeiro tínhamos consciência de que sabíamos pouco sobre o projeto de alternância (com o qual iríamos trabalhar), entendíamos que o melhor jeito de se aprender a fazer as coisas seria fazendo-as. E assim fizemos, estudamos o que seria alternância, convidamos a comunidade para estudarmos juntos. A gente começou a entender que a Pedagogia da Alternância é um processo pedagógico que implica em três colunas mestras: Sessão escolar, familiar e comunidade, e que sua efetivação requer uma metodologia mais dialogante. (Irmã Devanir Siebra – Fundadora e Assessora Pedagógica da EFA Dom Fragozo).

Após o entendimento dessa nova proposta, a escola inicia suas atividades em 2002, na comunidade de Santa Cruz, com uma turma de 25 alunos/as da 5ª série do Ensino Fundamental. Foi, então, ampliando suas atividades e ações pedagógicas até chegar a 3ª série do Ensino Médio. A escola deixou de atuar no Ensino Fundamental desde 2012. Atualmente, a escola funciona com 03 turmas de Ensino Médio, atendendo a 74 jovens camponeses, vindos de 17 comunidades dos seguintes municípios: Independência, Tamboril, Monsenhor Tabosa, Crateús, Santa Quitéria, Quiterianópolis, Parambu, Nova Russas, Tauá, Pedra Branca, Madalena, Canindé, Aracoiaba, Ocara, Chorozinho, Quixadá e Ipueiras (dos Territórios

Inhamuns/Ceará, Sertão Central, Sertão Canindé, Baturité e de um município da Região Metropolitana de Fortaleza).

Além das famílias desses jovens, também são contempladas em torno de 450 famílias com as atividades de Pesquisa, Devolução e Atividade do Plano de Estudo, ferramenta fundamental da Pedagogia da Alternância, metodologia de trabalho adotada na EFA, sendo o instrumento que possibilita a verdadeira integração entre Escola-Família-Comunidade e que embasa a contextualização das aulas.

O seu corpo docente atualmente é formado por 14 profissionais, sendo 08 monitores<sup>7</sup>, 04 professores e o casal de caseiros, que colaboram com os serviços gerais do ambiente, e diversos colaboradores que atuam no campo de Assessoria Pedagógica e Administrativa da escola. Há ainda os voluntários que prestam relevantes serviços, sobretudo nos momentos de *serão*<sup>8</sup>, que são atividades realizadas para complemento das aulas.

Quanto às instituições apoiadoras estão: as Famílias; Cáritas Regional do Ceará; Cáritas Diocesanas de Crateús (CDC); Comissão Pastoral da Terra (CPT); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (EMATERCE); Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura do Estado do Ceará (FETRAECE); Rede de Educação do Semiárido Brasileiro (RESAB); Secretaria do Desenvolvimento Agrário (SDA); Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC); Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (UNEFAB); Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) de Independência, Crateús, Nova Russas, Quiterianópolis, Pedra Branca e Parambu; Associações Comunitárias de Comunidades Rurais; Paróquias de Independência e Monsenhor Tabosa; Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB); Grupo - Frankrosten - Alemanha; Grupo Um mundo – Voluntários Franciscanos da Alemanha; Kindermissionswerk – Alemanha; Instituto de Desenvolvimento da Economia Familiar (IDEF); Inhamuns- Assessoria (IAS); Movimento dos(as) Trabalhadores(as) Rurais (MST); FM Comunitária de Independência; Pe Gerardo Fabert (*in memoriam*) doação para aquisição de 135 hectares para construção da EFA e a instalação das Unidades Produtivas; Mutirões de pessoas das comunidades rurais e da cidade de Independência para a construção do prédio da EFA; Província Italiana de Bolzano; Universidade Estadual do Ceará (UECE); Embrapa Caprinos e Ovinos – Sobral / CE; S.H.

---

<sup>7</sup> Assim é denominado o educador da EFA, é aquele que facilita o processo de aprendizagem, que orienta, acompanha o trabalho pedagógico que é feito em parceria com as famílias e as comunidades (PPP EFA Dom Fragoso. P. 41).

<sup>8</sup> São atividades realizadas sempre a noite na escola, é feito de forma livre, mas programada em conjunto com os educandos (PPP EFA Dom Fragoso. 2011, p. 22).

A.R.E (Canadá); Fundação We World O.N.L.U.S. (doravante We World), antes Intervita – Itália; Prefeituras Municipais dos municípios de Independência e Tamboril, através de suas Secretarias Municipais de Educação.

No início de sua atuação, a escola tinha o objetivo de atender exclusivamente aos/às educandos/as oriundos/as da região e dos municípios mais próximos, uma vez que a prática da Pedagogia da Alternância exige o deslocamento constante dos/as monitores/as às comunidades para que se torne possível a apropriação do conhecimento acerca dos familiares dos/as alunos/as, sua forma de vida e sua cultura, promovendo, assim, uma reflexão mais intensa com o/a educando/a a fim de entender sua trajetória enquanto sujeito aprendiz desse processo; sem falar da necessidade de monitoramento das atividades propostas nos planos de estudo e na pesquisa realizada na comunidade para elaboração e implementação do Projeto de Vida. Compreendia-se que o deslocamento para comunidades distantes seria, desse modo, mais difícil.

Com o tempo, esse objetivo foi sendo transformado em função dos benefícios apresentados pelos/as educandos/as às suas comunidades. Aumentou, de forma considerável, a procura de pais de municípios distantes e de outras localidades à Coordenação e às demais representações da escola para matricularem seus/suas filhos/as na escola. Depois de várias reuniões da Associação, decidiu-se pela abertura de vagas para inscrição de educandos/as de comunidades mais distantes.

Os municípios atendidos pela EFA Dom Frágoso no decorrer de sua história são: Independência, Monsenhor Tabosa, Tamboril, Quiterianópolis, Crateús, Tauá, Parambu, Santa Quitéria, Quixeramobim, Choró, Nova Russas, Pedra Branca, Ipueiras, Lavras da Mangabeira, Ocara, Chorozinho, Tianguá, Aracoiaba, Canindé, Madalena, Cruz, Frecheirinha e Quixadá. Fazendo parte desta história, tem-se um total de 67 localidades, onde 28 são assentamentos, 03 aldeias indígenas, 01 comunidade quilombola e 35 comunidades dos diversos municípios citados. Ainda no ano de 2014, fazia parte do corpo de alunos uma educanda da Ilha de Santo Antão/Cabo Verde (África).

Ao estudar e ouvir das pessoas os passos de formação dessa história, compreende-se que o seu processo de implantação fora feito de forma partilhada. As ideias que norteiam seu trabalho nasceram no chão das comunidades e foi se formando na sala de aula, no entanto o seu significado é redimensionado no retorno à comunidade, numa relação dialética que promove a convivência com a cultura e com o meio de forma mais consistente, valorizando o que há de diferente em seu meio. Irmã Siebra esclarece que:

A gente começa a assumir a alternância em sua plenitude, entendemos que não acontece uma alternância só de tempo, mas também da cultura, da religião, da fé, da alimentação, de tudo que compõe a sua vida. Há um levar e trazer de conhecimento que é preciso estar atento para interagir com a diversidade de saberes que se relacionam e se completam no processo de aprendizagem. (Irmã Devanir Siebra – Assessora Pedagógica da EFA Dom Frágoso).

Nota-se que a história de nascimento da EFA Dom Frágoso é semelhante à história dos Centros Familiares de Formação em Alternância, e que foi seguindo, na sua construção, todas as orientações propostas no Programa Nacional de Educação por Alternância para a Agricultura Familiar.

O surgimento da EFA Dom Frágoso decorre do anseio e das necessidades das famílias camponesas desfavorecidas. A organização dessas famílias acontecia, em boa parte, nos próprios assentamentos, colocando como ponto de pauta a prática de uma educação contextualizada que pudesse contribuir com novas formas de convivência e práticas produtivas no campo, a fim de alterar e melhorar a condição de vida das comunidades rurais, além de diminuir o êxodo rural e evitar, em relação ao mundo urbano e a totalidade social, o isolamento cultural, a fim de que, mesmo localizadas no meio rural, as pessoas possam estabelecer relação com um contexto mais amplo. (Projeto Político Pedagógico – Escola Família Dom Frágoso/2011).

Desse modo, conclui-se que as razões que motivavam os agricultores dessa região a lutar por uma escola para seus filhos, com objetivos claros para o campo, tirando-lhes o sonho ingênuo de ir embora para conquistar riqueza, são também semelhantes àquelas que levaram os agricultores franceses a pensar numa escola diferente para seus filhos na década de 30.

A composição de seu corpo de alunos/as é feito a cada início de ano, pois, a cada final do período letivo, uma turma se despede da escola, dando espaço para a formação de uma nova turma.

O processo de entrada na escola segue algumas normas que foram estabelecidas nos momentos em que se discutia com os/as trabalhadores/as a implantação da escola e a definição de seu funcionamento.

Para se inscrever no processo seletivo, o/a aluno/a precisa ser filho/a de agricultores/as e residir no campo, pois é fundamental para o processo formativo da EFA que os/as jovens tenham uma comunidade como referência e que sejam engajados nas atividades comunitárias, que tenham as condições adequadas para criarem ou fortalecerem a identidade com as atividades produtoras do campo. Após a inscrição, o/a candidato/a é submetido/a a uma avaliação escrita (composta de uma redação e algumas questões de conhecimento geral e matemática). Uma vez selecionado/a, o/a candidato/a passa por um período de uma semana de adaptação. Nesse período, o/a educando/a define se deseja mesmo fazer parte deste universo

de aprendizagem, que, de certo modo, o liga à vida de sua comunidade, quer sejam elas agrícolas ou não agrícolas.

A formação desse processo de identificação com o seu lugar é condição necessária para a criação do gosto de permanência na escola. Existem casos em que o/a aluno/a jamais imaginou trabalhar no campo e, após a semana de adaptação, descobriu-se com um sentimento de pertencimento ao campo de forma inexplicável. A exemplo desse caso, o ex-aluno Hélio coloca que:

Quando decidi com minha família fazer a inscrição para estudar na EFA em 2008, era somente para sair um pouco do meu lugar, mas não para aprender a gostar dele. O que se deu foi o contrário, parece algo mágico, o tempo que ficávamos na escola e o tempo que voltávamos para casa, eu ia aprendendo a ver o que não me era possível enxergar. O campo foi se alargando e eu comecei a perceber uma parte de mim em tudo que havia lá e vi também que uma parte grande do campo seguia comigo. No dia em que comecei a falar de meus estudos em minha comunidade, e eu fui ouvido e minha fala redefinia o jeito de melhorar as condições do meu lugar. Foi aí que me dei conta que era gente e não apenas aluno. Eu era um homem apresentando minhas ideias. (Hélio Félix da Silva – aluno egresso da EFA Dom Fragoso – Comunidade Lagoa do Norte – Nova Russas/CE).

Na EFA, há toda uma dinâmica de funcionamento que leva o educando a planejar melhor o seu tempo e, na semana de adaptação, essa dinâmica é apresentada de forma natural favorecendo ao educando a oportunidade de decidir sobre a sua permanência na escola.

## **4.2 O projeto formativo da Escola Família Agrícola Dom Fragoso**

A EFA Dom Fragoso apresenta-se como um espaço bastante familiar. Quando se abre a “cancela”, o que se vê do alto do morro de entrada é uma casa com pessoas circulando por todos os lados. Foi construída dentro dos padrões de instituições escolares com possibilidade de internato para os discentes e docentes. As principais instalações são: 03 salas de aula; 01 sala para monitores, professores, coordenação pedagógica e secretaria; 01 sala para arquivo e edição de imagem; 01 sala de TV; 01 auditório; 04 dormitórios para hóspedes, com banheiro; 01 refeitório com banheiros; 01 cozinha com dispensa; 01 área de serviço; 01 laboratório de ciências agrárias (ainda sem condição de funcionamento); 02 alojamentos masculinos com banheiro; 02 alojamentos femininos com banheiro; 01 lavanderia; 01 anfiteatro descoberto; 01 telhoça com área coberta; 03 casas, sendo uma destinada ao caseiro, outra para um monitor permanente e sua família e a casa dos monitores.

As unidades produtivas totalizam 21 e compreendem: 1 - pocilga; 2 - apiário e casa do mel; 3 - bovinocultura; 4 - aprisco dos caprinos; 5 - aprisco dos ovinos; 6 - aviário; 7 -

minhocário; 8 - agroflorestal; 9 - biodigestor; 10 - Forno rabo quente; 11 - casa de sementes; 12 - mandala; 13 - pomar; 14 - horta tradicional; 15 - horta medicinal; 16 - padaria; 17 - banco de proteína; 18 - viveiro de mudas; 19 - brejo; 20 - agrossilvopastoril; 21 - capineiro.

Os espaços são todos nomeados em homenagem a alguma personalidade que tenha tido participação na história de forma a fazer do seu tempo um tempo bom para se viver. Todas as personalidades são estudadas nos momentos de *serão*.

O projeto formativo da EFA se fundamenta em primeiro lugar nas necessidades das pessoas que compunham as discussões iniciais de sua criação, a qual procura ofertar aos jovens uma formação específica, que os oriente adequadamente para lidarem com a terra e com o meio ambiente de forma criativa e inovadora, e que esse aprendizado venha revestido do estudo cuidadoso sobre os valores éticos, morais, intelectuais, que lhes garanta maior envolvimento com as questões relacionadas à sua vida e à vida comum de sua comunidade.

O projeto formativo da EFA possui quatro princípios fundamentais: “Associação, a Pedagogia da Alternância, a Formação Integral da Pessoa Humana e o Desenvolvimento Rural Sustentável.” (PPP – EFA Dom Fragoso, 2011).

A Associação atua como princípio da participação e do envolvimento das famílias e demais parceiros que acreditam no poder que advém da união de quem busca a concretização de ações que possam promover a construção de um mundo melhor, vindo assim a constituir o seu desenvolvimento.

A Pedagogia da Alternância como princípio metodológico que norteia as práticas pedagógicas possibilita a interação constante e contínua das atividades escolares com aquelas desenvolvidas no meio familiar, pois propõe a alternância em ambos os contextos, tendo por primazia a experiência do/a educando/a e por compromisso o envolvimento de todos/as os/as autores/as da formação, isto é, as famílias, educadore/as, educandos/as e profissionais participantes desta caminhada formativa.

A formação integral da pessoa humana está relacionada aos vários momentos em que se procura refletir acerca do papel que cada um deve assumir e desenvolver ao longo de sua existência. Procura-se desenvolver a autonomia para que cada educando/a possa ir se formando nas perspectivas humana, espiritual, ética, ambiental, política, cultural e social.

O Desenvolvimento Rural Sustentável está diretamente vinculado ao princípio anterior, pois, melhorando as condições de participação dos sujeitos sobre o meio, há que se projetar também a melhoria desse meio. “A EFA faz com que os jovens em formação tornem-se protagonistas de seu próprio desenvolvimento e do desenvolvimento do território onde estão inseridos.” (PPP – EFA Dom Fragoso, 2011, p. 18).



Baseada nesses princípios, a EFA tem suas atividades pedagógicas organizadas por instrumentos metodológicos específicos e alternância, que possui duas lógicas: uma representada pela experiência de vida dos estudantes, suas atividades e responsabilidades familiares, sociais e comunitárias e a outra constituída dos aspectos escolares formais.

Essa forma de trabalho promove a elaboração do plano de formação que faz a adaptação do Currículo Institucional com as atividades laborais, relacionando os assuntos a serem estudados nos períodos letivos e fundamentando os planos de ensino.

Para que aconteça a continuidade da aprendizagem iniciada nos espaços escolares, são utilizados instrumentos pedagógicos bem específicos, assim denominados: Plano de estudo; Caderno da realidade; Visita de Estudo; Serões; Caderno de Acompanhamento das atividades; Visita às famílias, Estágio e Projeto Profissional do Jovem.

No final de cada período letivo, a EFA define os temas geradores para nortear os trabalhos em alternância, ou seja, os Planos de Estudo a serem pesquisados em casa ou no meio em que residem os/as estudantes. Educandos/as e familiares participam da elaboração dos temas. No final de cada sessão escolar, os monitores aplicam o Plano de Estudo, motivam a pesquisa do tema e instigam os jovens à elaboração de um roteiro de pesquisa. Esse roteiro é levado para o tempo comunidade e os/as estudantes são orientados para devolvê-los à sessão escolar com sucesso.

Os temas são motivados pelos interesses dos estudantes e deve ajudá-los no aprendizado de contextualização do pensamento acerca de sua visão e interpretação de mundo. Assim, são trabalhadas, como tema geral dos estudos, as seguintes temáticas: “Família e comunidade na produção do bem viver (1º ano); Conviver com o semiárido (2º ano); Geração de renda e sustentabilidade no semiárido (3º ano)” ( PPP – EFA Dom Fragoso, 2011, p.32).

O caderno da realidade, considerada uma atividade de retorno, apresenta o registro dos conhecimentos e reflexões do/a educando/a sobre os estudos realizados na escola e nos passos de pesquisa realizados em casa ou no seu meio.

As visitas de estudo são motivadas pelo Plano de Estudo. São formas de complementar o aprendizado, fazendo visitas e mantendo diálogo com profissionais de comunidades vizinhas.

Os serões é um recurso fundamental na interação no ambiente escolar, pois acontece no período noturno e envolve os/as estudantes de todas as séries. Nesse momento, são discutidos assuntos diversos, podendo ser realizadas até apresentações artísticas.

O caderno de acompanhamento é um meio de comunicação entre a escola e a família. Através dele, pode-se verificar o grau de envolvimento das famílias nas atividades de estudo do/a educando/a.

As visitas às famílias são realizadas por monitores no meio familiar do/a educando/a e procura promover a aproximação da escola com seus familiares e com a comunidade, buscando conhecer a sua realidade para melhor auxiliar o/a educando/a a aprender a agir sobre ela.

O estágio constitui-se como uma atividade programada, com duração de dois ou três dias. É realizado na propriedade agrícola da família do/a educando/a ou em outra que melhor atenda aos estudos trilhados pelo/a próprio/a educando/a.

O projeto profissional jovem é um meio do/a educando/a concretizar as pesquisas feitas no Plano de Estudo. Tem início no primeiro ano de estudo na EFA e deve ser concluído no último ano, devendo o/a aluno/a fazer uma apresentação de seu trabalho para uma banca de examinadores/as. Esse projeto tem ainda a finalidade de desenvolver nos jovens a capacidade empreendedora para melhor inserção no mercado de trabalho.

Para além dessas atividades, outras são realizadas para complementar o clima de aprendizagem na escola, como: reuniões da Diretoria e do Conselho Administrativo da Associação, momento em que a família vem à escola através de seus representantes; reuniões com os/as educandos/as, momento em que todos são convocados a expor seu pensamento acerca do que estão aprendendo; encontros com alunos egressos, feito uma vez ao ano, momento em que os/as alunos/as egressos/as retornam à escola, não apenas para satisfazer a saudade, mas para compartilhar suas vidas e o que estão construindo fora da EFA.

Muitas atividades são desenvolvidas com vistas ao cumprimento dos princípios definido no projeto formativo da EFA Dom Fragoso. Faz-se então importante destacar aqui os projetos implementados ou em implementação pela Associação das Escolas Famílias Agrícolas de Independência (AEFAI), entidade mantenedora da EFA Dom Fragoso, conforme descrito no seu Currículo Institucional, 2015.

✓ **Assistência Técnica e Extensão Rural - ATER.**

- **Municípios:** Crateús, Independência, Monsenhor Tabosa, Nova Russas, Parambu, Quiterianópolis, Santa Quitéria, Tamboril, Tauá, Pedra Branca, Quixeramobim e Choró Limão.
- **Período:** Janeiro de 2006/ Dezembro de 2009.

- **Ação:** Assistência Técnica junto às famílias e comunidades acompanhadas pela EFA Dom Fragoso.
- **Público:** agricultores/as familiares, assentados/as de reforma agrária e jovens agricultores.
- **Entidades Parceiras:** MDA, UNEFAB, ARCAFAR – Maranhão e EFA Dom Fragoso.

✓ **Projeto COMPRA ANTECIPADA ESPECIAL DA REFORMA AGRÁRIA**

- **Município:** Independência.
- **Período:** Fevereiro de 2007/ Dezembro de 2009
- **Ação:** Aquisição de produtos alimentícios da Agricultura Familiar para oferta da merenda escolar na EFA Dom Fragoso.
- **Público:** Jovens estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio profissionalizante com habilitação em Técnico Agropecuária.
- **Entidades Parceiras:** CONAB, EFA Dom Fragoso e Assentamento Novo Juazeiro.

✓ **Projeto CANADÁ.**

- **Município:** Independência.
- **Período:** Janeiro de 2008/ Dezembro de 2010.
- **Ação:** Apoio aos jovens bolsistas do Ensino Médio Profissionalizante.
- **Público:** jovens camponeses cursistas do Ensino Médio profissionalizante, com habilitação em Técnico Agropecuária.
- **Entidades Parceiras:** NAHUEL LIMITED e EFA Dom Fragoso.

✓ **PROJETO DE APOIO À ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DOM FRAGOSO – FORTALECENDO A EDUCAÇÃO PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO.**

- **Município:** Independência.
- **Período:** março de 2010/dezembro de 2013.
- **Ação:** Acompanhamento Pedagógico da EFA Dom Fragoso aos educandos; Monitoramento e utilização dos espaços referenciais para as aulas práticas – Unidades Produtivas da EFA Dom Fragoso.

- **Público:** Jovens estudantes do Ensino Médio profissionalizante, com habilitação em Técnico Agropecuária e famílias agricultoras acompanhadas pela EFA Dom Fragoso.
  - **Entidades Parceiras:** EFA Dom Fragoso e Projeto Dom Helder Câmara.
- ✓ **Projeto Convivendo, Aprendendo e Semeando – Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais na Agricultura do Estado do Ceará - FETRAECE.**
- **Município:** Independência.
  - **Período:** março de 2010/dezembro de 2013.
  - **Ação:** Apoio aos jovens bolsistas do Ensino Médio Profissionalizante.
  - **Público:** jovens camponeses cursistas do Ensino Médio profissionalizante com habilitação em Técnico Agropecuária.
  - **Entidades Parceiras:** FETRAECE e EFA Dom Fragoso.
- ✓ **Projeto COMPRA ANTECIPADA ESPECIAL DA REFORMA AGRÁRIA**
- **Município:** Independência.
  - **Período:** 2009/2013.
  - **Ação:** Aquisição de produtos alimentícios da Agricultura Familiar para oferta da merenda escolar na EFA Dom Fragoso.
  - **Público:** Jovens estudantes do Ensino Médio profissionalizante, com habilitação em Técnico Agropecuária.
  - **Entidades Parceiras:** CONAB, EFA Dom Fragoso e Assentamento Novo Juazeiro.
- ✓ **Projeto de Beneficiamento do Mel da EFA Dom Fragoso – Província Bonzano ITÁLIA**
- **Município:** Independência.
  - **Período:** 2010/2011.
  - **Ação:** Beneficiar o mel, em sachê, da EFA Dom Fragoso e das famílias, entidades, pessoas participantes do projeto.
  - **Público:** Jovens estudantes do Ensino Médio profissionalizante com habilitação em Técnico Agropecuária, famílias agricultoras e entidades participantes do projeto.
  - **Entidades Parceiras:** Província BOLZANO e EFA Dom Fragoso.

- ✓ **Convênio de Apoio e Ampliação da Escola Família Agrícola Dom Fragoso – SEDUC (Secretaria de Educação do Ceará)**
  - **Município:** Independência.
  - **Período:** 2010/ 2014
  - **Ação:** Contratação de Professores, uso de equipamentos da EFA Dom Fragoso.
  - **Público:** Jovens estudantes do Ensino Médio profissionalizante com habilitação em Técnico Agropecuária.
  - **Entidades Parceiras:** SEDUC e EFA Dom Fragoso.
  
- ✓ **Convênio de Apoio à Escola Família Agrícola Dom Fragoso – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará - EMATERCE**
  - **Município:** Independência.
  - **Período:** 2010/2014.
  - **Ação:** Contratação de Técnicos Agrícolas para atuação nas Atividades Produtivas da Escola e Visitas Técnicas às Famílias Agricultoras integrantes da EFA Dom Fragoso.
  - **Público:** Jovens estudantes do Ensino Médio profissionalizante, com habilitação em Técnico Agropecuária.
  - **Entidades Parceiras:** EMATERCE e EFA Dom Fragoso.
  
- ✓ **Projeto com a S.H.A.R.E para aquisição de água potável e alimentos.**
  - **Município:** Independência.
  - **Período:** 2014.
  - **Ação:** Aquisição de Água Potável e alimentos para a EFA Dom Fragoso.
  - **Público:** Jovens estudantes do Ensino Médio profissionalizante, com habilitação em Técnico Agropecuária.
  - **Entidades Parceiras:** S.H.A.R.E (Canadá) e EFA Dom Fragoso.
  -

**E atualmente está implementando o projeto:**

- ✓ **IRRADIANDO SABERES NO SERTÃO CEARENSE.**
  - **Município:** Independência.

- **Período:** 2014/2015.
- **Ação:** Reforma e ampliação do refeitório e cozinha da EFA Dom Fragoso.
- **Público:** Jovens estudantes do Ensino Médio profissionalizante, com habilitação em Técnico Agropecuária.

**Entidades Parceiras:** FUNDAÇÃO WE WORLD O.N.L.U.S. (doravante We World, antes Intervita - Itália) e EFA Dom Fragoso.

A EFA Dom Fragoso, por meio da Pedagogia da Alternância, dá uma nova dimensão ao ato de aprender, buscando desenvolver a autonomia dos educandos, tornando-os sujeitos de sua própria história.

## **5 O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA**

Este capítulo propõe-se à apresentação dos caminhos percorridos ao longo de todas as etapas deste estudo. Desse modo, procuro descrever o método usado, as técnicas selecionadas para melhor atendimento às indagações feitas no início desta pesquisa, a qual se centraliza na seguinte pergunta: Quais as contribuições do projeto formativo da EFA Dom Fragoso na prática social de seus/suas alunos/as egressos/as.

Com base nessa indagação, saliento que as entrevistas foram feitas primeiro com os membros da escola e, em seguida, com alunos/as egressos/as pertencentes a diferentes comunidades que compõem o universo da escola.

### **5.1 O método, as técnicas e os procedimentos da pesquisa**

Tendo como horizonte de meus estudos a compreensão de que a pesquisa qualitativa caracteriza-se por ser um exercício de cooperação, em que se busca a descoberta do outro, numa interação de procuras e achados (MINAYO, 1994), é que procurei definir a proposta metodológica da pesquisa mediante um estudo qualitativo. Em meio às variadas interpretações que compõem os trabalhos qualitativos, optei por fazer uso da técnica de análise e interpretação dos conteúdos, tendo em vista que esse recurso coaduna com o método dialético (SEVERINO, 2007), verificando que através dele se pode promover um diálogo entre os sujeitos que constroem em seu cotidiano um projeto formativo que possa estar associado à prática educativa voltada para a convivência com o semiárido na EFA Dom Fragoso.

A relevância metodológica do estudo qualitativo reside no fato de ele promover a compreensão e apreensão da multiplicidade de estruturas conceituais de um determinado discurso social, colocando-o numa situação de análise. Conforme esclarece Mattos (2011, p. 123):

O estudo qualitativo constrói uma leitura do que acontece a partir da escolha entre as estruturas de significação determinando sua base social e sua importância, possibilitando ao pesquisador a multiplicidade de estruturas conceituais complexas presentes nas ações sociais.

Compreende-se ainda que esse modelo de pesquisa favorece um diálogo mais intenso com os sujeitos nela envolvidos, pois, de acordo com Anadon (2005, p. 19-20):

esse tipo de pesquisa é flexível na construção progressiva do objeto de estudo, e ajusta-se às características e à complexidade dos fenômenos humanos e sociais. Interessa-se pela complexidade e valoriza a subjetividade dos pesquisadores e dos sujeitos; combina várias técnicas de coleta e de análise dos dados, está aberta ao mundo da experiência, à cultura e ao vivido; valoriza a exploração indutiva e elabora um conhecimento holístico da realidade.

O desenvolvimento da pesquisa ora apresentada teve duas fases distintas e, ao mesmo tempo, complementares. A primeira fase consistiu em realizar um mergulho na literatura que contempla as categorias elencadas para construção da pesquisa, o qual visa a promover um aprofundamento dos assuntos: Práticas Pedagógicas, Pedagogia da Alternância e Práticas Sociais vivenciadas na Escola Família Agrícola Dom Fragoso. Para alcançar esse fim, foi necessária a realização de leituras cuja base estivesse fincada na teoria crítico-libertadora de Paulo Freire, haja vista que esta teoria fundamenta a história de uma educação que esteja voltada para a formação dos educandos, dando-lhes instrumentos para buscarem a transformação de seu meio e de suas formas de vida.

A segunda fase consistiu no trabalho de campo, sendo iniciado na EFA Dom Fragoso, localizada na comunidade de Santa Cruz – Independência/CE, momento em que me foi dada a oportunidade de conhecer todas as dependências da instituição, inclusive o acompanhamento do funcionamento das unidades produtivas e toda a dinâmica de realização de suas atividades cotidianas. Em seguida, fui traçando as estratégias da pesquisa, definindo a forma de realização das entrevistas com os membros da escola e com os/as seus/suas alunos/as egressos/as.

Ainda nessa fase da pesquisa, procurei me apropriar dos documentos oficiais que norteiam as ações da escola. Assim, tive acesso à leitura do Projeto Político Pedagógico elaborado em 2009, bem como àquele reformulado em 2011, tendo oportunidade de verificar as mudanças operacionalizadas no decorrer desse período. Analisei ainda o Currículo Institucional elaborado no início do ano vigente e os exemplares do Informativo Bem Viver, elaborado pelos/as alunos/as no final de cada bimestre.

A primeira visita à Escola ocorreu em janeiro de 2014. Buscava, nesse primeiro momento, apenas o conhecimento de sua estrutura física e o estabelecimento dos primeiros contatos com as pessoas que dela faziam parte. Participei de um momento cultural no fim da tarde (roda de capoeira) e tomei parte na mesa do lanche com os/as alunos/as que ali estavam. Fui acompanhada pelo monitor João Roginaldo, que foi, de maneira informal e paciente, me explicando a forma de organização da escola.

Após esse primeiro contato, fui selecionando quais categorias conceituais poderiam ser enfatizadas na entrevista, para que me fosse possível encontrar os argumentos



que melhor respondessem à indagação do meu trabalho, o qual busca saber: “Quais as contribuições do projeto formativo construído na EFA Dom Fragoso para a convivência com o semiárido dos seus jovens alunos egressos?”.

Depois de várias leituras sobre o assunto, optei por utilizar como estratégia de pesquisa o estudo de caso, pois este poderia se constituir como subsídio para aprofundamento dos conhecimentos sobre as temáticas das categorias abordadas. Triviños (1987, p.133) ressalta que o estudo de caso é “[...] uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente”, isto é, o estudo de caso permitirá estudar de forma cuidadosa a EFA Dom Fragoso, compreendendo suas práticas pedagógicas e a Pedagogia da Alternância que lhes fundamentam.

No decorrer do primeiro semestre, procurei estar presente em diferentes encontros organizados pelo Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Nova Russas, frequentei as feiras de agricultura familiar em diferentes localidades para ver em que medida se faziam presentes os/as alunos/as egressos/as da EFA Dom Fragoso ou que ainda estavam em formação na escola. Participei dos encontros e Assembleias do Povo de Deus, assim denominados os encontros de organização das comemorações dos 50 anos da Diocese de Crateús. A participação nesses momentos levou-me à reflexão do quanto foi importante o trabalho da igreja e das Comunidades Eclesiais de Base para a formação da geração da qual fiz parte.

Em julho de 2014, visitei pela segunda vez a escola, conheci de perto os projetos em desenvolvimento dos/as alunos/as e me apropriei do Projeto Político Pedagógico da Escola, bem como de seu regimento interno. Nesse momento, não fiz entrevistas, apenas me permiti a escuta das histórias de vida dos/as alunos/as presentes. Era período de férias e havia na escola apenas a equipe de estudantes e funcionários escalados para o desenvolvimento das atividades do mês.

Em agosto de 2014, deu-se a realização das festividades de comemoração do jubileu de ouro da Diocese de Crateús, momento em que a cidade sede recebeu os restos mortais de Dom Fragoso, levando a região a fazer diferentes reflexões acerca das lições semeadas pelos trabalhos da Diocese ao longo de sua existência. Nessas comemorações, estabeleci contato com várias pessoas que tinham participado da história de implantação da EFA Dom Fragoso.

Em outubro de 2014, já com autorização para a realização da pesquisa, fui novamente à escola para dar início às entrevistas. Optei pelo tipo de entrevista semiestruturada, em virtude dela apresentar importância para o que propõe este estudo.

Segundo Minayo (1994) e Thompson (1998), esse tipo de entrevista dá oportunidade para a obtenção de dados e informações significativas para o trabalho. Ademais, a entrevista enquanto técnica de coleta de dados é absolutamente complementar à observação que se faz do campo de pesquisa. Haguete (1992, p. 86) coloca que “a entrevista é um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado.” De acordo com Minayo (1994), ela oportuniza o acesso a dados primários e secundários que informam as ideias, sentimentos, maneiras de ser, de sentir, de pensar, as crenças, gestos, preferências presentes e perspectivas futuras. A entrevista possibilita ainda, segundo Minayo (1994, p. 110):

A relação através da fala, das condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesmo um deles) e, ao mesmo tempo, ter a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio econômicas e culturais específicas.

Para compor o registro das entrevistas e todos os acontecimentos subjacentes à concretização da pesquisa, fiz uso do Diário de Campo. Nele, fiz anotações de tudo que fui percebendo nos momentos de entrevista, também nos momentos de visita informal à escola e aos eventos pertinentes ao trabalho realizado no campo. Enfim, registrei no diário o que me pareceu significativo e importante para o estudo. Fiz ainda um álbum de registro fotográfico, pois, a cada lugar que ia para pesquisar, algo novo me chamava a atenção, e eu entendi que, além de escrever sobre minhas impressões, também se fazia importante tomar o registro das imagens.

Comecei por fazer as entrevistas com os membros escolares em outubro de 2014. Na escola, procurei inserir na entrevista a funcionária da cozinha, tendo em vista que ela acompanha o exercício das atividades dos estudantes na elaboração dos pratos e na Casa do Pão. No total, foram entrevistados sete membros da escola, sendo uma coordenadora, duas monitoras, um assessor administrativo, uma assessora pedagógica, um assessor dos trabalhos realizados nas unidades produtivas, a cozinheira, sete alunos/as egressos/as, dois líderes comunitários e uma professora desses/as alunos/as antes da entrada na EFA Dom Frágoso.

O material didático me permitiu apreender as similaridades, fazer inferências e identificar as singularidades de cada entrevistado. Procurei fazer as entrevistas no local onde residem ou trabalham os ex-alunos da EFA para que pudesse colher melhor as informações desejadas. Quanto aos membros da escola, alguns foram entrevistados na escola e outros em seus locais de vivência, como foi o caso do Pe. Machado, cuja entrevista foi feita na Casa Paroquial de Independência. Os líderes comunitários me receberam para entrevista em suas

localidades, fato que me favoreceu maior abertura para aprofundamento das questões levantadas.

Concluído o processo de entrevista e transcrição de falas, fui orientada a compor uma síntese num quadro com os temas e as respostas de cada entrevistando, os quais foram assim definidos: Escola Família Agrícola; Projeto Formativo; Pedagogia da Alternância; e Convivência com o Semiárido.

Segue abaixo a lista de entrevistados com a especificidade de suas formações e funções por ordem de entrevista realizada.

#### **Membros da EFA Dom Fragoso:**

- Taciana Araujo Cavalcante – Pedagoga – Habilitação em Biologia, Especialização em Educação Especial e Educação do Campo. Atuou como monitora e coordenadora da Escola. Exerce no momento a função de Secretária Escolar.
- Idelzuith Sousa Borges – Pedagoga – Habilitação em Geografia, Especialização em Psicopedagogia. É monitora da Escola.
- Antonia Neta da Silva – Teóloga, cozinheira na escola.
- Maria Gorete Alves de Araujo – Pedagoga, atuando na função de Coordenadora Escolar.
- Jefferson Carneiro da Silva (Pe. Géu) – Membro da Comissão Pastoral da Terra. É Assessor Administrativo da Escola.
- Devanir Sampaio Siebra (Irmã Siebra) – Foi professora da escola e hoje atua como Assessora Pedagógica.
- Manuel Bezerra Machado (Pe. Machado) – É representante da Comissão Pastoral da Terra. Acompanha a administração do *campus* da prioridade de produção.

#### **Alunos egressos da EFA Dom Fragoso:**

- Alcides da Luz dos Santos, morador da comunidade indígena Aldeia de Viração – Tamboril/CE.
- Viviane Lima da Silva, moradora do Assentamento Lagoa do Norte – Nova Russas/CE.
- Hélio Felix da Silva, comunidade de Lagoa do Norte – Nova Russas/CE.
- Gonçalo da Silva Neto, comunidade de Irapuá – Nova Russas/CE.

- João dos Santos, comunidade de Recife – Independência/CE.
- Victor Luis Chaves, comunidade de Açudinho – Tamboril/CE.
- Nágila Mendes, comunidade de Riacho Verde – Tamboril/CE.

**Líderes comunitários:**

- Lúcia da Silva Damasceno – Pedagoga, com habilitação em Letras, professora do Ensino Fundamental no Assentamento Lagoa do Norte – Nova Russas/CE.
- Jorge de Oliveira Mesquita – Secretário de Formação Política do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Nova Russas/CE e representante da comunidade de Lagoa do Norte – Nova Russas/CE.
- Jacó Camelo do Nascimento – Secretário da Juventude do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Nova Russas/CE e líder comunitário de Lagedo Grande – Nova Russas/CE.

No processo de organização e análise das informações coletadas, procurei sistematizar os dados em categorias e conceitos pré-estabelecidos para a elaboração do texto. O conjunto do material foi organizado por tópicos. Depois agrupei as falas em torno de temas comuns numa só descrição que faz uma explicação multidimensional. Utilizei a análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), que enfatiza ser a análise de conteúdo das entrevistas a oportunidade de confrontar diferentes visões acerca de uma mesma ideia, dando ao analista suporte para inferir algo através de palavras ou discurso emitido sobre determinada realidade ou grupo social. Optei por fazer a análise dos vários grupos de entrevistados, deixando suas falas convergirem e divergirem sobre o assunto tratado. Esse cruzamento de falas deu-me a oportunidade de entender melhor a forma com que cada grupo vê uma mesma realidade.

Assim as entrevistas compõem a fundamentação do texto, apresentando a riqueza de informações que se vai construindo nas práticas educativas que elaboram o projeto formativo da EFA Dom Fragoso, como algo que proporciona o alargamento de visão de mundo dos/as alunos/as para além da escola e de suas comunidades.

No intuito de melhor compreensão do estudo, foi verificado que a seleção de temas permitiria aos entrevistados maior mobilidade de pensamento nos momentos de entrevista, então procurei selecionar temas que melhor respondessem à questão central que norteia estes estudos. Após a transcrição das falas, foi feito um quadro para melhor visualização das ideias contidas em cada uma das falas. Depois fui observando que algumas temáticas eram bem debatidas por cada entrevistado. Ao fazer a análise da repetição com que

cada temática surgia, decidi selecioná-las para serem as categorias de análise do trabalho. A frequência com que cada uma ia surgindo no decorrer das entrevistas apresentou o seguinte resultado:

Na entrevista com os membros da escola, que totalizavam sete pessoas, ficaram assim constituídos: No primeiro tema, que propunha uma discussão sobre a EFA Dom Fragoso, cinco pessoas abordaram a prática pedagógica, duas mencionaram o valor da Pedagogia da Alternância e seis citaram o significado das Práticas sociais construídas na escola. No segundo tema, que se tratava do Projeto Formativo da EFA, verificou-se que cinco pessoas abordaram a prática pedagógica, uma mencionou a Pedagogia da Alternância e quatro destacaram as práticas sociais construídas a partir da formação na escola. No terceiro tema, que propunha uma reflexão sobre a Pedagogia da Alternância, uma pessoa a relacionou à prática pedagógica, sete discorreram tranquilamente sobre ela e três falaram objetivamente sobre as práticas sociais. No quarto tema, que buscava fazer uma reflexão sobre a convivência com o semiárido, constatou-se que quatro pessoas relacionaram-na as práticas pedagógicas, duas mencionaram a Pedagogia da Alternância e quatro destacaram as práticas sociais ali construídas.

Na que se refere ao grupo dos/as alunos/as egressos/as, foram selecionados dois temas para compor suas falas, ficando assim definidos: no primeiro tema, que se tratava da EFA Dom Fragoso, verifiquei em suas falas que, dos/as sete alunos/as entrevistados/as, cinco mencionaram a dimensão da prática pedagógica da escola, cinco destacaram o valor da prática social ali construída e um fez menção à Pedagogia da Alternância em sua formação. No segundo tema, que se tratava do projeto formativo da EFA, constatei que um aluno o relacionava à prática pedagógica, seis destacaram a relevância da prática social que vão construindo e dois mencionaram o valor da Pedagogia da Alternância ao longo de sua formação.

No momento de análise dos líderes comunitários, selecionei dois do Assentamento Lagoa do Norte – Nova Russas e um da Comunidade de Lagedo Grande, também de Nova Russas. A pergunta para estes se centralizava na busca do entendimento da prática social dos/as alunos/as antes e depois da formação na escola. Verificou-se que são visíveis as mudanças nos/as alunos/as após a formação na EFA, no sentido de que estes se tornam verdadeiros líderes em seus meios.

Após essa análise, ficou evidenciado que as categorias de análise foram definidas nas falas dos sujeitos, ficando assim constituídas: Prática Pedagógica, Pedagogia da Alternância e Práticas Sociais.

Seguem abaixo as falas dos sujeitos condensadas e agrupadas de acordo com os temas e categorias selecionados.

## 5.2 As falas dos sujeitos da pesquisa

**TABELA 1 - ENTREVISTADOS/AS: MEMBROS DA ESCOLA (continua)**

<b>Tema</b>	<b>Resposta</b>	<b>Categoria de Análise</b>
<b>Escola Família Agrícola</b>	A dinâmica de funcionamento da escola é bastante diferenciada, pois são adotadas estratégias de trabalho que promove o crescimento dos/as alunos/as em vários aspectos. O Plano de estudo, que é elaborado pelos/as alunos/as conta com o acompanhamento sistemático dos/as monitores e da família. Ele define ainda o aprofundamento das temáticas levantadas em estudo realizadas na escola e abre as possibilidades para maior envolvimento da família nas atividades escolares de seus/uas filhos/as.	<b>Prática Pedagógica</b>
<b>Projeto Formativo</b>	As práticas de estudo na escola contribuem para uma formação consciente, pois faz a ligação do que se aprende na escola com o que é vivenciado no campo. O tema da pesquisa que se desenvolve ao longo de toda a formação é indicado pelos próprios alunos/as e está sempre de acordo com suas realidades. Aprende-se a conviver com as adversidades e superá-las.	<b>Prática Pedagógica</b>
<b>Pedagogia da Alternância</b>	A Prática pedagógica em alternância colabora para uma aprendizagem tanto no campo da escola quanto no meio em que vivem os/a educandos/as. Há uma interação entre a escola e a comunidade, pois a família participa de todo o processo de aprendizagem de seus/uas filhos/as.	<b>Prática Pedagógica</b>
<b>Convivência com o semiárido</b>	A escola prima pelo diálogo e respeito entre as pessoas, e entre estas e o meio, incentivando as práticas de convivência com o semiárido, construindo técnicas de manejo com a terra, dela extraíndo o melhor sem tampouco causar-lhe agressão.	<b>Prática Pedagógica</b>
<b>Escola Família Agrícola</b>	O que faz a diferença na escola é o uso de práticas pedagógicas diferenciadas, que encontram suporte no método de alternância, esse método dá suporte às atividades numa dimensão jamais imaginada, pois integra o trabalho de casa com o trabalho da escola.	<b>Pedagogia da Alternância</b>
<b>Projeto Formativo</b>	O Plano de Estudo é o centro do projeto formativo da EFA, ele garante que a formação aconteça em diferentes espaços de vivência dos/as educando/as. A Pedagogia da Alternância é o que proporciona o desenvolvimento de várias estratégias de ensino em todo o decorrer da formação.	<b>Pedagogia da Alternância</b>
<b>Pedagogia da Alternância</b>	A Pedagogia da Alternância promove um trabalho pedagógico baseado em três momentos da vida do/a educando/a: sessão escolar, sessão familiar e sessão comunidade. Uma formação que acontece em três momentos, mas de forma integrada colabora para a formação do educando/a transformadora.	<b>Pedagogia da Alternância</b>

**TABELA 1 - ENTREVISTADOS/AS: MEMBROS DA ESCOLA (conclusão)**

<b>Convivência com o semiárido</b>	A Pedagogia da Alternância dá mobilidade para o conhecimento do meio, esse conhecimento suscita a vontade de intervir sobre a realidade. E essa intervenção passa pela necessidade de aprender a conviver no e com o semiárido.	<b>Pedagogia da Alternância</b>
<b>Escola Família Agrícola</b>	A EFA abre as portas para a construção e o exercício de práticas sociais diferenciadas, à medida que promove a identificação dos educando/as com o seu meio, dando a eles/as conhecimento para desenvolver a autonomia e o espírito de coletividade e cooperação.	<b>Prática Social</b>
<b>Projeto Formativo</b>	O projeto formativo da EFA propõe aos estudantes a realização de pesquisa em suas comunidades, compondo com ela um Plano de Estudo que lhes auxilia na construção de um olhar crítico sobre os acontecimentos sociais. Essa consciência crítica é o que os inspira a busca pela transformação de suas realidades.	<b>Prática Social</b>
<b>Pedagogia da Alternância</b>	O trabalho em alternância leva os/as estudantes a compreender melhor sua comunidade e a refletir melhor sobre seus problemas. A escola procura sempre dar um sentido aos conteúdos programáticos estudados em sala de aula, para que o este possa sempre estar à serviço da transformação da realidade.	<b>Prática Social</b>
<b>Convivência com o semiárido</b>	A convivência com o semiárido é trabalhado desde à entrada dos/as alunos/as na escola, então o que é aprendido na escola é levado para ser compartilhado na comunidade, no intuito de melhorar cada vez mais a relação de toda a família com o seu meio.	<b>Prática Social</b>

**TABELA 2 - ENTREVISTADOS/AS: ALUNOS/AS EGRESSOS (continua)**

<b>Tema</b>	<b>Resposta</b>	<b>Categoria de Análise</b>
<b>Escola Família Agrícola</b>	A EFA não é apenas uma escola, ela é um lugar que cuida de toda a formação de seus/as alunos/as. Lá não é apenas o conhecimento formal que é levado em conta, são consideradas importantes todas as atividades pedagógicas desenvolvidas no decorrer de todo o curso. Além das atividades de casa e da escola, ainda são feitos estudos nos momentos de serão, algo que engrandece a formação de todos.	<b>Prática Pedagógica</b>
<b>Projeto Formativo</b>	Depois que se aprende o sentido de tudo o que há num lugar, há um despertar de consciência que faz brotar o encanto pela terra, pela cultura e por tudo que pode ser desenvolvido no lugar. Aprender alternando os momentos de estudo dá uma dimensão maior para o ato de estudar.	<b>Prática Pedagógica</b>
<b>Escola Família Agrícola</b>	As regras de convivência na escola conduz a construção de um bem viver que deve ser compartilhado na comunidade e no trabalho. As desigualdades do mundo passam a ser percebidas, mas de um jeito diferente, pois a EFA ajuda na construção de uma prática que não se contenta só com reflexão, é preciso agir para transformar.	<b>Prática Social</b>

**TABELA 2 - ENTREVISTADOS/AS: ALUNOS/AS EGRESSOS (conclusão)**

<b>Projeto Formativo</b>	O projeto formativo da EFA forma os/as educando/as por dentro, nasce em cada fase de trabalho lá a vontade de intervir sobre o mundo, cooperando em todos os ambientes para a construção de um mundo melhor.	Prática Social
<b>Escola Família Agrícola</b>	A alternância permite entender os dois espaços de aprendizagem da formação do/a educando: a escola e a comunidade, sem, no entanto ficar restrito à contemplação do que nele ocorre, mas fazendo intervenção para mudar o que não está bom.	Pedagogia da Alternância
<b>Projeto Formativo</b>	O Projeto formativo proporciona o conhecimento da realidade. Integrar o que é estudado na escola ou nas unidades produtivas às experiências dos/as alunos em suas comunidades eleva o potencial de compreensão de mundo.	Pedagogia da Alternância

**TABELA 3 - ENTREVISTADOS/AS: ALUNOS/AS EGRESSOS**

<b>Tema</b>	<b>Resposta</b>	<b>Categoria de Análise</b>
<b>Formação dos/as alunos/as ANTES da EFA</b>	Os/as alunos/as eram acanhados/as, resistiam à participação nas reuniões políticas realizadas nos assentamentos onde moravam, diziam que não queriam trabalhar no campo, porque era um trabalho pesado. Desejavam apenas concluir o Ensino Médio para irem trabalhar em outros lugares que fossem distantes do meio rural	Prática Social NÃO TRANSFORMADORA
<b>Formação dos/as alunos/as DEPOIS da EFA</b>	Depois que os/as alunos/as entraram na EFA começaram a ter atitudes diferentes em suas casas e nas comunidades. Aos poucos iam despertando o interesse por todo o desenvolvimento do lugar, faziam apontamentos, sugeriam novas práticas de manejo com a terra. Nas reuniões eles passavam a ser líderes das discussões políticas.	Prática Social TRANSFORMADORA



## **6 A ESCOLA E A CASA COMO ESPAÇO FORMATIVO DA EFA**

Este capítulo tem como proposta promover uma reflexão acerca das categorias conceituais selecionadas para organização geral do trabalho, as quais se fundamentam nas discussões da Prática Pedagógica, Pedagogia da Alternância e Prática Social construída pelos/as alunos/as egressos/as da EFA Dom Frágoso por meio do seu projeto formativo.

Nessa perspectiva, a educação é um processo que compreende a formação do ser humano desde o seu nascimento, o acompanhando por toda a sua vida. Para tal modo de conceber a educação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, de Nº 9394/96, faz diferentes menções aos variados espaços de aprendizagem sobre os quais pode atuar o sujeito aprendiz.

No parágrafo segundo do artigo primeiro da LDB, a educação está vinculada às relações que ocorrem no espaço de trabalho e nas práticas sociais exercidas pelas pessoas no cotidiano de suas vidas. Esta proposta é reforçada no artigo treze, inciso VI com a declaração de que é incumbência do professor “colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade”.

Colocada na lei como princípio norteador do ensino, a valorização das experiências vivenciadas fora do contexto escolar indica a necessidade de integrar os conhecimentos definidos na organização curricular do ensino com aqueles elaborados no convívio familiar, comunitário e social dos estudantes.

Para melhor entendimento das discussões aqui apontadas, faço uma explanação da Prática pedagógica da Escola Família Agrícola Dom Frágoso, cujo método se baseia na Pedagogia da Alternância, com ênfase nas Práticas Sociais construídas a partir de seus objetivos educativos.

### **6.1 A Prática Pedagógica**

A relação entre escola-família-comunidade se faz necessária para a constituição das práticas pedagógicas desenvolvidas na EFA Dom Frágoso durante todo o processo formativo de seus/uas alunos/as. O afinamento da relação entre as experiências vivenciadas nestes espaços contribui para a criação de um jeito novo de aprender, o qual compreende a educação como um processo que busca envolver o educando no compromisso de transformar sua realidade. Conforme consta no PPP da escola:

A melhor maneira de refletir é pensar a prática e retornar a ela para transformá-la, pensar o concreto e não pensar os pensamentos. A formação autêntica promove a autonomia e a dialogicidade. (PPP. EFA Dom Frágoso, 2011, p. 09).

Nessa perspectiva, torna-se fundamental a compreensão das atividades que alicerçam as suas práticas pedagógicas, as quais se desenvolvem por meio de metodologias de trabalho bem específica.

Tomo como início de discussão dessas metodologias o Plano de Formação, que é o elemento pedagógico principal no desenvolvimento das atividades de estudo na EFA, haja vista que é ele que assegura a implantação do regime de alternância, favorecendo a articulação dos vários elementos didáticos e pedagógicos de que dispõe a organização dos seus trabalhos. Furtado (2004) analisa o Plano de Formação como um meio de contextualizar a formação, porque faz uma sequência organizada das atividades realizadas no meio escolar e no meio familiar, ao mesmo tempo em que cria mecanismos de interação que permite a família e a comunidade um relacionamento com os conhecimentos escolares. Assim, na escola se aprende sobre a comunidade e a comunidade passa a assimilar assuntos que são discutidos na escola.

A elaboração do Plano de Formação é feita pela equipe pedagógica da EFA, com a colaboração de assessores das instituições parceiras e dos Conselheiros/as da Unidade Educativa. Nele são contemplados os problemas locais, a situação ambiental, a dimensão cultural, o potencial de produção local e as práticas produtivas nele existentes. É organizado em temas geradores, envolvendo todas as disciplinas ministradas no Curso oferecido pela EFA. Os conteúdos curriculares estão distribuídos de modo progressivo, organizado de forma interdisciplinar e tendo por base os temas geradores. Nos conteúdos, constam ainda os objetivos de cada tema e a descrição das atividades a serem desenvolvidas nas sessões escolares, familiares e comunitárias.

O Plano de Formação é composto por um conjunto de elementos didáticos e pedagógicos que se integram através de uma organização temática que compõe a união das diferentes experiências vivenciadas pelo/a educando/a ao longo de sua formação, revelando a coerência entre as finalidades, os objetivos e procedimentos adotados. Os instrumentos didáticos, metodológicos e pedagógicos que dão corpo ao Plano de Formação são: “Plano de Estudo; Colocação em Comum; Caderno da Realidade; Visitas de Estudo; Visita às Famílias; Estágio Profissional e Projeto Pessoal.” (Projeto Político Pedagógico - EFA Dom Frágoso, 2011).

Essa prática pedagógica possibilita aos estudantes o conhecimento sobre o seu cotidiano e a construção de diferentes interpretações do que nele ocorre, pois as reflexões suscitadas a partir da estratégia metodológica denominada Plano de Estudo levam a formação de um pensamento crítico sobre as atividades que são desenvolvidas no dia a dia de sua comunidade. Sobre esse aspecto, Mattos (2011, p.196) expõe que

É por meio do Plano de Estudo que as vivências do cotidiano dos/as estudantes, das famílias, das comunidades e do meio socioprofissional são evidenciadas, resgatadas, explicitadas e socializadas no espaço escolar e utilizadas como ponto de partida e motivação do processo educativo desenvolvido na EFA. Ele oportuniza encontros, diálogos, relações e confrontos com os seus pares, familiares contemporâneos e ancestrais e contribui para que o/a estudante possa captar e entender melhor o ambiente onde cresceu onde viveu e vive as suas dimensões, as suas riquezas, os seus limites, que possam leva-lo/a a descobrir o que há de extraordinário sob a banalidade e a naturalidade do seu cotidiano.

O Plano de Estudo pede o uso da metodologia Colocando em comum, que consiste no momento em que é feita na escola a socialização dos temas trabalhados por cada educando/a no seu Plano de Estudo.

O caderno da realidade consiste em fazer o registro de tudo o que é percebido pelo/a educando/a em seu entorno, isso lhe dá a possibilidade de refletir e agir de forma mais pensada sobre o meio.

As visitas às famílias e às comunidades têm o objetivo de aproximar, cada vez mais, a escola da vida do/da estudante. É feito pelo monitor, que, além de ficar conhecendo de perto a vida de seu/ua aluno/a, ainda auxilia a família a compreender a importância de manter as mesmas rotinas de estudo desenvolvidas na escola.

O Projeto de formação pessoal do jovem leva em consideração a vida social do educando/a e faz uso de uma metodologia que o ajuda a descobrir o verdadeiro sentido de sua formação e a construir a sua autonomia enquanto sujeito pertencente a um grupo social específico.

A busca pela construção da autonomia dos jovens, pertencentes ao meio rural, caracteriza a busca pela transformação do olhar sobre o campo. Nesse sentido, a Pedagogia da Alternância, método usado no desenvolvimento das atividades pedagógicas da EFA, traz em sua base a importância da família para a construção desse processo. De acordo com Garcia-Marirrodriaga (2010, p. 27):

a Pedagogia da Alternância baseia-se nos seguintes princípios: a responsabilidade e o compromisso das famílias, a pedagogia apropriada ao meio e uma formação integral capaz de contribuir com o desenvolvimento local e de possibilitar a participação ativa de todos ao seu redor.

Na perspectiva da Prática Pedagógica da EFA, a integração da família do educando com a escola leva ao entendimento de que aprender é um caminhar contínuo, no sentido pedagógico, para o qual o sujeito caracteriza-se como produto e produtor de seu caminho e de seu caminhar, “empreendendo o processo educativo como parte integrante e integrador de suas relações com o mundo” (PPP – EFA Dom Fragoso, 2011, p15). Compreende-se, assim, o sujeito aprendiz como alternante, que como caminhante autônomo torna-se interdependente de outros sujeitos, considerados parceiros de sua aprendizagem. Conforme é apontado por Morin (2003, p.66)

esta autonomia se alimenta da dependência; nós dependemos de uma educação, de uma linguagem, de uma cultura, de uma sociedade, dependemos claro, de um cérebro, do mesmo produto de um sistema genético, e também de nossos genes e da nossa motivação interior.

Desse modo, considero importante o entendimento dos princípios que estão na base do trabalho pedagógico do projeto formativo da EFA, o qual procura contextualizar o conhecimento por meio de práticas pedagógicas que levem em conta a busca diária de formação da consciência crítica e do sentimento de saber-se pertencente a um lugar, cuja realidade se materializa na ação das pessoas que sobre ele atuam. Isso promove o comprometimento com o local e com a sua própria formação. Sobre isso, Freire (2005, p. 46) esclarece que

conscientização não é exatamente o ponto inicial do comprometimento. A conscientização é mais um produto do comprometimento. Não tenho que ser criticamente autoconsciente para lutar. Ao lutar, e me reconhecer como sujeito da luta é que me torno consciente.

A consciência é que faz engendrar na prática diária de suas atividades o compromisso com cada proposta apontada nas metodologias de trabalho da EFA, que traz impressa em seu Projeto Político Pedagógico a proposta de convivência com o semiárido, por esta se constituir como referência para se pensar os processos pedagógicos, os objetivos, as metodologias, os conteúdos e a formação para consolidação da educação que se deseja para os jovens da escola. Assim, compreender o papel e o sentido da convivência a partir dos fundamentos epistemológicos da Pedagogia da Alternância é fundamental para que se entenda o sentido que a educação e o sentido que a convivência assumem no, para e com o semiárido e sua sustentabilidade. De acordo com Braga (2004, p. 25 *apud* KUSTER; MATTOS, 2004),

as experiências educativas desenvolvidas pelos diversos autores no contexto do SAB centram sua intervenção educativa na dimensão da convivência com o semiárido. O processo educativo é desenvolvido na perspectiva de uma pedagogia da convivência,

isto é, a formação do ser humano é pensada e conduzida segundo algumas práticas e vivências fundamentais, que, combinadas e articuladas matizam a convivência.

Ao adotar o método da Pedagogia da Alternância em suas práticas pedagógicas, a EFA coloca como cerne de suas atividades o desenvolvimento da pessoa humana, levando em consideração a formação integral do sujeito e o desenvolvimento do meio em que este atua, procurando adotar as experiências de vida dos/as educandos/as como suporte para construção de sua aprendizagem. Conforme Mattos (2011, p. 190),

a alternância tem como finalidade, de um lado, formação integral da pessoa e, de outro, contribuir para com o desenvolvimento do meio. Ela significa uma trajetória permanente entre a escola e a vida e tem, na experiência, o suporte e o ponto de partida de todo o seu processo formativo e de aprendizagem.

Essa prática leva à necessidade do conhecimento do espaço local para entender o universo global, redimensionando a visão que se tem sobre as potencialidades de reinventar as diferentes formas de vida do lugar onde se vive. Assim, compreende-se que as transformações econômicas e geográficas do lugar ocorrem mediante a participação ativa e consciente das pessoas que nele vivem. A esse respeito, Araújo (2011, p. 71) coloca que

analisar o lugar para entender seu espaço no global é apreender que a localidade é fruto da participação de quem produz o momento histórico e, por conseguinte, o espaço geográfico, ou seja, espaço transformado pela sociedade historicamente, fruto de uma sociedade em contradição, onde os grupos dominantes impõem seu pensamento e maneira de vida para todos os diferentes lugares, o que aos poucos pode descaracterizá-los enquanto espaços com suas identidades.

Direcionar os estudos para o conhecimento dos/as estudantes sobre sua cultura e sobre a dialética aí engendrada traz para o cerne do processo educativo as reflexões sobre suas realidades, invertendo a forma vertical de diálogo comumente aplicada nas escolas convencionais, cujas reflexões partem de pontos distantes das realidades vivenciadas pelos/as alunos/as. Assim, a escola busca construir no espaço escolar momentos que envolvem o trabalho na sala de aula com atividades individuais e em grupos, e momentos de trabalho nas diferentes unidades produtivas que compõem todo o território escolar.

Na sala de aula, é feito um horário para estudo de cada disciplina que compõe a grade curricular. Já o trabalho nas unidades produtivas é definido entre a equipe de monitores e estudantes. Antecipadamente, é feita uma escala por turma de estudantes e a equipe fica responsável por uma unidade durante três meses, o que equivale a 03 períodos no tempo escolar.

As atividades desenvolvidas nas unidades produtivas tem o objetivo de levar o/a aluno/a ao exercício prático dos saberes orientado pelos professores no tempo de sala de aula

e são acompanhadas por monitores, além disso, tudo o que é produzido nas unidades produtivas é consumido na escola, o que garante a sustentabilidade e a segurança nutricional da escola.

Em cada unidade produtiva, os/as alunos/as aprendem o que é fundamental para seu funcionamento. Assim, nas unidades produtivas de criação de animais, eles/as aprendem cuidados necessários para a saúde dos bichos e seu desenvolvimento, desse modo, eles aprendem a cuidar do manejo, da higiene, da procriação, da alimentação, do período de castração e de vacinação. Na padaria, eles/as aprendem a preparar a massa e a fazer o pão que é consumido na escola, bem como sua composição química e nutricional. Nas hortas, adquirem o conhecimento a respeito das plantas, cuidam do abastecimento de hortaliças na cozinha e compreendem sua importância na composição de uma alimentação saudável.

É importante destacar que, no início deste ano, houve um replanejamento das atividades feitas nas Unidades produtivas no sentido de melhorar sua produtividade, diminuindo os gastos com a água, fazendo uso de práticas agrícolas que possam favorecer a diminuição dos índices de evaporação, como a adubação com o uso de esterco e cobertura seca. Esse repensar se faz necessário porque o período chuvoso não traz promessa de água em abundância, logo é preciso priorizar a água para o consumo humano, o que acarreta a diminuição de seu uso nas unidades, sobretudo nos seus rebanhos, que se resumem em: 58 ovinos, 21 caprinos, 23 suínos, 14 bovinos, 36 galinhas, 05 patos, 02 gansos, 12 colmeias povoadas e 184 alevinos na mandala.

A forma como é organizada a rotina das atividades pedagógicas é bastante diferenciada do que ocorre em escolas convencionais, pois há todo um cuidado para as orientações de aproveitamento adequado do tempo, como descreve a monitora Idelzuíth:

Nossos alunos/as assim como nós monitores vamos aprendendo na dinâmica de funcionamento da escola a fazer uso acertado de nosso tempo sem atropelo, mantendo a tranquilidade de quem sabe dominar o tempo. Logo cedo já é definido pelo toque do sino as ações do dia. (Idelzuíth Sousa Borges – Monitora da EFA Dom Fragoso).

É importante destacar que todas as atividades de rotina da escola são acompanhadas pelo monitor<sup>8</sup> do dia, que marca o tempo com o tocar sistemático do sino, além de lembrar os horários em que devem acontecer todas as atividades do dia. Os horários são assim definidos:

6 h – acordar os estudante para higiene pessoal; 6h 15 min momento de oração; 6 h 30min – café da manhã; 7h – aula de campo; 8h – banho e preparação para sala de aula; 10h 30 min – lanche da manhã; 10h 40 min – retornam para sala de aula; 11h 40min – almoço e descanso; 13 h – sala de aula; 15h – lanche; 15h 10min – sala de

aula; 16h 10 min – aula de campo; 17h 20 min – tempo livre; 18h 30min – banho; 18h 45min – jantar; 19h 30 min – serão; 21h – preparação para o repouso; 22h – repouso. (Idelzuíth Sousa Borges – Monitora da EFA Dom Fragoso).

A rotina da escola colabora para a formação da pessoa em diferentes aspectos, os/as estudantes aprendem, de forma responsável e madura, a coordenar o pensamento para a participação em variados espaços de aprendizagem dentro e fora do ambiente escolar.

A organização Curricular é feita de acordo com a legislação em vigor, seguindo as orientações da Proposta pedagógica de Alternância. O Plano de Formação organiza os instrumentos metodológicos e as alternâncias, isto é, o período de desenvolvimento das atividades na escola e em casa, junto aos familiares e comunitários.

O Plano de formação possui duas lógicas de atuação: uma expressa pela experiência dos educandos, levando em conta a sua atuação e exercício de responsabilidades familiares e regionais, e outra que é constituída por aspectos escolares. Assim, ele contém três partes denominadas de: conteúdos vivenciais, “os temas de estudo, a colocação em comum, as visitas de estudo, atividades de retorno e experiências” (PPP EFA Dom Fragoso, 2011, p.13); Conteúdos da Base Nacional Comum, destinadas à formação geral: “Língua Portuguesa, Língua Estrangeira –Inglês e Espanhol, Artes Regionais, Educação Física, Matemática, Química, Física, Biologia,, História, Geografia, Filosofia, Sociologia e Formação Humana” (PPP EFA Dom Fragoso, 2011, p.13); Conteúdos da Base profissional, que são destinados à orientação específica como: “Agricultura, Zootecnia, Instalações e Construções Rurais, Economia e Administração Rural, Horticultura, Artesanato, Agroindústria Familiar e Planejamento de Projetos.” (PPP EFA Dom Fragoso, 2011, p.14)

Nesse sentido, compreendo que o currículo articula os aspectos gerais e profissionais com as dimensões de desenvolvimento da pessoa humana, “buscando desenvolver nos(as) estudantes as capacidades de iniciativa, criatividade, trabalho em grupo, senso de responsabilidade e de solidariedade.”(SILVA; MORAIS;BOF, 2006, p.84)

O Plano de Formação tem um Eixo Gerador para cada ano, nos quais serão baseados os temas do plano de Estudo, que é o ponto de partida do processo de aprendizagem. Como esclarece os apontamentos do Projeto Político Pedagógico da escola.

De acordo com o Plano de Formação e o Currículo da EFA Dom Fragoso os Planos de Estudo constituem-se como início do processo de ensino-aprendizagem. Neste caso, as matérias ou áreas de conhecimento estão a serviço do aprofundamento dos temas.(PPP EFA Dom Fragoso, 2011, p.15).

A organização curricular garante ao educando uma visão sistemática do conhecimento e a Pedagogia da Alternância com seus instrumentos metodológicos que

facilitam e otimizam a aprendizagem, ao partir da realidade prática do educando para o aprofundamento teórico em sala de aula, dela saindo instrumentalizado para melhorar sua prática ou modificá-la.

Na EFA Dom Fragoso, o Plano de Estudo é uma estratégia importante para a integração do tempo escolar ao tempo sócio-profissional. A cada período vivenciado nos espaços de atuação do educando, isto é, no espaço familiar, no espaço comunitário e no espaço escolar desenvolve-se uma pesquisa a partir de um tema previamente selecionado de acordo com o diagnóstico da comunidade, devendo ser continuado em cada série de estudo do educando/a, conforme consta no PPP da escola.

O Plano de Estudo envolve experiência e observação reflexiva. Estes planos tem continuidade quando o aluno encontra-se em seu meio. A formalização das observações sobre a experiência se dá no espaço escolar. Os conteúdos curriculares formais são trabalhados após a colocação em comum dos conhecimentos empíricos vividos e refletidos pelos educandos. O processo não para na contextualização. “Ele continua através do plano seguinte, ou seja, da aplicação ativa no meio onde vive o educando.” (PPP- EFA Dom Fragoso, 2011, p.17).

Ao trabalhar na perspectiva metodológica de regime em alternância, a EFA Dom Fragoso apresenta uma estrutura curricular diferenciada, apropriada à realidade concreta dos educandos/as, buscando a interação do/a aluno/a com a sua própria formação. Neste projeto formativo, o/a aluno/a deixa de ser aluno/a e passa a ser um agente ativo neste meio escolar e no seu meio familiar e sócio profissional.

Neste ritmo de alternância, os dias são alternados, 12 dias na escola e 08 dias na comunidade ou meio sócio profissional. São 10 sessões na família e 10 sessões na escola, fazendo cumprir os 200 dias letivos e às 1200 horas anuais.

As sessões em casa são consideradas como tempo letivo. O Parecer 01/2006 do Conselho Nacional de Educação assegura esta prática que há mais de 40 anos vem sendo realizada nos Centros Familiares de Formação em Alternância (CEFFAs) através das Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) e Casas Familiares Rurais (CFRs) do Brasil. Esta forma de ensino também tem amparo legal no artigo 23 da LDB 9394/96.

A integração das atividades realizadas no tempo-escola e no tempo-comunidade é feita mediante o Plano de Estudo, já mencionado neste tópico de estudo. Ele possibilita a articulação entre esses tempos seguindo 12 passos que começam na sessão escolar, vai para o meio sócio profissional, retorna à sessão escolar e se encerra no meio comunitário, momento em que são apresentados à comunidade os benefícios dos estudos desenvolvidos na EFA. Apresento aqui os passos do Plano de Estudo, delineado no Projeto Político da Escola.



1º - preparação da equipe. 2º motivação para elaboração do roteiro da pesquisa; 3º preparação para a pesquisa; 4º realização da pesquisa; 5º descrição- registro escrito das observações; Após esses passos é feito o retorno a sessão escolar, seguindo os seguintes passos: 6º acolhida dos educandos e apreciação do Plano de Estudo; 7º Colocação em comum; 8º Organização do Caderno da Realidade; 9º Planejamento Interdisciplinar na equipe educativa- contextualização; 10º as aulas e os exercícios; 11º conclusão sobre o tema em questão; 12º aplicação no meio sócio profissional. (PPP EFA Dom Fragoso, 2011, p. 19).

Além das sessões de aula e implementação do Plano de Estudo, outras atividades compõem a sessão escolar, como os serões, as práticas esportivas, o incentivo à leitura e pesquisa na biblioteca, atividades domésticas na cozinha, a limpeza dos espaços internos e externos do ambiente escolar, as avaliações, que são realizadas de forma constante através de diferentes meios, que vão desde fichas cumulativas, usadas para realizar um acompanhamento individual dos alunos, até técnicas de avaliação grupal, seja em nível de conteúdos seja em nível de ambiente educativo, envolvendo a vida em grupo.

Com o olhar voltado para a formação integral dos/as educando/as, a EFA vem, através de práticas pedagógicas diferenciadas, descortinando saberes até então desconhecidos pelas pessoas da região semiárida de Crateús, como o cultivo de técnicas simples de armazenamento de sementes e cuidados com o solo, fortalecendo a voz dos sertanejos que clamam pela adoção de políticas públicas que venham a proporcionar o desenvolvimento econômico desta região.

Para compreender o papel desempenhado pela pedagogia da alternância na concretização das atividades pedagógicas da EFA, procuro fazer uma incursão na história de sua criação e formação ao longo de sua existência.

## **6.2 A Pedagogia da Alternância**

As lutas e defesas dos movimentos sociais a favor de uma formação diferenciada para os estudantes do campo e da cidade fez nascer, no corpo geral da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394/96, o princípio básico de que deve haver “vinculação entre educação escolar, o trabalho e as práticas sociais” (art. 3º, XI). Neste artigo, a Lei ainda discorre, no inciso X, sobre a valorização das experiências extraescolares como forma de interação entre educador/educando e orientação de ensino-aprendizagem.

A educação em alternância nasce no contexto da educação brasileira com a finalidade imediata de fazer cumprir os princípios da lei e para criar novas possibilidades de interação com o conhecimento em diferentes espaços de vivência dos educandos.

Ao propor um estudo mais sistemático da Pedagogia da Alternância, tomo como referência a história de sua formação para que me possa ser possível compreender as contribuições por ela apresentadas na construção da humanização dos trabalhos ligados à terra, bem como de fundamentação da práxis educativa<sup>9</sup>.

Para alcançar um nível de compreensão dessa pedagogia, convém ressaltar que o regime de alternância nasceu no ano de 1935, a partir da insatisfação sentida pelos adolescentes em Serignac – Peboudou, pequeno vilarejo da França, que demonstravam interesse em promover o desenvolvimento do lugar em que viviam, o que resultou em uma forma eficiente de pensar as relações do campo, capitaneadas por um padre e três agricultores da região, denominadas CEFFAS<sup>10</sup>.

Na França, a experiência é denominada Maison Familiale Rurale (MFR)<sup>11</sup>, já na Espanha e na Itália é denominada Escola Família Agrícola (EFA).

A organização da primeira MFR em Luezen, no ano de 1937, foi o resultado de infinitos debates e diversas reflexões no universo camponês da França, desde a segunda década do século XX, assim como de um período de rica experiência de dois anos na pequena Aldeia de Serignac - Peboudou.

O eixo central destas organizações foi construído pelo envolvimento comprometido com a transformação da forma de vida das pessoas moradoras do campo daquela região e daquele momento histórico.

Conforme esclarece Garcia-Marirrodriaga (2010, p. 21-22)

A influência de um sacerdote rural - o padre Granereau - de uma organização agrícola - o Secretariado Central de Iniciativa Rural (SCIR) - e de alguns pais de adolescentes dedicados à agricultura e comprometidos em movimentos sindicais, liderados por Jean Peyrat, primeiro presidente de uma MFR da história foram decisivas.

O pensamento de que o modelo de escola - até então instituído naquele meio - não correspondia às necessidades de quem vivia no e do campo fez brotar a esperança de lançar um olhar de coragem para fazer nascer uma escola que tivesse em toda a sua formação uma base de identidade com o meio rural, sem, tampouco, perder de vista a apropriação dos saberes elaborados cientificamente e os valores que norteiam a formação humana e cidadã dos sujeitos. De acordo com Begnami (2004, p.32), “a alternância, desde o início, foi considerada

<sup>9</sup> Segundo Soares (2012), a práxis é a própria afirmação do ser como sujeito da vida humana e natural, na qual o humano harmoniza o natural e o natural constitui um elo ineliminável com o humano.

<sup>10</sup> Utilizaremos a denominação CEFFA (Centros Educativos Familiares de formação por Alternância), que descreve as escolas rurais distribuídas em mais de 40 países dos 05 continentes (Garcia-Marirrodriaga/2010).

<sup>11</sup> Casas Familiares Rurais - termo utilizado para dar informação sistematizada a respeito do início de formação dos movimentos rurais em português (Garcia-Marirrodriaga/2010).

pelos agricultores, a forma mais adequada de organização dessa escola em função do ritmo do campo e do Plano de Estudo”.

A força de vontade de Jean Peyrat, do Padre Granereau e do agricultor Couvreur foram fundamentais para a criação dos MFRs. No entanto, o fator principal que alavancou os primeiros passos desta iniciativa se deu quando um jovem agricultor, pré-adolescente ainda, não pode suportar por mais tempo a desmotivação que lhe conferia uma escola que pouco correspondia às suas aspirações.

Yves Peyrat, um filho de Jean, havia recebido seu certificado em 1934, seu pai construía sonhos de sucesso profissional para seu filho que necessitava passar pelos saberes escolares. Entretanto, Yves não tinha motivação para a escola, o que causou grande decepção e preocupação em seu pai, que procurou o padre do lugar para desabafar, mantendo com este um interessante diálogo, aqui reproduzido para exemplificar o nascimento desta nova forma de conceber a educação.

-Yves não quer ir a escola superior. É uma desgraça, porque aos doze anos ainda não acabou de se formar.

-Nem tudo está perdido. Existem outras escolas - disse o pároco. Escolas do Estado, Escolas livres, há escolas de Marmande, por exemplo.

-Sim, tudo isso está muito bem para formar as pessoas da cidade, mas não para formar agricultores.

-Existem as escolas de agricultura; Existem uma em Fazanes, a trinta quilômetros de tua casa.

-Quantos agricultores autênticos - prosseguiu Jean Peyrat - você tem visto sair da Escola de Agricultura? Além disso, é muito cara. Sempre acontece igual conosco: ou instruir-se, abandonar a terra e seguir desenganados, ou não abandonar a terra e continuar ignorantes por toda a vida.

-Existem também cursos por correspondência...

-Isso não é mais que um paliativo que não resolve o problema.

-Mas então, e se eu mesmo fizer o trabalho?

-Ele sozinho vai se aborrecer, o remédio seria pior que a doença.

-E se encontrar outros?

-Então encontre outros, senhor padre, meu filho será o primeiro.

(GARCIA-MARRIRODRIGA, 2010, p. 24)

De modo simples, natural e comprometido com o nascimento de um jeito novo de se educar pela e com os saberes da escola, se deu início na França às MFRs, que vieram a favorecer a construção de diferentes formas de conviver com realidades ásperas e duras do semiárido, cuja beleza e delicadeza só se permitem sentidas quando examinadas bem de perto, só assim é possível enverdecer o chão que se transforma à luz do olhar da consciência.

Na perspectiva de Gimonet (2007), esse pequeno grupo de agricultores criou, em certa medida de forma empírica, uma estrutura de formação cuja responsabilidade está na família e no local onde reside o estudante. O grupo toma como ponto de partida a ideia de que o conhecimento está na vida cotidiana, nas experiências de trabalho, nas atividades culturais,

e que o espaço escolar é destinado à recepção dos múltiplos conhecimentos que nele se encontra. Deles emergindo outros saberes em proporção sempre mais elevada.

A proposta vai então se ampliando e mais jovens passam a se interessar por viver essa experiência educativa. A procura de mais familiares por esse projeto faz nascer a necessidade de reestruturar as ideias nele contidas. Assim, os agricultores decidiram fazer um empréstimo bancário para a compra de uma casa, denominada de Casa Familiar de Lauzuan, homenageando a cidade no qual fora implantada. Nessa fase foi contratada uma pessoa para atuar como formador, sendo, então, criada a primeira Casa Familiar no ano de 1937.

A história das Casas Familiares Rurais (MFRs) está para além da história da educação. Segundo Mattos (2011, p.175)

[...] significa mais que uma história da educação. Além de ser uma história relacionada ao universo do campo, nas dimensões ecológicas, culturais, políticas, econômicas, profissionais, é também o resultado da confluência das aspirações, sonhos e desejos de pessoas da comunidade e das organizações do campo que decidem enfrentar as adversidades vivenciadas.

As primeiras experiências da Pedagogia da Alternância foram bem sucedidas na França, por isso, na década de 1960 do século XX, houve a expansão desse modelo pedagógico na Itália, Espanha, Portugal e Continente Africano. Logo após, expandiu-se para a América do Sul, no Estado do Espírito Santo, no ano de 1968. “Os Centros Familiares de Formação em Alternância estão presentes nos cinco continentes, em mais de 43 países.” (MATTOS, 2011).

O modelo de alternância foi implantado no Brasil com o nome de Escola Família Agrícola (EFA), inspirado no modelo italiano denominado “Scuela Famiglia”. Esta primeira experiência se deu mediante a iniciativa de um padre italiano Humberto Pietogrande, que esteve em visita a alguns municípios do Estado do Espírito Santo, ficando impressionado com o nível de pobreza das pessoas do lugar. Diante do que viu, ele retornou ao seu país com o objetivo de encontrar os meios de melhorar as condições sociais daquela população.

Essa análise do padre se deu no início dos anos 60, momento em que uma parte do país enfrentava problemas semelhantes àqueles enfrentados pelos jovens franceses na década de 30. Os problemas mais sérios se davam no campo, pois um crescente número de jovens saíam de seus lugares para buscar empregos nas cidades, que passavam, naquele momento, pelo processo de industrialização em todo o país, a desvalorização do campo tirava as perspectivas de vida melhor nos jovens, promovendo, simultaneamente, as suas saídas e o empobrecimento econômico e cultural do meio rural.

Com a iniciativa do padre italiano foram criadas quatro EFAs em 1969 “com o apoio da cooperação italiana através do Movimento Educacional e Promocional do Espírito Santo, foram criadas EFAs em Olivânia, Alfredo Chaves, Rio Novo do Sul e Iconha” (MATTOS, 2011, p. 177).

De forma gradativa, vai ocorrendo um processo de expansão das EFAs em todo o país. A iniciativa de levar essas experiências para diferentes estados do país tornou-se possível graças ao apoio das pastorais sociais das igrejas e das CEBs. Nesse período, a característica principal das EFAs, segundo Bengami (2002, p. 110) era

A passagem dos cursos supletivos para os cursos de ensino regular de 04 anos (5ª a 8ª séries); a continuidade de cursos supletivos em vários estados: um público de pré-adolescentes e adolescentes – crianças na faixa etária normal de escolarização, chegando com dez anos de idade e, em certos casos, até com 09 anos para as EFAs.

No Ceará, a experiência pioneira de Escola Família Agrícola se deu no ano de 2002, na comunidade de Santa Cruz, no município de Independência, na Região do Sertão de Crateús.

É interessante salientar que a região do sertão de Crateús tem uma vasta história de luta e resistência das pessoas do campo, aspirando ser sujeito, com atuação orgânica junto às expressões de fé e emancipação social de seus espaços, caminhando para a transformação da realidade vigente. Esta caminhada tem início com a criação da Diocese, no ano de 1964, e pela notável presença do bispo Dom Frágoso que plantou as primeiras sementes de libertação em toda região de abrangência desta Diocese. “Sem ele, não haveria tanta força no processo pedagógico emancipatório, popular e humanizante” (PEREIRA, 2008, p. 12).

Nesse contexto, a escola originou-se da necessidade de atender às famílias da região, que necessitavam proporcionar a seus filhos uma educação que possibilitasse uma melhor convivência com o semiárido, a partir da prática de um diálogo permanente entre o conhecimento que se aprende na escola e as práticas de desenvolvimento humano sustentável de sua região, fazendo com que fosse possível encontrar razão para permanência no campo, uma vez que a metodologia da alternância propõe que o estudante, durante o curso, como parte integrante deste, participe concomitante e alternadamente de dois ambientes/situações de aprendizagem: o escolar e o laboral, sendo o último entendido como prática de trabalho, não como estágio.

Desse modo, a Escola é entendida como um dos meios que, de forma intencional e organizada, pode e deve contribuir para a melhoria da sociedade. Assim, ela busca

[...] promover uma formação integral desses jovens e adolescentes, contribuindo para o desenvolvimento sustentável do meio rural e integrando famílias e comunidades; e juntar a sabedoria prática com a teórica possibilitando condições indispensáveis para serem protagonistas de uma sociedade em transformação. Para alcançar esses objetivos utiliza a Pedagogia da Alternância que consta em passar 15 dias na EFA, onde eles (as) estudam, cuidam da propriedade (casa e processos produtivos), crescem na convivência fraterna e espiritualmente (através de orações) e praticam esporte. Nos outros 15 dias passam com suas famílias e comunidades, espaços em que realizam o Plano de Estudo (pesquisa da realidade), levantam os problemas e colocam em prática os novos conhecimentos e descobertas que fazem, integrando ESCOLA-FAMÍLIA-COMUNIDADE. (AEFAI - ASSOCIAÇÃO ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE INDEPENDÊNCIA - Projeto Político Pedagógico – Escola Família Agrícola Dom Fragoso, mar/2009)

A reflexão sobre o trabalho possibilita à escola e, conseqüentemente, aos/às alunos/as a identificação com as potencialidades de desenvolvimento de seu meio, favorecendo formas de inserção na sua comunidade. Daí a importância da compreensão da lógica do trabalho no campo e sua análise em sala de aula e no cotidiano da vida escolar. Nesse sentido, o Projeto Político Pedagógico da Escola contempla em seus princípios:

[...] O desenvolvimento de um amplo projeto social é, portanto, um dos maiores desafios para o resgate das potencialidades dos municípios. A EFA Dom Fragoso se propõe a contribuir, através da educação geral, humana e profissional de jovens camponeses para que se tornem agentes de transformação social. (AEFAI-ASSOCIAÇÃO ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE INDEPENDÊNCIA. Projeto Político Pedagógico - Escola Família Agrícola Dom Fragoso, mar/2009).

Outra experiência brasileira de formação com o modelo de alternância são as Casas Familiares Rurais (CFRs). Estas têm como referência as experiências francesas.

As primeiras CFRs tiveram suas experiências no ano de 1987, na região sul do Brasil. Com a expansão das CFRs, surgiu a necessidade da criação de um órgão que pudesse acompanhar seu desenvolvimento. Foi, então, criada, em 1991, a Associação das Casas Familiares Rurais do Sul – Arcafar-Sul.

A proposta curricular das CFRs tem como objetivo “a educação dos/as jovens para a cidadania a vida em comunidade, e para buscar soluções tanto dos problemas individuais quanto coletivos.” (MATTOS, 2011, p.181).

O processo de implantação de um Centro Familiar de Formação por Alternância (CEFFA) exige um trabalho de base envolvendo uma equipe que fará a pesquisa da realidade, a socialização da pesquisa e a formação de uma outra equipe para encaminhar os passos de criação da Associação. Uma CEFFA tem, segundo Moura (2006, p.15), a missão de:

Promover o desenvolvimento rural, em bases sustentáveis, através de uma formação integral, profissional, conscientizadora, voltada para a economia familiar e contra o modelo agroindustrial que transforma o trabalho camponês em mão-de-obra assalariada.

Das concepções da Pedagogia da Alternância, emergem novos atores sociais no semiárido capazes de criar os instrumentos para a construção de uma relação de descoberta das potencialidades de uma região onde as condições de sobrevivência são precárias. Tem-se, então, o grande papel da educação, especialmente da educação do campo, qual seja, descobrir e fazer multiplicar as potencialidades da terra. Nesse sentido, Caldart (2009, p. 35) defende que

foi o campo, sua dinâmica histórica, que produziu a Educação do Campo, [...] E não uma ideia de campo, mas o campo real das lutas sociais, da luta pela terra, pelo trabalho, de sujeitos humanos e sociais concretos; campo das contradições de classe efetivamente sangrando.

A análise da conjuntura educacional remete à compreensão de que cada vez mais se faz urgente a aproximação dos saberes elaborados na escola com as realidades vividas em cada grupo social, pois são as relações sociais de produção e o processo de desenvolvimento das forças produtivas que dão as configurações históricas e próprias de cada lugar. Logo, o lugar não é algo imutável, mas é algo que se vai formando em contínuo processo de transformação.

Ao falar de transformação social, é importante ressaltar que a natureza própria da educação é criar saberes que se fortalecem na construção do aprender a conviver. Por meio da educação, é possível compreender que o ser se vai constituindo como parte inerente de seu meio, que, por sua vez, se forma a partir da constituição de seus sujeitos que, uma vez instrumentalizados, são convocados pela força da consciência a intervir sobre a realidade.

A alternância tem o objetivo de formar o sujeito de forma integral, contribuindo para o desenvolvimento do meio. Desse modo, ela se configura como uma trajetória que se faz permanente entre a escola e a vida, e tem na experiência o ponto de partida e de chegada da formação.

### **6.3 A Prática Social**

Considerando a Alternância como um método de desenvolvimento do trabalho pedagógico voltado para uma educação transformadora de pessoas e práticas sociais, pode-se inferir que esta contribui para a reflexão sobre o lugar de vida e de trabalho das pessoas que formam o local. Contribui, ainda, para que se possa concretizar em ações cotidianas o que se aprende na escola, fazendo valer a proposta *freireana* de conhecer a realidade para transformá-la, conforme é esclarecido por FREIRE (2005, p.90)

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles nova pronúncia.

A Pedagogia da Alternância, ao se propor como alternativa para viabilizar uma melhor relação dos seres humanos com a terra no contexto do semiárido cearense, onde se encontra a EFA Dom Fragoso, traz impressa na sua contextualização as mesmas condições enfrentadas na França nos anos de 1930, conforme relata Mattos (2011, p. 176)

[...] uma grande parte da população ainda vivia no campo; economia de base primária; um acentuado fluxo de migrações e êxodo rural em função do processo de industrialização do país; escolas descontextualizadas, desvinculadas da vida do campo e de sua cultura que valorizava a vida urbana; desvalorização a vida no campo e os que lá viviam, provocando desânimos e ausência de perspectiva de vida, principalmente para os jovens.

O desencanto com o estudo, a conjuntura social fragmentada pela fragilidade das forças econômicas do país, em especial da Região semiárida do Sertão de Crateús, o aumento da dispersão no ensino, o desânimo dos/as alunos/as na busca pela aprendizagem e permanência na escola, clamam pela necessidade de unir forças para a construção de escolas que possam colaborar para a criação de um novo olhar sobre o meio e elaborar formas de convivência que favoreça o desenvolvimento do potencial humano, social e natural deste lugar.

A mobilização da sociedade brasileira em defesa da escolarização fomentou a diversidade de escola, direcionando o ensino para a emancipação da pessoa humana e valorização do seu meio. Essa luta vem tornando possível a expansão dos Centros Familiares de Formação por Alternância, emergindo dela vários tipos de organização escolares que seguem o modelo de alternância. Nesse sentido, Queiroz (2004, p. 17) expõe que

a expansão dos CEFFAs no Brasil fomentou diferentes formas de organização por alternância, sendo possível identificar, atualmente, oito diferentes tipos. Dentre eles, podemos destacar seis que se organizam como escolas e oferecem educação escolar, que são: 1- Escolas Famílias Agrícolas (EFA); 2- Casas Familiares Rurais (CRFs); 3- Escolas Comunitárias Rurais (ECOR); 4- Escolas de Assentamentos (EA); 5- Escolas Técnicas Estaduais (ETE); 6- Casas das Famílias Rurais (CDFR).

Nesse cenário, em que são ofertadas diversas formas de fazer do conhecimento escolar um campo para transformação das formas de vida de um lugar, a Pedagogia da Alternância chega à região dos sertões de Crateús como proposta para viabilizar a criação de novas e diferentes práticas sociais que contemplem a convivência com o semiárido de forma



mais humanizante e transformadora, uma vez que agrega ao trabalho prático a teoria que subjaz a uma nova relação com a terra, com as pessoas e com o meio.

Ao integrar as atividades teóricas com os saberes práticos, espera-se a libertação da aprendizagem fragmentada, construída sob os imperativos de estudo compartimentado, tão comum nas escolas convencionais. Contextualizar as ações promove a reforma do pensamento, favorecendo “a abertura a todos os grandes problemas, para meditar sobre o saber e para integrá-los à própria vida” (MORIN, 2003, p. 33).

Ao adotar a formação por alternância, não pode e nem deve ser reduzida, como frequentemente se faz, a simples relação do tipo: teoria e prática, escola e empresa, trabalho profissional e formação escolar, conhecimento empírico e conhecimentos teóricos. A realidade é muito mais complexa, por isso, para compreender de forma profunda a formação por Alternância, convém o entendimento dos elementos que a compõem e as interações que se dão em seu interior. De acordo com Mattos (2011, p. 194):

Pedagogia da Alternância como sistema educativo possui elementos que nos podem ajudar a superar esses desafios. Ela transpõe, para a prática educativa, as alternâncias, ou seja, a complexidade existente na realidade cotidiana de todo humano – sol/lua, dia/noite, claro/escuro, sombra/luz, chuva/sol, frio/calor, trabalho/descanso, ação/reflexão, ideia/prática – que pode corresponder a ciclos longos ou ciclos curtos.

Os Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFAs), através da Alternância, apoiam a educação, a formação no desenvolvimento e para o desenvolvimento, porque conduzem à realização de capacidades individuais engendradas nas potencialidades coletivas capazes de provocar mudanças no meio. Sobre isso, Garcia-Marirrodriaga (2010, p. 181) afirma:

A alternância aponta elementos que estão na base da “Nova Ruralidade”. Centrada na pessoa, faz ser possível: orientar a formação na diversificação de atividades, em consonância com as necessidades da população rural e com o novo enfoque do desenvolvimento; reforçar o capital humano mediante formação e educação pertinentes; favorecer as práticas democráticas participativas e a criação de entrelaçamento social, através do compromisso dos atores locais nas associações que promovem as escolas de alternância.

A proposta da educação em alternância é que o conhecimento não se forme apenas pelas palavras e ações descontextualizadas da relação professor/ aluno, mas que se construa numa perspectiva dialógica de compreensão da realidade, se fazendo necessário desvelar o espaço cotidiano como lugar de aprendizagem para que a cultura, o trabalho e as práticas sociais façam sentido a partir de sua análise em seu contexto histórico e tenham relação tranquila e direta com os conteúdos escolares.

Desse modo, de acordo com a dinâmica da realidade da comunidade em que vive o estudante, educar é tornar compreensível o mundo que rodeia o/a aluno/a, o mundo do qual ele(a) participa como sujeito que vivencia uma realidade e pode sobre ela agir para modificá-la.

A organização do ensino na EFA possui três momentos que são interligados e que conjugam um itinerário longo, de constante aprendizagem. No primeiro momento, vivenciam a experiência da observação de seus lugares; no segundo, socializam as observações entre si, refletindo no coletivo o que observaram, vão aos poucos aprendendo a teorizar a prática; já no terceiro, retornam aos seus lugares confrontando os saberes teóricos com a prática.

Nesse sentido, as experiências de vida tornam-se o ponto de partida e de chegada dos educandos. “É o princípio dialético do trabalho-estudo-trabalho ou ação-reflexão-ação.” (FREIRE, 2005, p. 95).

A esse respeito, a professora Idelzuíth coloca que

Tudo que é feito e/ou estudado na escola levam em consideração o respeito por tudo o que há no semiárido. Então a gente busca, através do que é analisado nas falas dos estudantes, construir uma postura de verdadeiro respeito com a terra, a água e todos os recursos existentes no semiárido. São desenvolvidas diferentes técnicas de manejo com a terra para que se possa extrair o melhor, sem agredi-la e nem lhe esgotar as forças (Idelzuíth Sousa Borges – Monitora na EFA Dom Fragoso).

A EFA faz com que os adolescentes e jovens em formação tornem-se protagonistas de seu próprio desenvolvimento e do desenvolvimento do território onde estão inseridos.

Ao longo do desenvolvimento dos dias de estudo na EFA, pode-se verificar na fala dos/as alunos/as que ainda são muitas as limitações na oferta de trabalho no semiárido, alguns buscam alternativas de trabalho na cidade, mas o sentimento de saber-se pertencente aos seus lugares os leva ao entendimento de que é preciso continuar buscando novos jeitos de promover o seu desenvolvimento. Todos esperam, de algum modo, construir formas de vida que lhes garanta o pleno desenvolvimento das potencialidades existentes no semiárido. Como se observa na fala do aluno Hélio:

Quando conclui o curso em 2012, iniciava-se um período de estiagem, e eu triste e saudoso da escola, deixei minha criação de caprino e fui para o Rio de Janeiro. Trabalhava como ajudante de garçom, e a cada dia eu percebia o quanto minha fala e minha cultura eram diminuídas naquele lugar. Vim embora porque descobri que o sentido de minha vida é trabalhar com os animais de pequeno porte. Como as chuvas tão demorando a chegar, tô trabalhando na cidade numa loja de móveis e o que ganho dá pra ajudar na alimentação das cabras, me sinto feliz agora porque me entendo melhor (Hélio Félix da Silva – aluno egresso da EFA Dom Fragoso).

O que se aprende na EFA passa necessariamente pela significação dos saberes. Não há um conteúdo que não possua em sua base de estudo a compreensão de seu significado na vida prática. Esse fato, somado a forma de integração da escola com a comunidade, leva ao exercício de uma prática social que está para além da prática profissional de trabalho, pois se atém a melhorar o olhar sobre seu meio e as relações nele construídas pelo exercício do trabalho, dando, assim, forma real ao pensamento de Makarenko (1987, p. 27) de que a “educação exige uma atitude séria, simples e sincera”.

Um aspecto que merece destaque no processo formativo da EFA Dom Frágoso é a contribuição para uma atuação consciente e corajosa na vida familiar e comunitária. Esta atuação está revestida de valores éticos de cooperação, nos quais a solidariedade orienta os passos para uma participação cidadã sobre o seu meio, conforme se pode notar nos depoimentos de Alcides e Viviane.

O que aprendi na EFA seguirá comigo, pois a vontade de melhorar o meu mundo e o de meus semelhantes é algo que vem de dentro. Hoje compreendo que não há como mudar minha vida na espera divina, Jesus inspira e dá força na caminhada, mas quem faz o caminhar são nossas pernas e nossas vontades. (Alcides da Luz dos Santos)

Cooperar com a construção de um mundo melhor começa com o compromisso com minha casa, minha família, minha comunidade e minha formação. Só se pode mudar o que está posto aqui fora se eu me dispor a mudar meu pensamento e minhas atitudes. (Viviane Lima da Silva).

Seus depoimentos deixam explícitos que a EFA ensina e educa para a vida, além de desenvolver o pensamento crítico (FREIRE, 2005) à medida que os auxilia na construção de práticas sociais emancipatórias e comprometidas com a transformação social de suas vidas e com a vida de seu lugar, promovendo o bom desenvolvimento do processo de convivência com o meio e a busca da construção da alteridade e do bem viver comum, que implica no aprendizado da aceitação do outro. Suas falas sugerem a possibilidade de estarem se formando ali novos sujeitos, capazes de desenvolverem práticas sociais iluminadas pela luz da esperança e pela coragem de construir um mundo mais justo e humano.

É, pois, pensando o próprio espaço a partir da formação que se constrói, de acordo com uma educação transformadora de sujeitos sociais, o conhecimento do lugar numa dimensão política, social e cultural, cuja identidade seja a de seus construtores. Conforme Molina (2006, p. 61):

por meio da educação acontece o processo de construção do conhecimento, da pesquisa necessária para a proposição de projetos de desenvolvimento. Produzir seu espaço significa construir seu próprio pensamento. E isso só é possível com uma educação voltada para os seus interesses, suas necessidades, suas identidades.

Numa perspectiva histórica, as lutas contra a exclusão da população rural e a favor da sociabilidade do conhecimento ganham uma nova dimensão a partir do que se percebe em sua volta. As práticas sociais construídas pelos/as alunos/as egressos/as os/as conduzem a lutar, não apenas pela melhoria material de suas existências, mas pela promoção de um mundo melhor para todos/as, onde possa ser mantida a dignidade humana e o trabalho possa ser ressignificado em cada campo de seu desenvolvimento. Sobre isso, Arroyo (2003, p. 32) coloca que

é importante destacar como o aprendizado dos direitos vem das lutas por essa base material. Por sua humanização. Os movimentos sociais têm sido educativos não tanto através da propagação de discursos e lições conscientizadoras, mas pelas formas como têm agregado e mobilizado em torno das lutas pela sobrevivência, pela terra ou pela inserção na cidade. Revelam à teoria e ao fazer pedagógicos a centralidade que têm as lutas pela humanização das condições de vida nos processos de formação.

Ao sair de suas residências no campo, muitos jovens encontram na cidade formas de trabalho, que embora sejam desvinculadas de suas realidades, colaboram para subsidiar as suas produções no campo, uma vez que o dinheiro adquirido através do trabalho ajuda na compra de alimentos para as criações ou de sementes para aumento do plantio. Muitas dessas iniciativas ficam sendo assumidas pelo conjunto de toda a família. Nessa ótica, “a produção é mais que a produção” (ARROYO; FERNANDES, 1999, p.32), pois, à medida que ela se expande, ela produz muito mais que a produção em si, ela produz gente, e o cultivo do ser humano é o processo pelo qual se dá a sua constituição como sujeito cultural.

As práticas sociais apontam para a esperança na concretização de um novo mundo que só se forma a partir do exercício de uma nova prática porque “a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica” (FREIRE, 1997, p.6), no entanto, a consciência de classe assumida pelos educandos/as os/as faz compreender que é preciso muito mais que ter esperanças para fazer nascer um mundo novo, é preciso atitudes comprometidas com uma vida melhor.

## 7 UMA ESCOLA DO CAMPO: UM CAMPO DE FORMAÇÃO NA ESCOLA

Nesse capítulo, procuro identificar, nas falas dos sujeitos, quais as suas percepções sobre as temáticas levantadas, as quais subsidiaram a definição das categorias aqui elencadas.

Após esse trabalho cuidadoso de elaboração do quadro de respostas e concluída a sua análise, procurei organizar um diálogo das falas dos sujeitos com as categorias elencadas.

### 7.1 O diálogo entre os sujeitos e as categorias conceituais da pesquisa

Este momento tem como propósito reconstituir o conceito que cada colaborador da pesquisa possui acerca das temáticas levantadas. Procura-se extrair de suas falas a compreensão que cada um foi desvelando acerca das categorias que foram sendo construídas ao longo do trabalho. Desse modo, foram sendo conduzidas algumas reflexões sobre a definição que se tem sobre a Prática Pedagógica, dimensionando a importância da Pedagogia da Alternância para concretização das práticas sociais que se almeja construir dentro da perspectiva social e ambiental da escola.

Ao propor uma discussão sobre a Prática Pedagógica utilizada em todo o processo formativo da EFA, as falas convergem para um mesmo ponto, o qual define que sua metodologia de trabalho está direcionada para a construção de um aprendizado que esteja articulado com as práticas de convivência e superação das dificuldades delineadas pelo clima e condições econômicas. Sobre isso, Idelzuith, coloca que:

A EFA Dom Fragoso é um espaço de formação diferenciado, nós todos somos formados para uma nova realidade junto com os estudantes. A gente também vem de um meio que não favorece muito a disciplina com os horários e o desenvolvimento de práticas respeitadas com o meio, e aqui na escola a gente vai aprendendo na prática a coordenar o tempo, no sentido de com ele ir compondo um jeito melhor de viver. Tudo o que se vivencia aqui faz nascer em nós um sentimento de saber-se pertencente a este lugar, tudo o que aqui se aprende é para a vida. (Idelzuíth Sousa Borges – Monitora da EFA Dom Fragoso)

Ainda a esse respeito, Siebra acrescenta que:

O projeto formativo da EFA se baseia numa metodologia dialogante, procura-se primeiro conhecer a realidade do/ aluno/a para depois acompanhar a sua formação. Nesse diálogo com a comunidade somos levados a intervir no processo de modo que seja possível a transformação da visão de mundo do aluno e de sua família. (Irmã Devanir Siebra – Assessora Pedagógica da EFA Dom Fragoso)

Sobre essa mesma discussão, Machado coloca que:

O projeto formativo da escola desde o seu princípio era algo instigante e bastante desafiador, pois o que se buscava era uma escola que despertasse nos jovens o interesse para entender o seu lugar, inclusive com suas limitações, então a gente sabia que seria algo muito difícil, não só para os alunos(as) como para os profissionais que nela iriam trabalhar. (Pe. Manoel Bezerra Machado – Pároco de Independência, representante da CPT e membro do Conselho da EFA Dom Frágoso)

Ao discorrer sobre a Pedagogia da Alternância enquanto método de sustentação da prática pedagógica da escola, fica claro que o fato de a escola ter como eixo formativo a vida do/a estudante, sua realidade familiar e socioprofissional, torna possível aos estudantes encontrarem o sentido de sua formação no que estão realizando no cotidiano de suas vidas. A esse respeito, Idelzuith esclarece que:

A Alternância consiste em alternar o tempo de estudo, há um período feito no campo escolar e um outro feito no lugar aonde vive o estudante. O mais bonito dessa pedagogia é ver a integração desses momentos de estudo, um vai complementando o outro. Eles não são feitos de forma estanque, são integrados e o aluno consegue entender isso de forma muito rápida. À medida que os alunos vão aprendendo a entender os problemas de sua comunidade, começam a compreender a necessidade de saber mais sobre as comunidades vizinhas, e aí é proposto a visita e as pesquisas em outras comunidades para que eles aprendem a refletir sobre diferentes realidades. (Idelzuith Sousa Borges – Monitora da EFA Dom Frágoso)

Ao discutir a Pedagogia da Alternância enquanto método de trabalho da EFA, padre Géu coloca que:

A Pedagogia da Alternância ao propor a vivência do aluno/a em diferentes espaços os ajudam a crescer numa perspectiva diferente. A gente nota que a escola os toca de uma forma muito forte porque é a extensão de suas casas, assim também como eles começam a perceber em casa a extensão da escola. Nem sempre é dada toda atenção aos conteúdos da grade curricular, o mais importante é que os/as alunos/as consigam relacionar o que estão aprendendo com suas vidas. (Pe. Jefferson Carneiro da Silva – Pe. Géu, Membro da CPT e do Conselho da EFA Dom Frágoso)

Além do processo de ensino-aprendizagem está focado na construção de um cenário de convivência fraterna entre as pessoas e entre elas e a natureza, são trabalhados princípios e valores de solidariedade e respeito, que levam os/as estudantes a uma prática social diferenciada, à medida que não se admite uma participação silenciosa e sem posição definida frente aos problemas sociais. A esse respeito, Gorete expõe que:

Ao trabalhar na perspectiva da convivência a escola constrói um jeito muito consciente de analisar as coisas por parte dos/as alunos e dos professores/as. A gente é tocado a olhar para a natureza de maneira mais educada, cuidadosa e respeitosa. Nós sabemos que os trabalhos desenvolvidos nas unidades produtivas são voltados para este fim. (Maria Gorete Alves de Araújo – Coordenadora Escolar da EFA Dom Frágoso 2013-2014)

Outro aspecto que merece destaque nas práticas sociais dos/as alunos/as egressos/as é o desejo de permanecer no campo. Esse desejo de permanência se viabiliza

como uma opção com possibilidade de desenvolvimento do projeto de vida desenvolvido como um elemento didático do curso. Se esta permanência não for possível, como se verifica em alguns estudantes que desenvolvem atividades de trabalho na zona urbana, esta se configura como atividades temporárias, que podem contribuir para o retorno à vida no campo de forma livre, digna e feliz.

## **7.2 A importância do processo formativo da EFA para a convivência com o semiárido**

O grande mote inspirador do trabalho na escola é a busca da construção de um “bem viver” no sertão, e isso está relacionado à forma de compreender um jeito diferente de conhecer a realidade e as condições sertanejas, como bem define o Projeto Político Pedagógico da EFA Dom Fragoso:

É objetivo da EFA Dom Fragoso promover uma formação contextualizada e integral de jovens agricultores(as) camponeses(as), buscando desenvolver o protagonismo juvenil e tecnologias apropriadas para a convivência com o semiárido do território dos Inhamuns na perspectiva do bem viver no sertão cearense. (Projeto Político Pedagógico – Escola Família Agrícola Dom Fragoso/2011).

Ao falar sobre a necessidade de transformação social, é importante ressaltar que a natureza própria da educação na EFA Dom Fragoso é criar saberes que se fortalecem na construção de ir aprendendo a conviver. Por meio da educação, é possível compreender que o ser vai se constituindo como parte inerente de seu meio, e o meio se forma a partir da constituição de seus sujeitos, que, uma vez instrumentalizados, são convocados pela força da convivência a intervir sobre a realidade.

Com base nesse pensamento, o projeto político pedagógico da Escola Família Agrícola Dom Fragoso fundamenta-se em princípios de respeito e cuidado com o meio e com as pessoas que o constitui, dando enfoque em todas as atividades desenvolvidas, dentro e fora da sala de aula, ao conceito de convivência<sup>12</sup>, tornando-o como ponto de partida para a consolidação das políticas de permanência dos jovens nos seus lugares de origem, bem como para concretização de práticas ajustadas ao aproveitamento, de forma séria e responsável, dos recursos, ainda que escassos, oferecidos pela natureza.

Sobre isso, Mattos (2011, p.210) coloca que

O que desencadeou o processo foi não só a possibilidade, mas a necessidade sentida por todos/as os/as envolvidos/as no projeto de interromper o ciclo do êxodo rural, sobretudo dos/as jovens, advindo da seca na região e incentivado pela escola. É a questão do êxodo rural que aparece como principal elemento de apelo para que se pense numa escola e numa pedagogia voltada e adaptada para a realidade do campo.

É importante destacar o significado do projeto formativo da EFA enquanto elemento de contraposição àquele desenvolvido nas escolas regulares, em que há uma desqualificação ou negação das potencialidades de vida no sertão.

A EFA coloca-se como um espaço de construção do conhecimento sistemático, fazendo dele instrumento de redimensionamento da visão que se tem do próprio lugar, se permitindo a elaboração de alternativas de viver melhor no semiárido. Nesse sentido, Padre Géu coloca que:

A escola foi pensada para reunir os jovens que pudessem trazer suas experiências de vida e de comunidade para o espaço escolar. O projeto de formação desenvolvido na escola visa oferecer aos jovens estudantes elementos necessários para cooperar com as atividades da família, construindo neles uma relação diferente e automaticamente mais consciente, integrando os saberes comunitários com o conhecimento formal da escola. É muito interessante quando a gente encontra um pai que relata como o filho era antes de entrar na escola e no que ele se transformou depois de estudar na EFA. É impressionante como os próprios alunos(as) se dão conta deste desenvolvimento, e como aos poucos vão assumindo a dinâmica de suas atuações na família, eles(as) vão se redefinindo, se recharacterizando (Pe. Jefferson Carneiro da Silva – Pe. Géu, Membro da CPT e do Conselho da EFA Dom Frágoso).

Contextualizar a convivência com o semiárido foi uma opção da equipe que implantou o projeto tendo como referenciais teóricos e metodológicos a Pedagogia da Alternância e as Diretrizes Nacionais da Educação do Campo. O ponto de intersecção destas referências decorre do fato de que, em todas elas, a base de todo o processo de aprendizagem está no contexto socioeconômico, político, cultural e ambiental em que ocorre o processo. Assim, os planos de formação da escola são voltados sempre para a cultura do semiárido, sem, contudo, deixar de contemplar a contextualização global dos assuntos estudados. Como se pode notar nos depoimentos abaixo:

É bonito ver que em todo o tempo os estudantes são orientados a aprender e reaprender formas especiais de conviver com o jeito de ser de suas famílias, com os recursos existentes no semiárido e com a forma de se comunicar de suas comunidades. Para alcançar um nível melhor de convivência, eles elaboram planos de estudo que viabilizam a pesquisa que norteia seus projetos de vida. (Maria Gorete Alves de Araujo – Coordenadora Escolar da EFA Dom Frágoso nos anos de 2013 e 2014).

Sobre o processo formativo da EFA é importante destacar que a espinha dorsal de seus estudos é o Plano de Estudo que é uma das ferramentas de trabalho propostas pela Pedagogia da Alternância. A pesquisa que os jovens fazem em suas comunidades e com a sua família é à base de sua formação. O plano de estudo liga todas as disciplinas ao mesmo tempo, fazendo-se com que o estudo do que é global não se perca do que é local. (Taciana Araujo Cavalcante, ex-coordenadora da EFA e monitora no período de 2003 a 2014).

Contextualizar o ensino é, nessa perspectiva, compreendido como o desenvolvimento de um processo parceiro, para o qual o saber itinerante do mundo dos



estudantes é o cenário para o contexto da aprendizagem escolar. Esta é a oportunidade que o estudante tem de identificar e se identificar como os assuntos abordados, potencializando, assim, a capacidade de intervenção na realidade. A esse respeito, Mattos (2011, p. 213) esclarece:

Contextualizar conteúdos é reconhecer, em primeiro lugar, a importância do cotidiano dos(as) estudantes no processo educativo, e mostrar e demonstrar que os conhecimentos gerados nesse processo de ensino-aprendizagem podem ter aplicação prática na vida das pessoas, de forma geral. Significa compartilhar elementos para que os(as) estudantes aprendam o saber, não como armazenamento de conhecimentos técnico-científicos, mas como potencial para enfrentar o mundo de significações e em suas significações.

O cerne do projeto formativo em regime de alternância é a vida do aluno(a) e sua realidade, integrando, portanto, a escola na vida comunitária e esta nas condições que lhes são ofertadas pelo lugar. Nesse processo, o plano de estudo constitui-se como elo integrante e integrador dos diferentes espaços de convivência do aluno(a), conforme nos aponta Irmã Siebra:

Os planos de estudo contemplam uma temática a cada ano e assim é permitidos à escola a compreensão total de seus alunos(as). No 1º ano estuda-se a família, no 2º ano a comunidade e no 3º ano do ensino médio a sociedade. Todos os conteúdos precisam levar em conta esses eixos temáticos, que nada mais é do que a vida do estudante e sua realidade (Irmã Devanir Siebra – Assessora Pedagógica da EFA Dom Frago).)

É importante esclarecer ainda que o Plano de Estudo contribui para que o estudante não apenas conheça e descreva o seu cotidiano, mas para que desenvolva um senso crítico em relação a ele. Através dele, é possível a construção de um olhar crítico e reflexivo sobre o cotidiano da vida, levando em conta suas dificuldades, satisfações e suas práticas, melhorando a sua relação com o meio e com a família, como nos esclarece Taciana:

A escola educa o aluno e este procura educar a sua família para os valores de convivência, compartilhando os saberes aprendidos na escola com toda a comunidade, e levando os saberes da família para a escola, criando a cada momento um espelho, cujo reflexo é sempre uma nova imagem que se projeta para a construção de um tempo melhor (Taciana Araujo Cavalcante, ex-coordenadora da EFA e monitora no período de 2003 a 2014).

A prática pedagógica da EFA Dom Frago está fundamentada num saber fazer, forjado na relação dialógica entre monitores/alunos e os conhecimentos que são portadores, fazendo desses conhecimentos um exercício constante com as disciplinas de estudo.

A elaboração do projeto profissional dos educandos exige destes um olhar cada vez mais sensível e envolvido com todas as etapas que o precede. Os momentos de partilhar com a família o jeito de ver cada situação vivida na e com a comunidade são elementos da

pesquisa e da organização de um projeto que visa muito mais do que profissionalizar, mas fomentar uma articulação comunitária capaz de mover o sonho de fazer do seu lugar um espaço diferente, com melhores condições para nele se viver.

Sobre isso, o Projeto Político Pedagógico da escola explicita que:

Cada alternante deve ter em vista a realização de um Projeto Profissional, sob a orientação da equipe de monitores, que se constitui uma das finalidades do Projeto Educativo e critério para conclusão do curso. Ao longo do itinerário formativo os Planos de Estudo baseados em temas tornam-se o fio condutor do curso interligando escola e meio sócio-profissional (Projeto Político Pedagógico – Escola Família Agrícola Dom Fragoso/2011).

O projeto formativo da EFA Dom Fragoso oportuniza a criação de um enraizamento que está além de seu objetivo inicial, que seria assegurar a permanência dos jovens em seus lugares. Esse enraizamento dá ao jovem um entendimento de que mesmo sendo “tangido” de suas terras, seja por serem moradores seja por não terem “ganho certo”, eles podem sair, mas saem para buscar uma formação acadêmica que lhes garanta um retorno cada vez mais consciente para o seu meio. Assim, nos relata Viviane:

A formação que recebi na EFA é algo que me fez saber mais de mim mesma. Descobri uma força que jamais pensei possuir. Aprendi a fazer leitura de todos os acontecimentos e a tomar sempre a melhor posição. Meu pai não tem terra, meu projeto profissional desenvolvido na EFA tinha uma dimensão grande e os donos da terra em que morávamos teve medo, nos pediu de volta a sua casa. Viemos morar na cidade de Nova Russas, adequei o aviário no quintal da casa onde viemos morar, é pouco, mas é dele que estamos tirando condições para viver. Vou embora para o Rio de Janeiro, meu pai ficará dando continuidade ao projeto, e eu vou trabalhar e estudar veterinária. Então eu voltarei para o meu lugar (Viviane Lima da Silva, ex-aluna da EFA Dom Fragoso).

Como se pode ver, a educação horizontaliza o olhar, mesmo que este esteja se definindo para a entrada no reconhecimento de um mundo que se levanta em sucessivos levantes de desigualdade. Por isso, ela tem um poder maior quando é construída no diálogo e na comunicação. O diálogo está presente em todas as etapas do projeto formativo da EFA, e é a condição para que a plenitude da formação aconteça fundamentada na humildade e esperança na humanidade. De acordo com Freire (1983), só há comunicação entre aprendente e educadores se entre eles for construída uma relação de respeito e de profundo amor pelo mundo, mediado pela esperança na humanidade. “Ao fundar-se no amor, na humildade e na fé, o diálogo se faz uma relação horizontal em que a confiança de um pólo no outro é consequência óbvia.” (FREIRE. 1983, p.97). Acompanhar um projeto formativo pressupõe a crença nos contornos que seus princípios possam dar para o nascimento de uma pessoa mais

consciente, e foi isso que se viu nas falas e jeitos dos (as) alunos (as) que passaram pela escola.

### **7.3 Tempo de aprender fora do tempo da escola**

Nesse momento da análise, procurarei identificar nas falas dos alunos (as) egressos e dos colaboradores/as deste trabalho, quais as contribuições do projeto formativo vivido na EFA Dom Fragoso para a convivência com o universo de suas regiões, relacionando as percepções e sentimentos na entrada e saída da escola e quais as implicações desta formação para atuação no mundo.

É importante destacar que muitos desses alunos e alunas, assim como a Viviane (aluna egressa da comunidade de Lagoa do Norte/Nova Russas) não tem a oportunidade de permanecer em seus lugares, pois ainda é grande a concentração de terras não mãos de poucos. A organização de nossa sociedade, sobretudo na sociedade agrária, é muito desigual. As lutas por uma distribuição de terras e melhores condições de trabalho são antigas, embora se tenha muitos avanços, há, ainda, o registro de muitas famílias na Região do Sertão Cearense que não dispõem sequer de um espaço pequeno de terra para as atividades agrícolas da família.

Em contraposição à situação de degradação da dignidade humana imposta pela estrutura conservadora de nossa sociedade, o sentimento de saber-se pertencente a um lugar move todas as expectativas de superação das adversidades criadas sob o jugo da exploração, da desigualdade e da falta de oportunidade de trabalho no campo.

Sobre isso, Padre Géu nos esclarece:

Ainda temos uma frustração na escola, pois não conseguimos fazer com que todos os nossos jovens tenham condição de permanecer no desenvolvimento de suas atividades agrícolas. Uma grande questão que inibe seus trabalhos é que muitos deles não têm terra, são moradores, então a liberdade fica impedida de ser exercida. É complicado fazer um trabalho com uma modelagem diferente numa terra que não é sua. (Pe. Jefferson Carneiro da Silva – Pe. Géu, Membro da CPT e do Conselho da EFA Dom Fragoso)

Ao fazer uma reflexão sobre o significado das situações adversas que se enfrenta na saída do tempo escolar, FREIRE (1983) coloca que a superação das adversidades pode ser possível a partir do momento em que as pessoas passam a ter a compreensão de que estas podem estar sendo apenas os meios desafiadores para o verdadeiro exercício das ações humanas sobre seus destinos. “Cria-se, assim, um clima de esperança e confiança que eleva os homens e as mulheres a empenharem-se na superação de seus problemas” (FREIRE. 1983, p.106).

Para Alcides, o fim do tempo escolar significou o florescimento de uma nova visão sobre o mundo que há muito vinha se formando no silêncio de suas atividades na sua criação de ovinos. Conforme nos relata em sua fala:

Antes de entrar na EFA só pensava em ir embora, morar com meus irmãos em São Paulo. Tinha vergonha das atividades no campo. Depois que aprendi o sentido de tudo o que há na terra, me encantei pelo trabalho no campo. No projeto profissional da escola estudei com afinco o melhor jeito de cuidar da criação ovina. Deu certo, além de me envolver nesta criação ainda consegui envolver toda a família. Quando concluí o curso em 2013, já nem lembrava mais da vontade de ir embora, apareceu à oportunidade de trabalhar com cadastro de famílias para obtenção de sementes pela EMATERCE, eu fui. Passo 15 dias em Fortaleza e tiro 04 dias de folga, meu objetivo é só ficar no interior cuidando da unidade produtiva de ovinos que dei início ainda no tempo de estudante (Alcides da Luz dos Santos, ex-aluno da EFA, morador da comunidade indígena Aldeia da Viração – Tamboril/CE)

Silva e Queiroz (2008), no estudo sobre Formação em Alternância e Desenvolvimento Rural no Brasil, apontam que um dos avanços percebidos no projeto formativo das EFAs, está na dimensão da contribuição técnica e cidadã para uma atuação mais consciente na vida familiar e comunitária. Esta está diretamente relacionada a valores até então desconhecidos pelos/as estudantes, e isso os mantém cada vez mais próximos de suas raízes.

Sobre esse assunto, Nágila e Victor dizem:

Minha formação na EFA não foi só uma passagem pelo Ensino Médio, foi sobretudo um mergulho nas minhas raízes, algo que favoreceu a formação de minha identidade e me fez entender que a história de nossas vida é a história que a gente faz, e eu quero fazer algo grande e bom para mim e minha comunidade. (Nágila de Sousa, aluna egressa da EFA Dom Fragoso)

Nós aprendemos muito sobre a vida, são muito fortes os valores e princípios aqui trabalhados. Aprendemos sobre o estudo e o valor que ele tem para ajudar melhorar nossa vida. (Victor Luís, aluno egresso da EFA Dom Fragoso)

As falas destes alunos reforçam as contribuições apontadas por Silva e Queiroz (2008), que estão para além da formação comunitária, pois dizem receber uma formação para a vida.

Para Hélio, João dos Santos e Gonçalo Nelo, o fato de a escola ter como eixo formativo a própria realidade dos estudantes torna possível a persistência nos sonhos através da renovação da esperança para dar sentido a vida constantemente, vivendo sob a inspiração da reinvenção da vida profetizados pelos versos de Cecília Meireles(1982), quando nos coloca que “a vida só é possível reinventada”. Assim, o processo formativo da EFA coloca como renovada as forças naquilo que se aprende. Sobre isso, Hélio coloca que:

Quando conclui o curso em 2012, iniciava-se um período de estiagem, e eu triste e saudoso da escola, deixei minha criação de caprino e fui para o Rio de Janeiro. Trabalhava como ajudante de garçom, e a cada dia eu percebia o quanto minha fala e minha cultura eram diminuídas naquele lugar. Vim embora porque descobri que o sentido de minha vida é trabalhar com os animais de pequeno porte. Como as chuvas tão demorando a chegar, *tô* trabalhando na cidade numa loja de móveis e o que ganho dá pra ajudar na alimentação das cabras, me sinto feliz agora porque me entendo melhor. (Hélio Félix, Lagoa do Norte – Nova Russas/CE)

João também nos relata que,

Logo que concluí os estudos fiquei sem saber direito no que ia trabalhar, queria continuar com o aviário, mas sabia que precisava de uma renda que me ajudasse a manter a unidade de produção. Comecei a trabalhar de *moto táxi* na cidade, pego das 7 às 13 horas e depois retorno para comunidade para cuidar do aviário. (João dos Santos, Independência/CE)

A tomada de consciência de que se pode, no sertão, perseguir outros sonhos é outra contribuição da escola, que vai mostrando aos(as) alunos(as) que é possível formas de vida no semiárido que não seja apenas o trabalho no campo. Gonçalo Neto assim relata sua experiência:

Matriculei-me na EFA em 2012 e fiquei um ano, e tudo o que aprendi foi que uma atividade para ser bem feita precisa que se goste do que se faz para fazê-la. Assim, eu acabei por concluir que jamais saberia fazer bem uma atividade no campo. Então, saí da escola em maio de 2013, foi uma tristeza na família, mas eu me senti bem porque fazia, naquele momento, algo conscientemente dito pelo meu coração. Concluí o Ensino Médio numa escola regular e hoje trabalho como garçom para juntar dinheiro e fazer faculdade de administração. (Gonçalo Neto, comunidade de Irapuá – Nova Russas/CE)

O caminho da EFA Dom Fragoso está se iniciando e os resultados que a escola apresenta são muito positivos. Ver jovens tentando desenvolver atividades econômicas em seus lugares, buscando alternativas para sua permanência no lugar é algo animador. Ademais, muitos desses jovens conseguiram adentrar em faculdades públicas, em regiões como Rio Grande do Norte, Crateús e Canindé, o que demonstra o compromisso da formação do ser construída para além do Ensino Médio. Fica registrada a proposta de que é um dever do Estado colaborar para a manutenção de uma escola, cujos valores estão voltados para o desenvolvimento de um lugar tantas vezes esquecido pelas autoridades políticas ou até mesmo pelos seus filhos, que, por alguma razão, precisam dele se ausentar.

Os jovens que concluem o Ensino Médio na EFA seguem as ordens do destino com a força histórica do sertanejo, brigam para transformar as estruturas que perpetuam as práticas que fazem o sujeito se perder de sua história. Assim, eles buscam a participação em diferentes espaços de formação. Neste ano, 15 jovens que concluíram seus estudos na EFA

em 2014 estão participando de um Curso de Formação Continuada na EMBRAPA Caprinos e Ovinos, na cidade de Sobral.

A consciência de quem aprendeu a se respeitar e a valorizar seu lugar e sua cultura é diferente, um período de estiagem não é motivo para querer ir para terras estranhas exercer atividades desvinculadas de sua história, mas, ao contrário, este se constitui como um desafio para melhor aprender a construir a convivência no e com o seu lugar.

#### **7.4 As contribuições do Projeto Formativo da EFA Dom Fragoso na prática social de seus/suas educandos/as egressos/as**

O projeto formativo desenvolvido na EFA Dom Fragoso começa pela proposta inicial da escola ocorrida no momento da semana de adaptação, pois nesse período é dado ao estudante, por um lado, o poder de análise das condições de funcionamento da escola, e, por outro, a decisão de nela permanecer ou não. A forma como o educando é levado a se posicionar sobre os direcionamentos de sua vida implica um jeito diferente de fazer parte do processo escolar. Conforme se observa nas colocações de Alcides:

Na primeira semana de aula eu fiquei achando que alguém viria me convencer a permanecer na escola, por isso eu nem me importava com o que ocorria ao meu redor. No momento em que fomos perguntados se íamos, ou não permanecer na escola, fiquei sem entender o que deveria responder, pois eu sempre fui induzido por outras pessoas a dar as respostas sobre meu destino. Fiquei sem nada falar e isso foi entendido como um sim, e que bom que o foi, assim eu pude ficar e aprender tanta coisa que jamais julguei ser capaz de aprender (Alcides da Luz dos Santos – aluno egresso da EFA).

Após a semana de adaptação, os educandos começam a entender que todo o processo de aprendizagem, que o jeito de perceber a sua comunidade e o mundo a sua volta começa a se modificar. Certas práticas exercidas no seu meio começam a chamar sua atenção e a exigir deles uma interação que vai se efetuando em diferentes momentos de idas e vindas à comunidade, no exercício das aulas feitas no tempo – comunidade.

Os problemas observados promovem diálogo nos tempos – escolas que passam a ser redimensionadas nas reuniões das associações. O conhecimento passa, então, a ser construído tanto nas aulas quanto nos trabalhos de tempo – comunidade, que requer do estudante a observação do campo, diálogos com comunidades vizinhas e com a sua própria, além da participação nas reuniões das comunidades. Desse modo, “a comunidade, enquanto espaço formativo, passa a figurar como objeto de estudos que a cada alternância entre tempo –

escola e tempo – comunidade passa a ser mais complexa, pois se observa mais elementos que devam ser estudados.” (ARAUJO, 2011, p.82).

Nessa perspectiva, o contato com o lugar e seus problemas passa a ser diferencial neste processo formativo, isso decorre do zelo que a Pedagogia da Alternância dispensa a convivência do estudante com a família, com a comunidade e com tudo o que ela contém, pois compreende que a construção de uma convivência incide da necessidade de se buscar melhores condições de trabalho e de vida. Isso se dá a partir da observação e da análise do lugar durante todo o seu processo de formação, levando o/a aluno/a, conseqüentemente, a se redescobrir e redescobrir o lugar, o reconstituindo e vislumbrando um maior desenvolvimento socioeconômico e humano.

Sobre esse pensamento, Jorge Mesquita comenta que:

O processo de formação da EFA contribui para que os alunos se posicionem como sujeitos sociopolíticos de e em suas comunidades. Eu mesmo já tive convívio com diversos alunos e o que pude perceber é que a EFA enquanto entidade formadora possibilita o aprimoramento sobre a consciência de classe dos alunos. É impressionante a participação desses alunos na luta camponesa pela dignidade humana, as suas opiniões sobre como participar das lutas e resistências no campo (Jorge Mesquita, Secretário de Formação Política do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nova Russas e representante da comunidade da Lagoa do Norte – Nova Russas/CE).

Levando em consideração a fala do líder comunitário, entende-se que o projeto formativo da EFA está comprometido com uma educação transformadora de pessoas e práticas sociais, na medida em que propicia a reflexão sobre o lugar de vida e de trabalho de seus/uas educandos/as, dando-lhes condições de colocar em prática aquilo que se aprende a partir da proposta freiriana de conhecer a realidade para transformá-la. Assim se expressa Freire (2005, p.90)

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar.

O permanente diálogo com o ambiente de moradia e com os diferentes espaços de estudo proporcionado pelas vias da alternância faz emergir novas práticas sociais. O mundo vivido pelos estudantes começa ser pronunciado e, nessa pronúncia, diferentes problemas vêm à tona, exigindo dialeticamente novas problematizações para o nascimento de um novo que começa a se configurar com a construção de muitos saberes. A esse respeito Jacó Camelo comenta:

Eu participo dos encontros da juventude na Região dos Inhamuns e vejo nos jovens que concluíram a EFA um jeito consciente de analisar suas situações de vida. Todos querem se libertar de uma vida de trabalho duro e opressão no campo, mas poucos têm a coragem de formar a luta para desconstruir o modelo de vida ainda vigente no campo. Os alunos e alunas da EFA puxam a discussão sobre o campo político, assumindo ser de sua responsabilidade também a construção de uma nova era. (Jacó Camelo do Nascimento – Secretário da Juventude do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Nova Russas e líder comunitário da comunidade de Lagedo Grande – Nova Russas/CE).

A consciência de suas condições sociais e o desejo de transformá-las advém da práxis assumida ao longo do processo formativo como um elemento da educação libertadora que permeia todas as ideias desenvolvidas ao longo dos estudos, entendendo que a realidade não se transforma por si mesma como mágica, nem tampouco pela vontade das classes dirigentes, que muitas vezes tendem a manter as relações sociais inalteradas. A educação libertadora acontece num processo de práticas sociais conscientes e transformadoras na perspectiva dos menos favorecidos. Com relação a essa temática, Freire (2005, p. 45) coloca que:

Nenhuma pedagogia realmente libertadora pode ficar distante dos oprimidos, quer dizer, pode fazer deles seres desditados, objetos de um “tratamento” humanitarista, para tentar, através de exemplos retirados de entre os opressores, modelos para a sua “promoção”. Os oprimidos hão de ser exemplo para si mesmos, na luta por sua redenção.

O Projeto de pesquisa dos/as alunos/as da EFA Dom Frago do coloca em contato permanente com as comunidades, levando-os/as a visualização da necessidade de estar se formando continuamente numa relação de troca de saberes e experiências com as pessoas do lugar. Esta aprendizagem fundamentada no diálogo e na participação leva os alunos ao desenvolvimento do pensamento reflexivo e de sua expressão através da oralidade. Analisando o desenvolvimento dos/as alunos/as da Escola, Lúcia da Silva coloca que:

Os(as) nossos(as) alunos(as) que foram para a EFA hoje são nossos líderes nos debates das reuniões de Assentamento, sabem articular a fala e nos deixam impressionados com seus posicionamentos políticos e culturais. A Viviane, por exemplo, era tão tímida e dispersa e hoje quando vem nos visitar é para organizar os jovens para lutar pela transformação de suas vidas. Há muita diferença entre os alunos e alunas que participam desta escola com os que não participam (Lúcia da Silva Damasceno – Professora do Ensino Fundamental da Escola de São Sebastião – Lagoa do Norte – Nova Russas/CE).

A prática de formação vivenciada na EFA Dom Frago do proporciona aos estudantes, desde o início, diversas situações de ir aprendendo a conhecer sua realidade na essência e a conviver com as adversidades nela existentes, encontrando meios de viver melhor e de transformá-la através de práticas organizadas que se vão acumulando ao longo do processo. Em referência a esse jeito de ser parte do lugar, Araujo (2011, p.91) coloca que



O lugar também se torna um espaço formativo para os demais moradores da comunidade, que passam a perceber a mudança nas práticas sociais dos estudantes, que chegam a cada tempo-comunidade querendo se informar e interpretar os dados obtidos, para num momento próximo, potencializar os conhecimentos em ações transformadoras junto a comunidade, que passa a valorizar e perceber que deve participar de forma organizada para suprir as necessidades individuais e coletivas.

O aprendizado de se fazer pesquisador de seu lugar enquanto estuda torna o ato de estudar mais significativo, pois, para além do conhecimento profissional e político que o/a aluno/a adquire, ele passa a compreender que o conhecimento do qual ele vai se apropriando tem um sentido para a sua vida.

Assim, algumas modificações podem ser vistas nos estudantes da EFA como nos mostra Araujo (2011, p. 93):

Ao invés de estudar para sair do campo, se estuda para ficar nele e desenvolvê-lo; ao invés de se estudar para evoluir individualmente, se estuda para multiplicar os conhecimentos; ao invés de ir para as reuniões da associação apenas para escutar ou dar meros palpites, se vai para as reuniões para sugerir e dialogar com conhecimento de causa e possíveis efeitos; ao invés de destemperamento nas conversas, prudência e paciência nos diálogos; ao invés de subjugação à conjuntura política, práticas sociopolíticas voltadas para a autonomia do lugar; ao invés de vergonha de se apresentar como camponês, o orgulho de enxergar com clareza o seu lugar no mundo; ao invés da ignorância sobre a relevância do lugar, a certeza que a comunidade deve ser da vez mais estudada por ser complexa e significativa; ao invés da sensação de ser pronto e acabado, a certeza do incessante processo educativo do ser para ser mais.

Nas conversas formais e informais que fui estabelecendo com os/as alunos/as da EFA Dom Fragoso, pude verificar a diferença que esta formação tem sobre as suas vidas.

Exerço minha prática de educadora numa escola de Ensino Médio da rede estadual do ensino, cujo corpo de alunos/as é constituído de jovens da zona rural, e é incrível o olhar de não se saber pertencente a um lugar, não ter uma referência cultural e nem razões para permanecer no campo. Nas tentativas de conversas com os/as alunos/as, para saber o que sonham, ainda se vê que a maioria deseja completar “a idade”, ou seja, fazer 18 anos para ir embora, sair de sua terra natal. Ao contrário dos/as alunos/as da EFA, que encontram na consciência de suas existências sentido para trabalhar e melhorar as feições do lugar do qual fazem parte.

Nesse sentido, pode-se concluir que o projeto formativo desenvolvido na EFA Dom Fragoso leva seus estudantes a se sentirem sujeitos protagonistas da construção de momentos históricos de suas vidas e de suas comunidades, evidenciado no sentimento de pertencimento ao campo, de se perceber como alguém capaz de sobre ele participar ativamente e nele permanecer, criando as condições de ir convivendo com a contínua transformação social do lugar em que vivem.

## 8 RESPONDENDO À QUESTÃO CENTRAL: A CONCLUSÃO

O sertanejo se constrói forte à medida que vai aprendendo, por meio das adversidades, a transmutar força em fraqueza. Ao aprender a conviver com o sertão e seus fenômenos, o/a sertanejo/a vence a negação da vida e constrói paisagens que embelezam o olhar de quem chega e de quem nele vive com a esperança, que é a essência para o reflorescimento das infinitas possibilidades de vida que se inicia por aprender a conviver no e com este lugar.

É importante lembrar que para construir a perspectiva de convivência referendada em diversos momentos das falas dos sujeitos entrevistados, faz-se necessário um longo exercício de desconstrução da visão negativa que foi sendo constituída ao longo da história sobre o semiárido, começando pela desmistificação da ideia de que o semiárido é composto de paisagens secas, terra dura, vegetação áspera e semblantes humanos tristes. Em contraposição a esta compreensão, pode-se visualizar uma enorme diversidade sociocultural e ambiental, com grande capacidade do seu povo desenvolver estratégias de sobrevivência que convergem para assegurar a sua permanência no campo com condições dignas de vida.

Busco, ao final deste trabalho, um retorno às perguntas que lhe deram origem, as quais me instigaram a construir a elaboração de suas respostas. A pergunta inicial que me fazia quando me propus a desenvolver esta pesquisa era: **Quais as contribuições do projeto formativo da Escola Família Agrícola Dom Fragoso na prática social de seus alunos/as egressos que convivem no contexto do semiárido cearense?** A esta indagação outras perguntas foram surgindo, como questões complementares a primeira, dentre elas: **De que modo a Escola Família Dom Fragoso atua para as mudanças de hábitos de vivência e convivência de seus alunos/as egressos no semiárido? Quais os referenciais teóricos e metodológicos que direcionam o desenvolvimento do Projeto Político Pedagógico nesta escola?**

Essas indagações me fizeram caminhar sobre os estudos da Escola e das comunidades de que fazem parte os/as alunos/as pesquisados/as. Tais estudos me levaram a concluir que o projeto formativo da escola integra os princípios da convivência com o semiárido em seu Projeto Político Pedagógico e nas diferentes atividades desenvolvidas na sala de aula, nas Unidades produtivas e nas comunidades que compõem o universo de alunos/as da escola.

No decorrer da pesquisa, ficou constatado que o termo convivência com o semiárido é compreendido na sua essência pelos sujeitos da pesquisa, demonstrando que a

Escola Família Agrícola Dom Fragoso desenvolve um trabalho fundamentado nos princípios da educação do campo, sugerindo a concretização de ações voltadas para a convivência, o que permite a implementação de alternativas de desenvolvimento vinculadas às necessidades e desejos dos sertanejos/as, levando em consideração as potencialidades e fragilidades do semiárido.

Verifica-se que as práticas pedagógicas que dão forma ao seu projeto formativo estão sempre direcionadas para a convivência com o Semiárido, uma vez que é possível perceber que suas ações estão imbuídas pelo desejo de mudança das concepções tradicionais de ensino, que ao longo dos anos fortaleceram uma visão estereotipada do campo, como espaço de potencialidade inferior ao meio urbano, promovendo, conseqüentemente, a ampliação da injustiça social, a desigualdade educacional, dentre outras formas de negação da construção de uma forma de vida verdadeiramente digna para todos.

Assim, são construídas práticas pedagógicas na Escola, fundamentadas no método da Pedagogia da Alternância, cujos resultados vêm contribuindo positivamente para um novo cenário em que se concebe o Semiárido como espaço de construção de novas relações de convivência entre os seres humanos e a natureza.

Essas novas concepções de estudo associadas à convivência com o Semiárido estão sendo desenvolvidas à medida que as práticas pedagógicas se fundamentam na ideia de que é necessária a reconstrução de valores e conhecimentos inerentes ao equilíbrio com a qualidade de vida das pessoas e o respeito ao meio socioambiental.

As reflexões desenvolvidas durante a pesquisa trouxeram novos elementos teóricos e metodológicos sobre as práticas de educação do e no campo, desenvolvidas na perspectiva da convivência, vindo a possibilitar uma maior compreensão acerca da importância de se construir os projetos políticos pedagógicos das escolas do campo voltadas para o desenvolvimento de práticas educativas contextualizadas. Nesse sentido, os projetos de educação para a convivência criam as possibilidades para que o processo de ensino-aprendizagem seja desenvolvido de forma integrada com as vivências socioculturais dos/as alunos/as, construindo uma visão holística sobre a realidade na qual os/as aluno/as e professores/as estão inseridos.

No diálogo realizado durante a pesquisa, ficou evidenciado que a escola instiga a recriação da identificação dos sujeitos com o campo, quando direciona as atividades pedagógicas para a convivência, buscando alternativas que viabilizem a permanência dos/as aluno/as e seus/as familiares nas comunidades, possibilitando a experiência da práxis educativa através da reflexão dos conhecimentos concebidos na vida comunitária e escolar.

O processo formativo da EFA Dom Fragoso, o seu Projeto Político Pedagógico, os seus princípios e metodologia aplicados às atividades de estudo e de vida proporcionam aos estudantes instrumentos para dar um sentido as suas vidas, encontrando o direcionamento certo para o significado de suas existências, levando-os a elaborar um projeto de vida e de futuro relacionado com a sua cultura e com a sua forma de vida. A conclusão da etapa de estudos na EFA é para seus alunos/as a transição para etapas de estudo posteriores e oportunidade para encaminhar ações de desenvolvimento das potencialidades de seus lugares e das localidades vizinhas, levando-os ao exercício de uma prática social articulada com a transformação de suas vidas, das vidas de seus familiares e de seus lugares.

Estes estudos deram a contribuição para que me fosse possível relacionar alguns elementos, que, uma vez articulados, possam se configurar como sugestões para os gestores municipais e estaduais de Educação fazerem reflexões sérias e ponderadas sobre as práticas educativas trabalhadas nas escolas municipais e estaduais, na tentativa de diminuir o abismo existente entre as práticas de ensino e a realidade de vida dos estudantes nos anos iniciais de sua formação em meio ao semiárido.

Ao integrar a concepção de convivência ao seu Projeto Político Pedagógico, a EFA Dom Fragoso apresenta aos seus/uas alunos/as uma visão de mundo ampla, fornecendo-lhes instrumentos para criar perspectivas de futuro e de construção de vida digna para si e para seu lugar.

Espera-se que este caminho, iniciado no terreiro de casa e continuado no chão da sala de aula da Escola Família Agrícola Dom Fragoso, possa ser a luz inspiradora para a construção de práticas educativas que levem em conta o potencial de desenvolvimento das pessoas residentes no campo e das condições de crescimento de seus lugares, bem como para a construção de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento do potencial humano e de vida no semiárido.

Fica registrado o desejo de que se possa realmente ser difundida, em toda a região do sertão cearense, a implementação de uma proposta de educação para a convivência com o semiárido, que tenha como referência a Pedagogia da Alternância, buscando suporte nas concepções de liberdade referendada pelo pensamento freireano, isto é, que tenha como base o diálogo, a solidariedade e a esperança, para que se possa ver o nascimento da transformação da vida das pessoas desse lugar pelas vias da educação.

Reconheço que o estudo tem limitações à medida que não me foi possível verificar o modo como os municípios que compõem esta região estão direcionando seus trabalhos com a formação inicial de seus alunos, no entanto, não se pode negar que ele

representa uma contribuição social significativa para a área da educação do campo e para o conhecimento acerca do modelo de alternância, compreendendo-o como instrumento de construção de uma relação de convivência com o Semiárido na região do sertão da Região de Crateús, sobretudo para a construção de uma atuação consciente e transformadora dos jovens egressos em seus locais de moradia e de trabalho. O estudo pode vir a contribuir, ainda, para suscitar reflexões na classe política sobre a elaboração de projetos pedagógicos que possam subsidiar a integração entre os saberes construídos na escola e aqueles elaborados na relação cotidiana com o campo.

Pode, também, significar um ponto de partida para outras pesquisas de cunho acadêmico sobre a forma como vem sendo estruturada as políticas públicas que embasam o trabalho nas escolas estaduais e ou nos cursos de formação ofertados para os jovens nesta região, promovendo a aproximação e o compromisso da academia com melhoria das condições de vida dos jovens residentes no campo.

Enfim, que este estudo possa despertar o olhar reflexivo sobre o Semiárido, buscando alternativas para compreensão de suas potencialidades e respeitando as singularidades de seu clima, de seu povo e desenvolvimento, fazendo nascer sobre este chão um novo jeito de sua gente se relacionar com a terra, com a vegetação, construindo, assim, formas de vida mais humana e feliz.

## REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE INDEPENDÊNCIA. **Projeto político pedagógico da Escola Família Agrícola Dom Fragoso**: Habilitação em Agropecuária - Regime de Alternância. Disponível em: <<http://caicaraviva.blogspot.com.br/2011/06/projeto-politico-pedagogico-da-escola.html>>. Acesso em: 29 set. 2015.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- ANADON, Marta. A pesquisa dita qualitativa: sua cultura e seus questionamentos. Tradução de Marcelo Ribeiro. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL "FORMAÇÃO, PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM EDUCAÇÃO", 2005, Bonfim. **Anais... Comunicação oral**. Senhor do Bonfim: 2005.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. 48. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da educação e da pedagogia**: Geral e Brasil. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- ARAUJO, Ismael Xavier de. **Educação do campo e a formação sociopolítica do educador**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.
- ARROYO, Miguel G. **Pedagogias em movimento** - O que temos a aprender dos movimentos sociais? Belo Horizonte: 2003.
- ARROYO, Miguel G.; FERNANDES, Bernardo M. **A educação básica e o movimento social do campo**. Brasília: Articulação Nacional por uma educação básica do campo, 1999.
- ARTICULAÇÃO NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO (ASA). **Caminhos para a convivência com o semiárido**. 5. ed. Recife: 2009.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.
- BARREIRA, César. **Trilhas e atalhos do poder**: conflitos sociais no sertão. Rio de Janeiro: Ed. Rio Fundo, 1992.
- BEGNAMI, J.B. Experiências das Escolas Famílias Agrícolas: EFAS do Brasil. In: **Pedagogia da Alternância: formação em Alternância e Desenvolvimento Sustentável**. Brasília, DF: UNEFAB, 2002.
- BEGNAMI, J.B. **Uma geografia da pedagogia da alternância no Brasil**. Brasília: União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil, 2004.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1998.

BRASIL. Constituição (1934). Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 1934. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao34.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm)>. Acesso em: 23 jan. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Educação do Campo: marcos normativo**. Brasília: SEDUC, 2012.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Portaria 89, de 16 de março de 2005. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 26 set. 2005. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivo/pdf/RE>. Acesso em: 12 jun. 2011.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Programa de Ação Nacional de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca: PAN- BRASIL**. Brasília: MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2004.

CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica C. (org). **Por uma educação do campo**. Vozes: Petropolis, 2009.

CARNEIRO, M. J. **Ruralidade na sociedade contemporânea brasileira: uma reflexão teórica-metodológica**. Rio de Janeiro: CPDA, 2002.

CARVALHO, J. M. M. de. **O nordeste e o regime autoritário, discurso e prática do planejamento regional**. São Paulo: Hucitec, 1987.

CARVALHO, Luzeneide D.; NÓBREGA, Maria L. S.; SANTOS, Edmerson dos.(Orgs). **Educação e convivência com o semiárido brasileiro: reflexões por dentro da UNEB**. 2. ed. Juazeiro: 2013.

CARVALHO, Sandra Maria G. de. **Educação do Campo: PRONERA, uma política pública em construção**. 2006. Tese de Doutorado em Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Ceará, 2006.

CAVALCANTE, Maria Juraci M. Tradição e Cultura de Migração na Memória e Educação de Jovens e Famílias do Interior do Ceará. In: CARLEIAL, Adelita Neto (Org). **Transições Migratórias**. Fortaleza: Edições IPLANCE, 2002.

CEARÁ. Secretaria de Planejamento e Gestão Seplag. **Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – Ipece, 2014**. Fortaleza, 2014. Disponível em: <<http://www.ipece.ce.gov.br>>. Acesso em: 04 de maio de 2015.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1991.

DUQUE, J. G. **O Nordeste e as lavouras Xerófilas**. 4. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2004.

ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DOM FRAGOSO. **Currículo institucional**. Independência – Ceará, 2015.

- FRAGOSO, Dom Antonio Batista; SANTOS, Pe Eliésio dos.; GONÇALVES, Luis; CALADO, Alder J. B.; FRAGOSO, João da C. Igreja de Crateús (1964 – 1998). **Uma experiência Popular e Libertadora**. São Paulo: Ed. Loyola, 2005.
- FRANÇA, Antonio Elias de. A Igreja de Popular de Dom Fragoso: 1964 a 1998. In: **100 Anos Crateús**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FURTADO, E. D. P. **Estudo sobre a população rural no Brasil**. In: Educación para la población rural en Brasil, Chile, Colômbia, Honduras, México, paraguay y Peru. Santiago: Unesc, 2004.
- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo. Petrópolis, 2000.
- GARCIA-MARIRRODRIGA, Roberto. **Formação em Alternância e desenvolvimento local: o movimento educativo dos CEFFAS no mundo**. Belo Horizonte: O lutador, 2010.
- GIMONET, J. C. **Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAs**. Petrópolis, Vozes, 2007.
- HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- KUSTER, Ângela e MATTOS, Beatriz Helena Oliveira de Mello (orgs.). **Educação no contexto do semiárido brasileiro**. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2010.
- BRASIL. Lei 9394/96. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MATTOS, Beatriz Helena Oliveira de Mello. **Educação do campo e práticas educativas de convivência com o semiárido: a Escola Família Agrícola Dom Fragoso**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2011.
- MAKARENKO, Anton Semionovich. **Poema Pedagógico**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na política e na educação**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.



- MEIRELES, Cecília. **Cânticos**. 2. ed. São Paulo: Ed. Moderna, 1982.
- MEIRELES, Pe. Dr. R. Gomes. **Os bispos e o pacto das catacumbas**. São Luís, MA, 2008.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- MOLINA, Mônica Castagna (Org). **Educação do campo e pesquisa: questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.
- MOREIRA, J. R. Ruralidades e Globalizações: ensaiando uma interpretação. In: MOREIRA, J. R. (org). **Identidades sociais: ruralidades no Brasil contemporânea**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2003.
- MOURA, D. R. *et. al.* **Programa Nacional de Educação por Alternância para Agricultura Familiar**. Brasília: 2006.
- NEVES, F. C. **Imagens do Nordeste: a construção da memória regional**. Fortaleza: SECULT, 1994.
- PAIVA, Vanilda P. **Educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Loyola, 1973.
- PEREIRA, Pe José Helenio O. **Rastros de uma caminhada**. Fortaleza: Premium, 2008.
- ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DOM FRAGOSO. **Projeto político pedagógico da Escola Família Agrícola Dom Fragoso**. Independência-Ceará, 2011.
- QUEIROZ, J.B.P. de. **Construção das Escolas Famílias Agrícolas no Brasil: ensino médio e educação profissional**. 2004. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2004.
- RAMOS, G. **Vidas secas**. São Paulo: Ed. Record, 1971.
- RIBEIRO, D. **O processo civilizatório**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- SANTOS, Pe Eliésio dos. **Fazendo nossa história - caderno 01**. Crateús: Diocese de Crateús, 1989.
- SCHROEDER, Edni O.; SCONTI, Luiz, I. (Orgs). **Convivência com o semiárido brasileiro: autonomia e protagonismo social**. Brasília: FAURGS/REDEgenteSAN; Editora IABS, 2013.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, L. H. da; MORAIS, T. C; BOF, A. M. A educação no meio rural do Brasil: Revisão de literatura. In: BOF, A. M. (org). **A educação no Brasil rural**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.

SILVA, L. H. da; QUEIROZ, J. B. P. de. Formação em Alternância e Desenvolvimento Rural no Brasil: as contribuições das Escolas Famílias Agrícolas. In: CONGRESSO DE ESTUDOS RURAIS, 2007, Faro, Portugal, **Anais...** Faro, Portugal: Universidade de Algarve, 2006.

SOARES, E. A. L. **Diretrizes operacionais para educação básica nas escolas do campo.** Brasília: Ministério da Educação, 2002.

SOARES, José Rômulo; MAIA, Lucíola Maria; FRAGA, Regina Coeli Queiroz (Orgs.). **Práxis e Formação Humana.** Fortaleza: EdUECE, 2012.

THOMPSON, P. **A voz do passado.** 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TRIVIÑOS, Augusto Nebaldo Silva. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

XAVIER, M. S. Os movimentos sociais cultivando uma educação popular do campo. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 29, 2006, Caxambu. **Anais...** Caxambu, 2011.

#### BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CALADO, Alder Júlio F. (org) **Profeta dos pobre, Dom Fragoso nos fala.** João Pessoa: Buscas, 2007.

CALDART, Roseli Salete. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, n 01, jan. 2009.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina:** reflexões sobre minha vida e minha práxis. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação.** 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FURTADO, Eliane Dayse Pontes. O que se sabe e o que se faz sobre educação no contexto dos assentamentos rurais: colocando gás na lamparina. **Educação em Debate**, Fortaleza, n. 38, 2000.

MORIN, Edgar. **Por uma reforma do presente.** Rio de Janeiro: Garamard, 1999.

THOMÉ, Yolanda B. **Crateús:** um povo, uma igreja. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

RIBEIRO, Rafael W. **A construção da aridez:** representações da natureza, regionalização e institucionalização do combate à seca (1877 – 1909). Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

**APÊNDICE A- ROTEIRO DE ENTREVISTA**  
**ROTEIRO DE ENTREVISTA - ALUNOS EGRESSOS**

**DADOS PESSOAIS**

- 1) Nome:
- 2) Idade:
- 3) Sexo:
- 4) Estado Civil:
- 5) Naturalidade:
- 6) Endereço:
- 7) Profissão:
- 8) Onde trabalha:
- 9) Em que localidade você mora?
- 10) Qual a formação de seus pais e como se dá a relação familiar em sua casa?
- 10) Seu trabalho tem relação com o que aprendeu na EFA Dom Fragoso?
- 11) Qual a sua fonte de renda?
- 12) Está cursando o Ensino Superior? Qual curso? Que instituição?

**VIDA ESCOLAR**

- 1) Que motivou você a escolher a EFA Dom Fragoso para estudar?
- 2) Como você via a escola quando aluno e como você a vê agora do lado de fora?
- 3) Como a escola trabalha na prática pedagógica a convivência com o semiárido?
- 4) O que significa a Pedagogia da Alternância em sua vida?
- 5) Qual o significado do processo formativo vivenciado na EFA Dom Fragoso?
- 6) Qual o significado da EFA Dom Fragoso no seu percurso de vida estudantil, profissional e social?
- 7) Como você vê a economia de sua região? Pretende ficar na região e contribuir com o seu desenvolvimento ou deseja construir um modelo de vida noutra lugar?
- 8) Diante do que você vivenciou na EFA Dom Fragoso, você tem propostas de solução para os problemas enfrentados no semiárido?

**APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA**  
**APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA - MEMBROS DA ESCOLA**

**DADOS PESSOAIS**

- 1) Nome:
- 2) Idade:
- 3) Sexo:
- 5) Naturalidade:
- 6) Endereço:
- 7) Profissão:
- 8) Função que exerce na escola:
- 9) Escolaridade:

**SOBRE A EFA DOM FRAGOSO:**

- 1) Há quantos anos você atua nos trabalhos da EFA?
- 2) Qual o seu grau de envolvimento com a história de construção desta escola?
- 3) Você participou dos movimentos da igreja que deram base a esta escola?
- 4) Qual a contribuição do Bispo Dom Fragoso para a forma de trabalho ora desenvolvido na escola?
- 5) De que modo é planejado o projeto formativo dos jovens na escola?
- 6) Como a Escola contextualiza a convivência com o semiárido na perspectiva da Pedagogia da Alternância?
- 7) Como a Escola trabalha a prática pedagógica a partir da convivência com o semiárido?
- 8) Como a Escola relaciona as suas práticas educativas com as práticas de trabalho vivenciados pelos alunos em sua localidade?

**APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA**  
**APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA – LÍDERES COMUNITÁRIOS**

**DADOS PESSOAIS**

- 1) Nome:
- 2) Idade:
- 3) Sexo:
- 5) Naturalidade:
- 6) Endereço:
- 7) Profissão:
- 8) Grau de parentesco:
- 9) Escolaridade:

**SOBRE A EFA DOM FRAGOSO:**

- 1) Você conhece a EFA?
- 2) o que motivou você a incentivar os jovens de sua comunidade a se matricular na EFA?
- 3) Que projeto formativo você esperava desta escola?
- 4) De que forma a escola trabalha a convivência com o semiárido?
- 5) Quais as contribuições que os saberes escolares construídos pelo aluno apresentaram para a comunidade em que vive?

**APÊNDICE D – AGRUPAMENTO DAS FALAS DOS SUJEITOS EM TEMAS E CATEGORIAS DE ANÁLISE**

**TABELA 4 - ENTREVISTADOS: MEMBROS DA ESCOLA (continua)**

<b>Tema</b>	<b>Resposta</b>	<b>Categoria de Análise</b>
<b>Escola Família Agrícola</b>	Há um horário para o cuidado com o espírito, com o corpo, com a formação do pensamento crítico, com a apropriação do conhecimento, com o olhar que se dedica ao outro com quem se convive, seja esta convivência na escola ou na comunidade. (Taciana Araújo Cavalcante)	<b>Prática Pedagógica</b>
<b>Escola Família Agrícola</b>	Nós visitamos as comunidades para acompanhar os planos de estudo que são feitos pelos alunos e a gente fica impressionados com o relato dos pais sobre a mudança de comportamento e de atitude de seus(as) filhos(as) depois que entraram na EFA. (Idelzuíth Sousa Borges.)	<b>Prática Pedagógica</b>
<b>Escola Família Agrícola</b>	Há uma dinâmica de trabalho bastante diferenciada daquela que eu estava habituada. (Maria Gorete Alves de Araújo)	<b>Prática Pedagógica</b>
<b>Escola Família Agrícola</b>	Os agentes de educação na escola, que nós chamamos de monitores, vão, a partir da proposta Família Agrícola, contando com a experiência que cada um traz, poder construir numa perspectiva atualizada o sentido de sua existência. (Jefferson Carneiro da Silva – Padre Géu)	<b>Prática Pedagógica</b>
<b>Projeto Formativo</b>	É importante destacar que a espinha dorsal de seus estudos é o Plano de Estudo. (Taciana Araújo Cavalcante)	<b>Prática Pedagógica</b>
<b>Projeto Formativo</b>	As práticas de estudo na escola promove a integração constante do que se aprende na escola com a realidade, o tema da pesquisa, que é proposta pela escola, nasce da necessidade do aluno e de seu meio. (Idelzuíth Sousa Borges)	<b>Prática Pedagógica</b>
<b>Projeto Formativo</b>	Eu não trabalho com a sala de aula, mas no que eu faço eu sei dizer que o projeto formativo que envolve a vida desses estudantes é bastante diferente do que se vê nas escolas convencionais. (Antonia Neta da Silva)	<b>Prática Pedagógica</b>
<b>Projeto Formativo</b>	É bonito ver que em todo o tempo os estudantes são orientados a aprender e reaprender formas especiais de conviver com o jeito de ser de suas famílias, com os recursos existentes no semiárido e com a forma de se comunicar de suas comunidades. (Maria Gorete Alves de Araújo)	<b>Prática Pedagógica</b>
<b>Projeto Formativo</b>	Os planos de estudo contemplam uma temática a cada ano e assim é permitido à escola a compreensão total de seus alunos(as). (Devanir Sampaio Siebra – Irmã Siebra)	<b>Prática Pedagógica</b>
<b>Pedagogia da Alternância</b>	A prática pedagógica em alternância promove a integração dos saberes escolares com a comunidade. (Devanir Sampaio Siebra – Irmã Siebra)	<b>Prática Pedagógica</b>
<b>Convivência com o semiárido</b>	Compartilha-se os saberes aprendidos na escola com toda a comunidade, levando os saberes da família para a escola. (Taciana Araújo Cavalcante)	<b>Prática Pedagógica</b>

**TABELA 4 - ENTREVISTADOS: MEMBROS DA ESCOLA (continuação)**

<b>Convivência com o semiárido</b>	São desenvolvidas diferentes técnicas de manejo com a terra para que se possa extrair o melhor, sem agredi-la e nem lhe esgotar as forças. (Idelzuíth Sousa Borges)	<b>Prática Pedagógica</b>
<b>Convivência com o semiárido</b>	A escola prima pelo diálogo e respeito entre as pessoas. (Devanir Sampaio Siebra – Irmã Siebra)	<b>Prática Pedagógica</b>
<b>Convivência com o semiárido</b>	A escola busca instrumentalizar os alunos/as, no sentido político do termo, para uma mobilização comunitária. (Manoel Bezerra Machado – Padre Machado)	<b>Prática Pedagógica</b>
<b>Escola Família Agrícola</b>	O que dá suporte as práticas pedagógicas da escola é a Pedagogia da Alternância, que elabora um modelo de ensino diferenciado. (Taciana Araújo Cavalcante)	<b>Pedagogia da Alternância</b>
<b>Escola Família Agrícola</b>	Ao adotar o regime de alternância a escola colabora para aproximar o aluno de sua realidade. (Jefferson Carneiro da Silva – Padre Géu)	<b>Pedagogia da Alternância</b>
<b>Projeto Formativo</b>	A espinha dorsal de seus estudos é o Plano de Estudo, que é uma das ferramentas de trabalho propostas pela Pedagogia da Alternância. (Taciana Araújo Cavalcante)	<b>Pedagogia da Alternância</b>
<b>Pedagogia da Alternância</b>	O mais bonito dessa pedagogia é ver a integração desses momentos de estudo, um vai complementando o outro. (Idelzuíth Sousa Borges.)	<b>Pedagogia da Alternância</b>
<b>Pedagogia da Alternância</b>	Os alunos passam um tempo na escola e outro na comunidade e nesse tempo são orientados a desenvolver projetos que possam beneficiar seus familiares e os lugares em que vivem. (Antonia Neta da Silva)	<b>Pedagogia da Alternância</b>
<b>Pedagogia da Alternância</b>	Os estudantes ficam 15 dias na escola e 15 dias em casa, às vezes esse tempo é modificado, conforme as necessidades. (Maria Gorete Alves de Araújo)	<b>Pedagogia da Alternância</b>
<b>Pedagogia da Alternância</b>	A Pedagogia da Alternância, ao propor a vivência do aluno/a em diferentes espaços, os ajudam a crescer numa perspectiva diferente. (Jefferson Carneiro da Silva – Padre Géu)	<b>Pedagogia da Alternância</b>
<b>Pedagogia da Alternância</b>	A gente começou a entender que a Pedagogia da Alternância é um processo pedagógico que implica em três colunas mestras: Sessão escolar, familiar e comunidade, e que sua efetivação requer uma metodologia mais dialogante. (Devanir Sampaio Siebra – Irmã Siebra)	<b>Pedagogia da Alternância</b>
<b>Pedagogia da Alternância</b>	Desenvolver um trabalho educativo em regime de alternância era para nós algo muito animador, pois entendíamos que os alunos/as ao participarem de seu próprio processo de formação, eles contribuiriam para a formação de seus familiares. (Manoel Bezerra Machado – Padre Machado)	<b>Pedagogia da Alternância</b>
<b>Convivência com o semiárido</b>	A alternância contribui para o conhecimento acerca da convivência com o semiárido. (Jefferson Carneiro da Silva – Padre Géu)	<b>Pedagogia da Alternância</b>
<b>Convivência com o semiárido</b>	A alternância é o que nos dá mobilidade para discutir os conceitos de convivência com o semiárido com os educandos. (Devanir Sampaio Siebra – Irmã Siebra)	<b>Convivência com o semiárido</b>

**TABELA 4 - ENTREVISTADOS: MEMBROS DA ESCOLA (continuação)**

<b>Escola Família Agrícola</b>	Na EFA temos a certeza de que o trabalho de educar acontece de verdade, pois há um conjunto de fatores que contribuem para que os estudantes tenham autonomia sobre o ritmo de seus estudos e de sua formação. (Taciana Araújo Cavalcante)	<b>Prática Social</b>
<b>Escola Família Agrícola</b>	A EFA Dom Fragoso é um espaço de formação diferenciado, nós todos somos formados para uma nova realidade junto com os estudantes. (Idelzuíth Sousa Borges.)	<b>Prática Social</b>
<b>Escola Família Agrícola</b>	Na EFA, o sentido da palavra coletividade, pois tudo é feito em grupo. (Antonia Neta da Silva)	<b>Prática Social</b>
<b>Escola Família Agrícola</b>	A EFA Dom Fragoso não é só um lugar para a formação escolar, ela foi pensada para reunir os jovens que pudessem trazer sua experiência de vida e de comunidade para o espaço escolar. (Jefferson Carneiro da Silva – Padre Géu)	<b>Prática Social</b>
<b>Escola Família Agrícola</b>	Trabalhamos para criar nos jovens a identificação com seus espaços de vida, no sentido de melhorar suas condições de existência. (Devanir Sampaio Siebra – Irmã Siebra)	<b>Prática Social</b>
<b>Escola Família Agrícola</b>	Era evidente a necessidade de proporcionar aos jovens uma formação que tivesse identidade com o campo. (Manoel Bezerra Machado – Padre Machado)	<b>Prática Social</b>
<b>Projeto Formativo</b>	A pesquisa que os jovens fazem em suas comunidades e com a sua família é à base de sua formação. (Taciana Araújo Cavalcante)	<b>Prática Social</b>
<b>Projeto Formativo</b>	O projeto formativo da escola é totalmente fundamentado no pensamento de uma pedagogia libertadora, Paulo Freire é nossa inspiração para manter acesa a esperança de que é possível mudar o mundo a partir de uma ação consciente sobre a realidade. (Idelzuíth Sousa Borges)	<b>Prática Social</b>
<b>Projeto Formativo</b>	É impressionante como os próprios alunos se dão conta do seu desenvolvimento e como, aos poucos, vão assumindo a dinâmica de suas atuações na família, eles vão se redefinindo, se re-caracterizando. (Padre Jefferson Carneiro da Silva – Padre Géu)	<b>Prática Social</b>
<b>Projeto Formativo</b>	O projeto formativo da escola desde o seu princípio era algo instigante e bastante desafiador, pois o que se buscava era uma escola que despertasse nos jovens o interesse para entender o seu lugar, inclusive com suas limitações. (Padre Manoel Bezerra Machado- Padre Machado)	<b>Prática Social</b>
<b>Pedagogia da Alternância</b>	À medida que os alunos vão aprendendo a entender os problemas de sua comunidade, começam a compreender a necessidade de saber mais sobre as comunidades vizinhas, e aí é proposto a visita e as pesquisas em outras comunidades para que eles aprendem a refletir sobre diferentes realidades. Isso tudo feito à luz das teorias estudadas no tempo escola. (Idelzuíth Sousa Borges.)	<b>Prática Social</b>
<b>Pedagogia da Alternância</b>	Nem sempre é dada toda atenção aos conteúdos da grade curricular, o mais importante é que os/as alunos/as consigam relacionar o que estão aprendendo com suas vidas. (Jefferson Carneiro da Silva – Padre Géu)	<b>Prática Social</b>



**TABELA 4 - ENTREVISTADOS: MEMBROS DA ESCOLA (conclusão)**

<b>Pedagogia da Alternância</b>	Há um levar e trazer de conhecimento que é preciso estar atento para interagir com a diversidade de saberes que se relacionam e se completam no processo de aprendizagem. (Devanir Sampaio Siebra – Irmã Siebra)	<b>Prática Social</b>
<b>Convivência com o semiárido</b>	Não é só o aluno que aprende meios de melhor viver no sertão, nós também participamos de estudo que nos orientam a cuidar bem de nosso meio. (Antonia Neta da Silva)	<b>Prática Social</b>
<b>Convivência com o semiárido</b>	A escola constrói um jeito muito consciente de analisar as coisas por parte dos/as alunos e dos professores/as. (Maria Gorete Alves de Araújo)	<b>Prática Social</b>
<b>Convivência com o semiárido</b>	Todos os trabalhos de pesquisa desenvolvidos na escola tratam destas pequenas práticas desenvolvidas por cada família, isso, para nós, é algo muito salutar. Jefferson Carneiro da Silva – Padre Géu	<b>Prática Social</b>
<b>Convivência com o semiárido</b>	Então se vai discutindo com os alunos/as e seus familiares jeitos melhores de conviver no sertão. (Devanir Sampaio Siebra – Irmã Siebra)	<b>Prática Social</b>

**TABELA 5 - ENTREVISTADOS: ALUNOS EGRESSOS (continua)**

<b>Tema</b>	<b>Resposta</b>	<b>Categoria de Análise</b>
<b>Escola Família Agrícola</b>	A EFA é um lugar que cuida de nossa formação em todos os momentos. Até quando íamos para casa sentíamos que estávamos sendo acompanhados. (Alcides da Luz dos Santos)	<b>Prática Pedagógica</b>
<b>Escola Família Agrícola</b>	No dia em que comecei a falar de meus estudos em minha comunidade, e eu fui ouvido e minha fala redefinia o jeito de melhorar as condições do meu lugar. Foi aí que me dei conta que era gente e não apenas aluno. Eu era um homem apresentando minhas ideias. (Hélio Félix da Silva)	<b>Prática Pedagógica</b>
<b>Escola Família Agrícola</b>	Lá entendi que não quero lidar com a terra, mas quero aprender administrar os recursos nela existente, para que nunca falte. (Gonçalo da Silva Neto)	<b>Prática Pedagógica</b>
<b>Escola Família Agrícola</b>	À noite, com os serões, nós víamos o quanto ainda havia por aprender. Então tínhamos mais vontade de perseguir os estudos para entender melhor nossa sociedade. (João dos Santos)	<b>Prática Pedagógica</b>
<b>Escola Família Agrícola</b>	Na EFA entendi que minha fala era o instrumento de denúncia de minhas vontades. Aprendi a falar e a ser um defensor de meus ideais. (Víctor Luís Chaves)	<b>Prática Pedagógica</b>
<b>Projeto Formativo</b>	Depois que aprendi o sentido de tudo o que há na terra, me encantei pelo trabalho no campo. No projeto profissional da escola estudei com afinco o melhor jeito de cuidar da criação ovina. (Alcides da Luz dos Santos)	<b>Prática Pedagógica</b>
<b>Escola Família Agrícola</b>	A EFA não é só uma escola, lá é um ambiente constituído de regras e ensinamentos para bem viver. (Alcides da Luz dos Santos)	<b>Prática Social</b>
<b>Escola Família Agrícola</b>	Tenho muito orgulho de ter feito parte de uma escola que me mostrou o que era a vida. (Viviane Lima Da Silva)	<b>Prática Social</b>

**TABELA 5 - ENTREVISTADOS: ALUNOS EGRESSOS (conclusão)**

<b>Escola Família Agrícola</b>	Aprendi que o nosso caminho é feito pelo jeito de nosso caminhar. Hoje compreendo o mundo, sei das suas desigualdades, mas sei também que posso melhorar as coisas se nelas intervir conscientemente. (Hélio Félix da Silva)	<b>Prática Social</b>
<b>Escola Família Agrícola</b>	A EFA é uma escola que me fez pensar sobre o que eu queria fazer da minha vida. (Gonçalo da Silva Neto)	<b>Prática Social</b>
<b>Escola Família Agrícola</b>	Eu era muito mais do que uma aluna, eu era alguém que podia colaborar com a melhoria do meu lugar. (Nágila Mendes)	<b>Prática Social</b>
<b>Projeto Formativo</b>	O que aprendi na EFA seguirá comigo, pois a vontade de melhorar o meu mundo e o de meus semelhantes é algo que vem de dentro. Hoje compreendo que não há como mudar minha vida na espera divina, Jesus inspira e dá força na caminhada, mas quem faz o caminhar são nossas pernas e nossas vontades. (Alcides da Luz dos Santos)	<b>Prática Social</b>
<b>Projeto Formativo</b>	Cooperar com a construção de um mundo melhor começa com o compromisso com minha casa, minha família, minha comunidade e minha formação. Só se pode mudar o que está posto aqui fora se eu me dispor a mudar meu pensamento e minhas atitudes. (Viviane Lima Da Silva)	<b>Prática Social</b>
<b>Projeto Formativo</b>	Vim embora porque descobri que o sentido de minha vida é trabalhar com os animais de pequeno porte. (Hélio Félix da Silva)	<b>Prática Social</b>
<b>Projeto Formativo</b>	Logo que concluí os estudos fiquei sem saber direito no que ia trabalhar, queria continuar com o aviário, mas sabia que precisava de uma renda que me ajudasse a manter a unidade de produção. (João dos Santos)	<b>Prática Social</b>
<b>Projeto Formativo</b>	Nós aprendemos muito sobre a vida, são muito fortes os valores e princípios lá trabalhados. Aprendemos sobre o estudo e o valor que ele tem para ajudar melhorar nossa vida. (Víctor Luís Chaves)	<b>Prática Social</b>
<b>Projeto Formativo</b>	Minha formação na EFA não foi só uma passagem pelo Ensino Médio, foi sobretudo um mergulho nas minhas raízes, algo que favoreceu a formação de minha identidade. (Nágila Mendes)	<b>Prática Social</b>
<b>Escola Família Agrícola</b>	A alternância nos permitia entender os dois espaços de aprendizagem de nossa formação: a escola e a nossa comunidade. (Viviane Lima Da Silva)	<b>Pedagogia da Alternância</b>
<b>Projeto Formativo</b>	O modelo em alternância me proporcionou o conhecimento da minha realidade. (Alcides da Luz dos Santos)	<b>Pedagogia da Alternância</b>
<b>Projeto Formativo</b>	A Pedagogia da Alternância me deu mobilidade para conhecer a escola e o meu lugar. (Viviane Lima Da Silva)	<b>Pedagogia da Alternância</b>

**TABELA 6 - ENTREVISTADOS: ALUNOS EGRESSOS**

<b>Tema</b>	<b>Resposta</b>	<b>Categoria de Análise</b>
<b>Formação dos/as alunos/as ANTES da EFA</b>	A Viviane era tímida demais, na escola não se conseguia fazer ela apresentar nenhum trabalho e nos encontros de organização da festa de padroeiro, ela ia, mas não se envolvia. O Hélio já era mais falador, gostava de participar das reuniões na escola e na comunidade. Não tinha muita afinidade com o trabalho no campo, quando recebíamos a visita dos sindicatos para mobilizar os jovens ele era um dos que diziam que o campo era lugar pra quem não estuda. (Lúcia da Silva Damasceno.)	<b>Prática Social NÃO TRANSFORMADORA</b>
<b>Formação dos/as alunos/as ANTES da EFA</b>	O Hélio era um jovem participativo, no entanto tinha o desejo de sair de seu lugar, não via muita razão em permanecer no campo. (Jorge de Oliveira Mesquita)	<b>Prática Social NÃO TRANSFORMADORA</b>
<b>Formação dos/as alunos/as ANTES da EFA</b>	Os jovens que conheço que fizeram parte da EFA eram completamente alheios aos movimentos do campo, participavam timidamente dos movimentos pastorais, mas ficavam restritos aos trabalhos de organização de novenas. Não queriam participar de reuniões políticas porque achavam cansativo falar de suas localidades. (Jacó Camelo do Nascimento)	<b>Prática Social NÃO TRANSFORMADORA</b>
<b>Formação dos/as alunos/as DEPOIS da EFA</b>	Quando esses alunos/as começaram a estudar na EFA, houve uma transformação. Tinham suas unidades produtivas, e delas cuidavam com zelo e atenção. Nas reuniões sabiam falar deixavam-nos impressionados com a segurança demonstrada em suas falas. (Lúcia da Silva Damasceno.)	<b>Prática Social TRANSFORMADORA</b>
<b>Formação dos/as alunos/as DEPOIS da EFA</b>	O processo de formação da EFA contribuiu muito para a criação de uma outra visão dos jovens que nela foram estudar. Eles têm consciência de classe e já sabem que, organizados, conquistarão mais benefícios para seus lugares. (Jorge de Oliveira Mesquita)	<b>Prática Social TRANSFORMADORA</b>
<b>Formação dos/as alunos/as DEPOIS da EFA</b>	O que se observa é um amadurecimento político muito grande nesses jovens. Eles puxam a responsabilidade para as famílias sobre a mudança que se busca para si e para o lugar. Eles colocam que todas as pessoas tem condição de mudar os rumos de sua vida. Eles ganham liberdade na fala nos momentos de reunião e conseguem um diálogo mais esclarecido com os jovens. Eu digo que a EFA é um lugar de formação de pessoas críticas. (Jacó Camelo do Nascimento)	<b>Prática Social TRANSFORMADORA</b>

**APÊNDICE E - RESUMO DE TODAS AS ENTREVISTAS**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

DO TERREIRO DE CASA AO CHÃO DA ESCOLA: um caminho de práticas pedagógicas e práticas sociais construídas à luz da pedagogia da alternância. O CASO DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DOM FRAGOSO.

MARIA DEUSELENA DIAS DE SOUZA

**TABELA 7 - QUADRO DE ENTREVISTAS: (FUNCIONÁRIOS) (continua)**

<b>TEMA: ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA</b>		
<b>ENTREVISTADO/A</b>	<b>RESPOSTA</b>	<b>OBSERVAÇÃO</b>
Taciana Cavalcante Araújo	A EFA Dom Fragoso foi o campo que encontrei para dialogar com pessoas que vinham para aprender e que traziam muitos saberes para compartilhar. Cheguei na EFA em 2003, quando ela estava começando a se formar, então tive a felicidade de ir me formando junto com a escola e com todos que dela faziam parte. Aqui você tem a certeza de que o trabalho de educar acontece de verdade, pois há um conjunto de fatores que contribuem para que os estudantes tenham autonomia sobre o ritmo de seus estudos e de sua formação. Há um horário para o cuidado com o espírito, com o corpo, com a formação do pensamento crítico, com a apropriação do conhecimento, com o olhar que se dedica ao outro com quem se convive, seja esta convivência na escola ou na comunidade. Vejo, a cada final de curso, o quanto houve um crescimento nos/as alunos/as, os projetos que eles apresentam no terceiro ano de estudo deixa-nos orgulhosos e comovidos, sobretudo porque se vê um desejo de ampliar suas formações para agir de forma cada vez mais eficiente sobre seu meio. O que dá suporte as práticas pedagógicas da escola é a Pedagogia da Alternância, que elabora um modelo de ensino diferenciado.	A professora colocou que a EFA passa por um momento de muitas fragilidades, alguns projetos de financiamento da escola foram interrompidos neste ano, alguns professores também deixarão a escola, inclusive ela, que já está aqui há tanto tempo. Por outro lado, ela afirma que a escola terá como superar estas fragilidades porque tem uma base forte, sabe a que veio e por isso saberá vencer as dificuldades que virão.

**TABELA 7 - QUADRO DE ENTREVISTAS: (FUNCIONÁRIOS) (continuação)**

Idelzuíth Sousa Borges.	A EFA Dom Fragoso é um espaço de formação diferenciado, nós todos somos formados para uma nova realidade junto com os estudantes. A gente também vem de um meio que não favorece muito a disciplina com os horários e o desenvolvimento de práticas respeitadas com o meio e, aqui na escola, a gente vai aprendendo na prática a coordenar o tempo, no sentido de com ele ir compondo um jeito melhor de viver. Tudo o que se vivencia aqui faz nascer em nós um sentimento de saber-se pertencente a este lugar, tudo o que aqui se aprende é para a vida. Nós visitamos as comunidades para acompanhar os planos de estudo que são feitos pelos alunos e a gente fica impressionado com o relato dos pais sobre a mudança de comportamento e de atitude de seus(as) filhos(as) depois que entraram na EFA. Isso nos dá muita alegria e a certeza de que estamos no caminho certo da educação, o qual seja melhorar o jeito de viver de todos que frequentam a escola. A gente sente que aquilo que nós ensinamos tem um sentido real para a vida dos alunos.	A professora Idelzuíth possui contrato temporário com o Estado, praticamente mora na escola e não tem pretensão de sair tão cedo. Ao contrário, deseja cursar uma faculdade de Educação do Campo para entender cada vez mais sobre os meios de fazer crescer as potencialidades do sertão.
Antonia Neta da Silva.	A EFA para mim é o espaço em que eu moro, trabalho e aprendo o valor do conhecimento. Eu trabalho na cozinha e nesse espaço eu aprendi a filtrar melhor o que deve ser ingerido. Os/as alunos/as participam comigo das descobertas de novos pratos a partir do que a gente tem na cozinha. Compartilho com eles o que eu sei e me permito aprender com eles as receitas que cada um traz de suas comunidades. Aqui eu entendi o sentido da palavra coletividade, pois tudo é feito em grupo, dentro de um tempo que é coordenado todo dia por um monitor diferente, e eu também sou monitora um dia por semana. Eu morei muito tempo em Fortaleza, mas foi depois que cheguei aqui que vi a necessidade de estudar. O Padre Géu me incentivou e eu fiz o curso de Teologia e hoje consigo compreender melhor a importância de meu trabalho para a escola e para a minha vida e a riqueza que tem no meu lugar. Já não desejo mais sair do campo, sei que nele posso encontrar forma digna de vida.	A entrevistada mora na escola, dela saindo somente para resolver necessidades pessoais, como ir a um médico, fazer compras e visitar a família que reside num distrito bem próximo da escola.

**TABELA 7 - QUADRO DE ENTREVISTAS: (FUNCIONÁRIOS) (continuação)**

<p>Maria Gorete Alves de Araújo.</p>	<p>A EFA exige muito tempo de quem nela trabalha, aqui não tem feriado nem final de semana. Há uma dinâmica de trabalho bastante diferenciada daquela que eu estava habituada. Sou de origem da zona rural, mas não <i>tô</i> conseguindo me identificar completamente com a forma de trabalho da escola. Estou aqui há um ano e fui me apropriando de seu funcionamento no exercício de minha função. <i>Tô</i> na coordenação da escola, mas acho tudo muito difícil, aqui não tem um secretário de educação a quem recorrer numa dificuldade, quando esta surge se vai resolvendo na reunião do Conselho e nas reuniões com os professores, tenho a sensação forte de solidão por aqui, e isso me deixa meio confusa sobre o valor do meu trabalho.</p>	<p>A professora é da Rede Municipal de Ensino do município de Independência, trabalha desde 2013 na escola, mas já comunicou sua saída no final de 2014. Sua mãe está doente e precisa de seu auxílio, e a rotina da escola não lhe permite mobilidade no tempo para exercer suas atividades pessoais.</p>
<p>Jefferson Carneiro da Silva – Padre Géu</p>	<p>A EFA Dom Frágoso não é só um lugar para a formação escolar, ela foi pensada para reunir os jovens que pudessem trazer sua experiência de vida e de comunidade para o espaço escolar. Os agentes de educação na escola, que nós chamamos de monitores, vão, a partir da proposta da Escola Família Agrícola, contando com a experiência que cada um traz de suas residências, podendo reconstruí-lo numa perspectiva atualizada o sentido de sua existência. A EFA é construída com base na realidade de cada um dos jovens que ali está, levando em conta a sua origem de vida, a origem do seu lugar, a grandeza da relação da terra com a natureza e a necessária articulação comunitária. Seja esta articulação comunitária com a família, seja a articulação comunitária do povoado aonde eles vivem, ou seja, do mundo geral do qual todos fazem parte. Conseguindo oferecer para estes jovens elementos necessários para cooperar com as atividades da família, construindo neles uma relação diferente e automaticamente mais consciente. Ao adotar o regime de alternância, a escola colabora para aproximar o aluno de sua realidade.</p>	<p>Padre Géu é membro da Comissão Pastoral da Terra, é voluntário e trabalha na assessoria administrativa da escola.</p>

**TABELA 7 - QUADRO DE ENTREVISTAS: (FUNCIONÁRIOS) (continuação)**

Devanir Sampaio Siebra – Irmã Siebra	A preocupação inicial com a implantação da escola estava na necessidade de vencer o desestímulo dos jovens pelos estudos. Todas as EFAs começam suas histórias a partir do que se percebe numa dada região. E o que nós percebíamos era que havia um desencanto geral dos jovens com o mundo dos estudos e com o espaço rural. Nós visitávamos as comunidades e notávamos que as escolas existentes eram escolas no campo, mas não eram escolas do campo. O desejo de sair do campo era muitas vezes reforçado pelos pais, que, se desencantando também com o campo, desejavam serviço mais leve para os filhos, ou pelos professores que ensinavam que o estudo daria aos estudantes a chance de conseguir um bom emprego na cidade grande. Assim, a gente vem trabalhando para criar nos jovens a identificação com seus espaços de vida, no sentido de melhorar suas condições de existência.	Irmã Siebra acompanhou desde o princípio o processo de implantação da EFA. Trabalhou como professora de Filosofia e sempre esteve presente nas atividades de acompanhamento da parte pedagógica da escola. Hoje, ela reside em Fortaleza, mas voluntariamente presta um serviço de assessoria pedagógica na escola.
Manoel Bezerra Machado – Padre Machado	Começa nos anos 80 um movimento de insatisfação do povo camponês com a persistência do processo migratório dos jovens. Era evidente a necessidade de proporcionar aos jovens uma formação que tivesse identidade com o campo. Já existia a escola popular e as escolas diocesanas, mas a abrangência de criar essa identificação com o meio rural era muito superficial. Então nós começamos a nos organizar para a construção de uma escola que viesse a satisfazer as necessidades dos filhos dos agricultores de nossa região. Levaram uns dez anos para que o projeto tomasse forma real. Hoje, nós nos sentimos felizes porque sabemos do reconhecimento do trabalho da escola por parte de diferentes comunidades e, embora ela passe por algumas dificuldades, a gente sabe que é da vontade de todos a superação dos problemas lá enfrentados.	Padre Machado é pároco de Independência, acompanhou e participou de todo o processo de implantação da escola, inclusive das discussões de escolha do local. Hoje ele atua como assessor do campo/administrativo da EFA.
<b>TEMA: PROJETO FORMATIVO</b>		
<b>ENTREVISTADO/A</b>	<b>RESPOSTA</b>	<b>OBSERVAÇÃO</b>
Taciana Araújo Cavalcante	Sobre o processo formativo da EFA, é importante destacar que a espinha dorsal de seus estudos é o Plano de Estudo, que é uma das ferramentas de trabalho propostas pela Pedagogia da Alternância. A pesquisa que os jovens fazem em suas comunidades e com a sua família é a base de sua formação. O plano de estudo liga todas as disciplinas ao mesmo tempo, fazendo-se com que o estudo do que é global não se perca do que é local.	

**TABELA 7 - QUADRO DE ENTREVISTAS: (FUNCIONÁRIOS) (continuação)**

Idelzuíth Sousa Borge	O projeto formativo da escola é totalmente fundamentado no pensamento de uma pedagogia libertadora, Paulo Freire é nossa inspiração para manter acesa a esperança de que é possível mudar o mundo a partir de uma ação consciente sobre a realidade. Assim, as práticas de estudo na escola promovem a integração constante do que se aprende na escola com a realidade, o tema da pesquisa, que é proposta pela escola, nasce da necessidade do aluno e de seu meio.	
Antonia Neta da Silva	Eu não trabalho com a sala de aula, mas no que eu faço eu sei dizer que o projeto formativo que envolve a vida desses estudantes é bastante diferente do que se vê nas escolas convencionais. Eles são orientados a arrumar o quarto desde o momento em que se levantam. Participam da limpeza e colaboram com os trabalhos na cozinha. Eu me sinto muito importante quando é dia de monitorar a produção do pão, porque primeiro eu vou mostrando passo a passo como se faz e depois eles assumem a produção deste alimento sozinhos.	
Maria Gorete Alves de Araújo	É bonito ver que em todo o tempo os estudantes são orientados a aprender e reaprender formas especiais de conviver com o jeito de ser de suas famílias, com os recursos existentes no semiárido e com a forma de se comunicar de suas comunidades. Para alcançar um nível melhor de convivência, eles elaboram planos de estudo que viabilizam a pesquisa que norteia seus projetos de vida.	



**TABELA 7 - QUADRO DE ENTREVISTAS: (FUNCIONÁRIOS) (continuação)**

Padre Jefferson Carneiro da Silva – Padre Géu	. É muito interessante quando a gente encontra um pai que relata como o filho era antes de entrar na escola e no que ele se transformou depois de estudar na escola. E é impressionante como os próprios alunos se dão conta deste desenvolvimento e como, aos poucos, vão assumindo a dinâmica de suas atuações na família, eles vão se redefinindo, se recaracterizando. Escutar a fala de pais e alunos, sobretudo na fase inicial da escola, é impressionante, parece uma coisa mágica, porque quando eles ficam três semanas consecutivas, no período da adaptação, que a gente chama, logo em seguida vem as duas semanas de sessão de estudos, é interessante quando eles voltam para casa, quatro semanas depois. Os pais percebem que alguma coisa começou a mudar, seja no comportamento, em relação às coisas da casa, porque na escola todo mundo é responsável por tudo, todo mundo faz de tudo, então eles já chegam em casa com o exercício de fazer de tudo e começar a atuar de forma diferenciada, querem mostrar que estão sendo responsáveis por sua vida, isto não é nada de extraordinário, qualquer pessoa comum sabe que precisa colaborar com os trabalhos de casa, no entanto não é comum aos hábitos deles, isso abre para eles uma perspectiva importante e logo no começo do ano que eles vão se definindo. Quando saem da escola para o trabalho, quando saem para perguntar para a comunidade, pra reunir o pessoal da comunidade, para escutar e partilhar o que estão aprendendo, eles vão se percebendo grande dentro da comunidade.	
Devanir Sampaio Siebra – Irmã Siebra	O projeto formativo da EFA se baseia numa metodologia dialogante, procura-se primeiro conhecer a realidade do/ aluno/a para depois acompanhar a sua formação. Nesse diálogo com a comunidade somos levados a intervir no processo de modo que seja possível a transformação da visão de mundo do aluno e de sua família.	
Padre Manoel Bezerra Machado- Padre Machado	O projeto formativo da escola desde o seu princípio era algo instigante e bastante desafiador, pois o que se buscava era uma escola que despertasse nos jovens o interesse para entender o seu lugar, inclusive com suas limitações, então a gente sabia que seria algo muito difícil, não só para os alunos(as) como para os profissionais que nela iriam trabalhar. Tínhamos certeza de que estes profissionais deveriam receber uma formação, mas isso era algo que aconteceria com o tempo. Então eu fui compor o quadro de professores da escola porque entendia que seria necessário estar lá dentro para ver acontecer o que tanto sonhávamos.	

**TABELA 7 - QUADRO DE ENTREVISTAS: (FUNCIONÁRIOS) (continuação)**

<b>TEMA: PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA</b>		
<b>ENTREVISTADO</b>	<b>RESPOSTA</b>	<b>OBSERVAÇÃO</b>
Taciana Araújo Cavalcante	A Pedagogia da Alternância nos dá mobilidade para conhecer a realidade do aluno e a compreender a dimensão de influência que tem os saberes comunitários na vida dos alunos. A alternância nos leva a refletir sobre o uso do tempo fora da escola, aprendemos a nos programar para orientar aos alunos sobre como realizar suas atividades no tempo comunidade. E isso é uma atividade que nos dá muito prazer, porque quando acontece o retorno dos alunos do tempo comunidade, acontece a reflexão das descobertas feitas e nesse momento é interessante ver o aluno intervindo de forma madura sobre os problemas enfrentados em seu meio. O que dá suporte as práticas pedagógicas da escola é a Pedagogia da Alternância, que elabora um modelo de ensino diferenciado.	
Idelzuíth Sousa Borges.	A Alternância consiste em alternar o tempo de estudo, há um período feito no campo escolar e um outro feito no lugar aonde vive o estudante. O mais bonito dessa pedagogia é ver a integração desses momentos de estudo, um vai complementando o outro. Eles não são feitos de forma estanque, são integrados e o aluno consegue entender isso de forma muito rápida. À medida que os alunos vão aprendendo a entender os problemas de sua comunidade, começam a compreender a necessidade de saber mais sobre as comunidades vizinhas, e aí é proposto a visita e as pesquisas em outras comunidades para que eles aprendam a refletir sobre diferentes realidades. Isso tudo feito à luz das teorias estudadas no tempo escola.	
Antonia Neta da Silva.	Eu não estudei essa pedagogia, mas sei como funciona aqui na escola. Os alunos passam um tempo na escola e outro na comunidade e nesse tempo são orientados a desenvolver projetos que possam beneficiar seus familiares e os lugares em que vivem. Ao mesmo tempo eles trazem de suas comunidades algumas experiências que enriquecem o espaço escolar.	

**TABELA 7 - QUADRO DE ENTREVISTAS: (FUNCIONÁRIOS) (continuação)**

Maria Gorete Alves de Araújo.	A Alternância traz uma proposta de integrar os estudos em dois espaços diferenciados e, ao mesmo tempo, complementares. Os estudantes ficam 15 dias na escola e 15 dias em casa, às vezes esse tempo é modificado, conforme as necessidades. Em casa o aluno/a precisa dar conta de inúmeras atividades que são propostas pela escola. Não compreendo direito os fundamentos teóricos dessa pedagogia, pois nunca a estudei com profundidade, o que sei é o que venho aprendendo aqui na escola. Mas dá para ver que isso dá ao aluno muita propriedade sobre o que ele estuda, ele não fala superficialmente do que ele vê no campo onde mora, ele/a fala sabendo contextualizar todos os seus problemas.	
Jefferson Carneiro da Silva – Padre Géu	A Pedagogia da Alternância, ao propor a vivência do aluno/a em diferentes espaços, os ajudam a crescer numa perspectiva diferente. A gente nota que a escola os toca de uma forma muito forte porque é a extensão de suas casas, assim também como eles começam a perceber em casa a extensão da escola. Nem sempre é dada toda atenção aos conteúdos da grade curricular, o mais importante é que os/as alunos/as consigam relacionar o que estão aprendendo com suas vidas. Muitos alunos/as quando chegam à escola são incapazes de abrir a boca para formular uma opinião, e com o tempo conseguem expressar-se publicamente sobre diferentes assuntos. Então, essa transformação eu acho fundamental.	
Devanir Sampaio Siebra – Irmã Siebra	Primeiro tínhamos consciência de que sabíamos pouco sobre o projeto de alternância (com o qual iríamos trabalhar), entendíamos que o melhor jeito de se aprender a fazer as coisas seria fazendo-as. E assim fizemos, estudamos o que seria alternância, convidamos a comunidade para estudarmos juntos. A gente começou a entender que a Pedagogia da Alternância é um processo pedagógico que implica em três colunas mestras: Sessão escolar, familiar e comunidade, e que sua efetivação requer uma metodologia mais dialogante. A gente começa a assumir a alternância em sua plenitude, entendemos que não acontece uma alternância só de tempo, mas também da cultura, da religião, da fé, da alimentação, de tudo que compõe a sua vida. Há um levar e trazer de conhecimento que é preciso estar atento para interagir com a diversidade de saberes que se relacionam e se completam no processo de aprendizagem. A prática pedagógica em alternância promove a integração dos saberes escolares com a comunidade.	

**TABELA 7 - QUADRO DE ENTREVISTAS: (FUNCIONÁRIOS) (continuação)**

Manoel Bezerra Machado – Padre Machado	Desenvolver um trabalho educativo em regime de alternância era para nós algo muito animador, pois entendíamos que os alunos/as, ao participarem de seu próprio processo de formação, eles contribuiriam para a formação de seus familiares. Foi mesmo o que ocorreu, a gente discutia a questão da sustentabilidade e convivência com o semiárido e essas discussões eram levadas pelos alunos/as , primeiro para suas casas , depois para sua comunidade. Então, a gente começou a entender que estávamos dando um passo para a transformação cultural que iria melhorar as formas de relacionamento com o meio.	
<b>TEMA: CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO</b>		
<b>ENTREVISTADO</b>	<b>RESPOSTA</b>	<b>OBSERVAÇÃO</b>
Taciana Araújo Cavalcante	A escola educa o aluno e este procura educar a sua família para os valores de convivência, compartilhando os saberes aprendidos na escola com toda a comunidade, e levando os saberes da família para a escola, criando a cada momento um espelho, cujo reflexo é sempre uma nova imagem que se projeta para a construção de um tempo melhor.	
Idelzuíth Sousa Borges.	Tudo que é feito e/ou estudado na escola leva em consideração o respeito por tudo o que há no semiárido. Então a gente busca, através do que é analisado nas falas dos estudantes, construir uma postura de verdadeiro respeito com a terra, a água e todos os recursos existentes no semiárido. São desenvolvidas diferentes técnicas de manejo com a terra para que se possa extrair o melhor, sem agredi-la e nem lhe esgotar as forças.	
Antonia Neta da Silva.	Conviver significa viver bem, e essas são as lições que orientam nossas ações na escola. Não é só o aluno que aprende meios de melhor viver no sertão, nós também participamos de estudo que nos orientam a cuidar bem de nosso meio, desenvolvendo técnicas de aproveitamento da água, do solo, das plantas e de tudo que há em nosso meio.	
Maria Gorete Alves de Araújo.	Ao trabalhar na perspectiva da convivência, a escola constrói um jeito muito consciente de analisar as coisas por parte dos/as alunos e dos professores/as. A gente é tocado a olhar para a natureza de maneira mais educada, cuidadosa e respeitosa. Nós sabemos que os trabalhos desenvolvidos nas unidades produtivas são voltados para este fim.	

**TABELA 7 - QUADRO DE ENTREVISTAS: (FUNCIONÁRIOS) (conclusão)**

Jefferson Carneiro da Silva – Padre Géu	<p>A convivência surge na escola de dentro para fora, não é um conceito de moda que a gente leva para os alunos introduzirem em suas falas, ao contrário, a gente primeiro mostra que é de dentro que saem as mais nobres atitudes. Começamos por trabalhar o espaço de casa, muitas pessoas do interior, por acreditar no trabalho da paróquia, conseguem um espaço de construção para os quintais produtivos, e têm vários destes jovens que acompanham estes quintais, eles vão à casa das pessoas, orientam a cuidar e a tornar estes quintais mais produtivos. A alternância contribui para o conhecimento acerca da convivência com o semiárido.</p> <p>Todos os trabalhos de pesquisa desenvolvidos na escola tratam destas pequenas práticas desenvolvidas por cada família, isso para nós é algo muito salutar, quando a gente percebe que muitos deles têm tendência natural para liderar as atividades, a gente vai mostrando que isso é saber conviver.</p>	
Devanir Sampaio Siebra – Irmã Siebra	<p>A convivência já é proposta na própria estrutura de funcionamento da escola, que prima pelo diálogo e respeito entre as pessoas. Na escola, os saberes são diferentes, não há um saber melhor que outro, há formas diferenciadas de lidar com uma mesma situação. Então isso nos ajuda a entender que, para conviver bem com o meio, primeiro se precisa aprender a conviver consigo mesmo. Então se vai discutindo com os alunos/as e seus familiares jeitos melhores de conviver no sertão. A escola trabalha nesse sentido porque compreende que é na educação que está a base da transformação do modelo de vida que degrada, para outro que constrói. A alternância é o que nos dá mobilidade para discutir os conceitos de convivência com o semiárido com os educandos.</p>	
Manoel Bezerra Machado – Padre Machado	<p>A ideia de aprender a conviver com o meio passa necessariamente pela ideia de convivência com a seca, sabemos que não há meios de acabar com esse fenômeno, mas há formas de aprender a conviver com ela. Claro que essa convivência passa pela transformação política, exige a criação de políticas públicas que contemplem essa convivência. Então a escola busca instrumentalizar os alunos/as, no sentido político do termo, para uma mobilização comunitária nesse sentido.</p>	

**TABELA 8 - QUADRO DE ENTREVISTAS: (ALUNOS/AS) (continua)**

<b>TEMA: ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DOM FRAGOSO</b>		
<b>ENTREVISTADO</b>	<b>RESPOSTA</b>	<b>OBSERVAÇÃO</b>
Alcides da Luz dos Santos	A EFA é um lugar que cuida de nossa formação em todos os momentos. Até quando íamos para casa sentíamos que estávamos sendo acompanhados. Lá não é só uma escola, lá é um ambiente constituído de regras e ensinamentos para bem viver.	Esse jovem é morador de uma comunidade indígena chamada Aldeia da Viração no município de Tamboril.
Viviane Lima Da Silva	A EFA é, hoje, um lugar que me ensinou a gostar do meio rural, me deu voz e me fez gostar de mim com o que eu tinha e com o que eu era. Tenho muito orgulho de ter feito parte de uma escola que me mostrou o que era a vida. A alternância nos permitia entender os dois espaços de aprendizagem de nossa formação: a escola e a nossa comunidade.	Moradora da comunidade de Lagoa do Norte, Nova Russas.
Hélio Félix da Silva	A EFA me conduzia a um ritmo de vida completamente diferente do que eu vivia. Aprendi que o nosso caminho é feito pelo jeito de nosso caminhar. Hoje compreendo o mundo, sei das suas desigualdades, mas sei também que posso melhorar as coisas se nelas intervir conscientemente.	Morador da comunidade de Lagoa do Norte, Nova Russas.
Gonçalo da Silva Neto	A EFA é uma escola que me fez pensar sobre o que eu queria fazer da minha vida. Lá entendi que não quero lidar com a terra, mas quero aprender a administrar os recursos nela existente, para que nunca falte. Saí da escola antes de concluir o curso porque achei que <i>tava</i> tomando espaço de outra pessoa.	Morador da comunidade de Irapuá, Nova Russas.
João dos Santos	Gosto de tudo que vivenciei na EFA, todos os momentos de aprendizagem eram de muita riqueza. À noite com os serões, nós víamos o quanto ainda havia por aprender. Então tínhamos mais vontade de perseguir os estudos para entender melhor nossa sociedade.	Morador da comunidade de Recife, Independência.
Víctor Luís Chaves	Eu era acanhado, não sabia nem me expressar, depois que cheguei na EFA entendi que minha fala era o instrumento de denúncia de minhas vontades. Aprendi a falar e a ser um defensor de meus ideais.	Morador da Comunidade de Açudinho, Tamboril

**TABELA 8 - QUADRO DE ENTREVISTAS: (ALUNOS/AS) (continuação)**

Nágila Mendes	Eu tinha uma outra ideia da EFA, quando cheguei lá, vi que eu era muito mais do que uma aluna, eu era alguém que podia colaborar com a melhoria do meu lugar.	Moradora do Riacho Verde-Tamboril
<b>TEMA: PROJETO FORMATIVO</b>		
<b>ENTREVISTADO</b>	<b>RESPOSTA</b>	<b>OBSERVAÇÃO</b>
Alcides da Luz dos Santos	Antes de entrar na EFA, só pensava em ir embora, morar com meus irmãos em São Paulo. Tinha vergonha das atividades no campo. Depois que aprendi o sentido de tudo o que há na terra, me encantei pelo trabalho no campo. No projeto profissional da escola estudei com afinco o melhor jeito de cuidar da criação ovina. Deu certo, além de me envolver nesta criação ainda consegui envolver toda a família. Quando concluí o curso em 2013, já nem lembrava mais da vontade de ir embora, apareceu a oportunidade de trabalhar com cadastro de famílias para obtenção de sementes pela EMATERCE, eu fui. Passo 15 dias em Fortaleza e tiro 04 dias de folga, meu objetivo é só ficar no interior cuidando da unidade produtiva de ovinos que dei início ainda no tempo de estudante. Essa foi a grande dádiva da formação que recebi nesta escola. O modelo em alternância me proporcionou o conhecimento da minha realidade.	
Viviane Lima da Silva	A formação que recebi na EFA é algo que me fez saber mais de mim mesma. Descobri uma força que jamais pensei possuir. Aprendi a fazer leitura de todos os acontecimentos e a tomar sempre a melhor posição. Meu pai não tem terra, meu projeto profissional desenvolvido na EFA tinha uma dimensão grande e os donos da terra em que morávamos teve medo, nos pediu de volta a casa. Viemos morar na cidade de Nova Russas, adequei o aviário no quintal da casa onde viemos morar, é pouco, mas é dele que estamos tirando condições para viver. Vou embora para o Rio de Janeiro, meu pai ficará dando continuidade ao projeto, e eu vou trabalhar e estudar veterinária. Então eu voltarei para o meu lugar. A Pedagogia da Alternância me deu mobilidade para conhecer a escola e o meu lugar.	

**TABELA 8 - QUADRO DE ENTREVISTAS: (ALUNOS/AS) (conclusão)**

Hélio Félix da Silva	Quando concluí o curso em 2012, iniciava-se um período de estiagem e eu, triste e saudoso da escola, deixei minha criação de caprino e fui para o Rio de Janeiro. Trabalhava como ajudante de garçom, e a cada dia eu percebia o quanto minha fala e minha cultura eram diminuídas naquele lugar. Vim embora porque descobri que o sentido de minha vida é trabalhar com os animais de pequeno porte. Como as chuvas <i>tão</i> demorando a chegar, <i>tô</i> trabalhando na cidade numa loja de móveis e o que ganho dá pra ajudar na alimentação das cabras, me sinto feliz agora porque me entendo melhor.	
João dos Santos	Logo que concluí os estudos fiquei sem saber direito no que ia trabalhar, queria continuar com o aviário, mas sabia que precisava de uma renda que me ajudasse a manter a unidade de produção. Comecei a trabalhar de <i>moto táxi</i> na cidade, pego das 7 às 13 horas e depois retorno para comunidade para cuidar do aviário.	
Gonçalo da Silva Neto	Matriculei-me na EFA em 2012 e fiquei um ano, e tudo o que aprendi foi que uma atividade para ser bem feita precisa que se goste do que se faz para fazê-la. Assim, eu acabei por concluir que jamais saberia fazer bem uma atividade no campo. Então, saí da escola em maio de 2013, foi uma tristeza na família, mas eu me senti bem porque fazia, naquele momento, algo conscientemente dito pelo meu coração. Concluí o Ensino Médio numa escola regular e hoje trabalho como garçom para juntar dinheiro e fazer faculdade de administração, para então ajudar minha comunidade administrando as produções de meu lugar.	
Víctor Luís Chaves	Nós aprendemos muito sobre a vida, são muito fortes os valores e princípios lá trabalhados. Aprendemos sobre o estudo e o valor que ele tem para ajudar melhorar nossa vida.	
Nágila Mendes	Minha formação na EFA não foi só uma passagem pelo Ensino Médio, foi sobretudo um mergulho nas minhas raízes, algo que favoreceu a formação de minha identidade e me fez entender que a história de nossa vida é a história que a gente faz, e eu quero fazer algo grande e bom para mim e minha comunidade.	



**TABELA 9 - QUADRO DE ENTREVISTAS: (PROFESSORA E LÍDERES COMUNITÁRIOS) (continua)**

<b>TEMA: FORMAÇÃO DE ALUNOS/AS ANTES DA FORMAÇÃO NA EFA DOM FRAGOSO.</b>	
<b>ENTREVISTADO/A</b>	<b>RESPOSTA</b>
Lúcia da Silva Damasceno.	Eu fui professora dos alunos/as que foram para a EFA durante uns três anos do Ensino Fundamental, mas já os conhecia desde crianças porque eles sempre moraram aqui na comunidade de Lagoa do Norte. Alguns que se inscreveram acabaram desistindo na semana de adaptação, foram ficando somente dois que é a Viviane e o Hélio. A Viviane era tímida demais, na escola não se conseguia fazer ela apresentar nenhum trabalho e nos encontros de organização da festa de padroeiro, ela ia, mas não se envolvia. O Hélio já era mais falador, gostava de participar das reuniões na escola e na comunidade. Não tinha muita afinidade com o trabalho no campo, quando recebíamos a visita dos sindicatos para mobilizar os jovens ele era um dos que diziam que o campo era lugar pra quem não estuda.
Jorge de Oliveira Mesquita	Eu trabalho diretamente com a formação política dos jovens do campo, por isso sempre tive um contato direto com os/as alunos/ que vão para a EFA, aliás eu incentivei a inscrição de todos eles, e muito me alegrou ver a Viviane e o Hélio de nossa comunidade indo compor esta escola. Fiquei feliz pela Viviane porque eu entendia que a escola iria ajudá-la a se posicionar perante as pessoas, a ter clareza sobre os fatos políticos que tantas vezes determinavam o destino de sua família. E o Hélio era um jovem participativo, no entanto tinha o desejo de sair de seu lugar, não via muita razão em permanecer no campo. Então eu esperava que a escola o ajudasse a pensar diferente e esse pensar influenciasse outros jovens a ter um posicionamento firme e crítico sobre sua vida.
Jacó Camelo do Nascimento.	Os jovens que conheço que fizeram parte da EFA eram completamente alheios aos movimentos do campo, participavam timidamente dos movimentos pastorais, mas ficavam restritos aos trabalhos de organização de novenas. Não queriam participar de reuniões políticas porque achavam cansativo falar de suas localidades.
<b>TEMA: FORMAÇÃO DE ALUNOS/AS DEPOIS DA FORMAÇÃO NA EFA DOM FRAGOSO.</b>	
<b>ENTREVISTADO/A</b>	<b>RESPOSTA</b>
Lúcia da Silva Damasceno.	Quando esses alunos/as começaram a estudar na EFA, houve uma transformação. No Projeto de pesquisa que eles desenvolviam já os colocavam em contato com todos da comunidade, eles perguntavam e queriam entender os problemas da comunidade. Tinham suas unidades produtivas, e delas cuidavam com zelo e atenção. Nas reuniões, sabiam falar, deixavam-nos impressionados com a segurança demonstrada em suas falas. Hoje, eles vêm visitar a comunidade e fazem reuniões para debater o que andam acontecendo no mundo e de que forma nós podemos nos posicionar para alcançar melhor forma de vida na comunidade.

**TABELA 9 - QUADRO DE ENTREVISTAS: (PROFESSORA E LÍDERES COMUNITÁRIOS) (conclusão)**

Jorge de Oliveira Mesquita	O processo de formação da EFA contribuiu muito para a criação de uma outra visão dos jovens que nela foram estudar. Eles têm consciência de classe e já sabem que, organizados, conquistarão mais benefícios para seus lugares. É impressionante a participação deles, hoje, em qualquer movimento de luta camponesa, eles entendem, hoje, que a dignidade humana é uma conquista, não é um presente, por isso querem estar por dentro de tudo o que chega a região, em termos de políticas públicas.
Jacó Camelo do Nascimento.	Eu sou secretário da juventude, então estou sempre participando de encontros com os jovens. Nesses encontros, muitas vezes, estão presentes os jovens da EFA, e o que se observa é um amadurecimento político muito grande nesses jovens. Eles puxam a responsabilidade para as famílias sobre a mudança que se busca para si e para o lugar. Eles colocam que todas as pessoas tem condição de mudar os rumos de sua vida. Eles ganham liberdade na fala nos momentos de reunião e conseguem um diálogo mais esclarecido com os jovens. Eu digo que a EFA é um lugar de formação de pessoas críticas.

## ANEXO A

### CURRÍCULO INSTITUCIONAL DA EFA DOM FRAGOSO



**ASSOCIAÇÃO ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE INDEPENDÊNCIA - AEFAI**  
 CNPJ: 04.862.598/0001-89  
 Comunidade Santa Cruz  
 CEP: 63.640-000 – Independência – Ceará  
 Fone (88) 9702-6677 Fax: (88) 3675 1105 (Secretaria Paroquial)  
 E-mail: [efadomfragoso@yahoo.com.br](mailto:efadomfragoso@yahoo.com.br)

## CURRÍCULO INSTITUCIONAL

Independência – Ceará, 2015.

### I - IDENTIFICAÇÃO DA ENTIDADE

- ✓ Nome: **ASSOCIAÇÃO ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE INDEPENDÊNCIA**
- ✓ CNPJ: 04.862.598/0001-89
- ✓ Data de fundação: 12.11.2001
- ✓ Endereço: Comunidade Santa Cruz – Zona Rural  
CEP: 63.640-000 – Independência – Ceará
- ✓ E-mail: [efadomfragoso@yahoo.com.br](mailto:efadomfragoso@yahoo.com.br)
- ✓ Fone: (88) 9702-6677 Fax: (88) 3675-1105 (Secretaria Paroquial)

### II - A ASSOCIAÇÃO ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE INDEPENDÊNCIA

A AEFAI – Associação Escola Família Agrícola de Independência, mantenedora da Escola Família Agrícola Dom Fragoso foi constituída em 12 de novembro de 2001. Está situada na comunidade Santa Cruz, município de Independência, região Centro-Oeste do Estado do Ceará, no semiárido brasileiro. É uma entidade civil, sem fins lucrativos e educativa, criada por agricultores, agricultoras e agentes de promoção humana. É composta por famílias das comunidades, pais e mães de educandos e ex-educandos, educandos e ex-educandos, bem como outras pessoas ou entidades afins.

A Escola Família Agrícola Dom Fragoso teve seu funcionamento iniciado em 2002, com 25 alunos/as numa turma de 5ª série do Ensino Fundamental. Ela nasceu do sonho dos trabalhadores e trabalhadoras rurais da região Inhamuns - Crateús - alimentado desde a fundação da Diocese de Crateús através da educação sindical e da luta pela terra e pela vida - de proporcionar aos seus filhos e filhas uma educação para a convivência com o semiárido, permitindo a sua permanência na terra. Neste sentido, congregam-se as motivações da conquista da terra, as lutas sindicais e os ideais de construção de um processo de uso responsável do meio ambiente, sobretudo, considerando as características da nossa região e efetiva-se uma inserção destas aos princípios e exigências curriculares legais para compor um conjunto estruturado de ações pedagógicas e práticas que dêem conta de

responder às problemáticas específicas das famílias e das comunidades envolvidas pertencentes aos municípios que integram o Território Inhamuns/Crateús.

Seu objetivo é formar jovens do campo, estimulando a convivência com o semiárido, através de práticas apropriadas, contribuindo para o desenvolvimento sustentável do meio rural e integrando famílias e comunidades. Para isso busca juntar a sabedoria prática com a teórica, possibilitando aos/as jovens rurais condições interdisciplinares indispensáveis ao seu protagonismo em uma sociedade em transformação.

Esse modelo é definido a partir da proposta pedagógica que a escola assume, a “Pedagogia da Alternância” que consiste em um período mensal na escola, onde os educandos/as estudam, rezam, cuidam da casa e dos processos produtivos, praticam esportes e crescem na convivência fraterna. Em outro período mensal eles/as ficam com a família e com a comunidade, onde desenvolvem o plano de estudo, pesquisam, levantam os problemas e põem em prática as descobertas que vão fazendo. Neste período os monitores e monitoras os visitam e fazem, junto com as famílias e comunidade, o acompanhamento pedagógico personalizado.

A Escola Família Agrícola – EFA Dom Fragoso conta atualmente com a seguinte equipe de monitores/as: Idelzuith, Rosberg, Eliézio, Eliane, Israel, Diassis, Esmael, Gustavo e com os professores/as: André, Roginaldo, Islândia e Cineide. Além de Ana Mirta, que responde voluntariamente pela direção, Maria Gorete e Menezes que respondem respectivamente de forma voluntária pela Coordenação Pedagógica e Secretaria, Irmã Siebra na assessoria pedagógica, Pe. Machado na assessoria de campo/administrativo e Pe. Géu, na assessoria geral.

Além das aulas das disciplinas do currículo oficial da Base Nacional Comum ministram as disciplinas: Agricultura, Zootecnia, Construções e Instalações Rurais, Economia e Administração Rural, Planejamento e Projetos, Agroindústria Familiar e Projeto de Vida da Família Camponesa. Desenvolvem atividades práticas de visitação às famílias e comunidades, oficinas, encontros e trabalham com os (as) educandos(as) nos processos produtivos que também servem como laboratório para as aulas e demonstração das experiências para visitas, que são eles: Pocilga, Aviário, Pomar, Horta Tradicional, Horta Medicinal, Minhocário, Apiário e Casa do Mel, Ovinocaprinocultura, Bovinocultura, Agrofloresta, Agrossilvopastoril, Viveiro de Mudas, Banco de Proteínas, Brejo, Capineira, Biodigestor, Forno rabo-quente, Mandala, Padaria e Casa de Sementes.

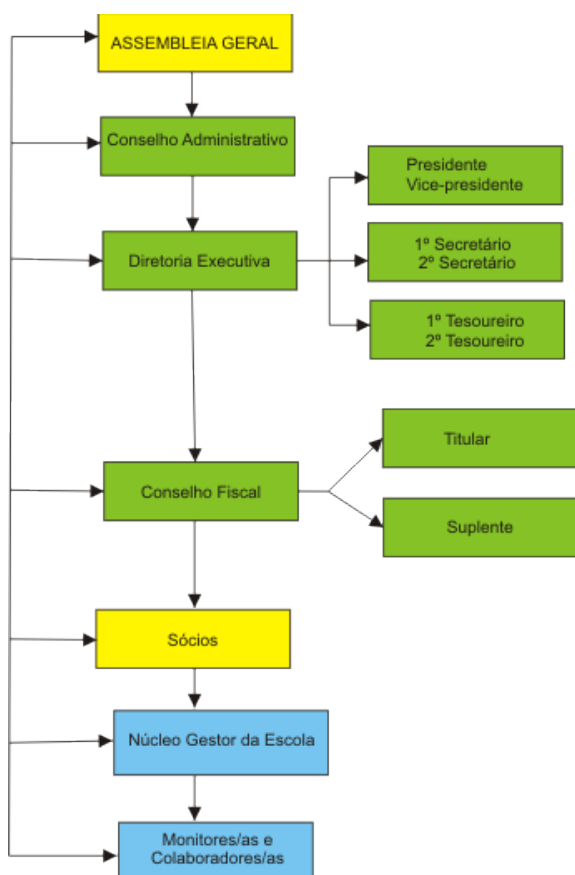
### **ÁREA DE ATUAÇÃO GEOGRÁFICA**

A EFA Dom Fragoso atua com público prioritariamente do Território Inhamuns-Crateús. No entanto, atualmente, atende a 74 jovens camponeses(as), vindos(as) de 17 municípios: Independência, Tamboril, Monsenhor Tabosa, Crateús, Santa Quitéria, Quiterianópolis, Parambu, Nova Russas, Tauá, Pedra Branca, Ipueiras, Madalena, Canindé, Aracoíaba, Ocara, Chorozinho, Quixeramobim (dos Territórios Inhamuns/Crateús, Sertão Central, Sertão Canindé, Baturité e de um município da Região Metropolitana de Fortaleza).

Além das famílias desses(as) jovens, também são contempladas em torno de 450 famílias com as atividades de Pesquisa, Devolução e Atividade de Retorno do Plano de Estudo, ferramenta fundamental da Pedagogia da Alternância que proporciona a verdadeira integração entre Escola-Família-Comunidade e embasa a contextualização das aulas.

### **III - ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA ASSOCIAÇÃO ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE INDEPENDÊNCIA**

A ASSOCIAÇÃO ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE INDEPENDÊNCIA – AEFAI apresenta a seguinte estrutura organizacional, contando com os sujeitos aqui especificados:



### MISSÃO DA EFA DOM FRAGOSO

Promover uma formação contextualizada e integral de jovens agricultores/as camponeses/as, buscando desenvolver o protagonismo juvenil e tecnologias apropriadas para a convivência com o semiárido do território Inhamuns-Crateús, na perspectiva do bem viver no sertão cearense.

## IV - PROJETOS IMPLEMENTADOS OU EM IMPLEMENTAÇÃO

Desde a sua criação, até os dias atuais, a AEFAI, entidade mantedora da EFA Dom Fragoso, implementou os seguintes projetos:

- ✓ **Assistência Técnica e Extensão Rural - ATER.**
  - **Municípios:** Crateús, Independência, Monsenhor Tabosa, Nova Russas, Parambu, Quiterianópolis, Santa Quitéria, Tamboril, Tauá, Pedra Branca, Quixeramobim e Choró Limão.
  - **Período:** Janeiro de 2006/ Dezembro de 2009.
  - **Ação:** Assistência Técnica junto às famílias e comunidades acompanhadas pela EFA Dom Fragoso.
  - **Público:** agricultores/as familiares, assentados/as de reforma agrária e jovens agricultores.
  - **Entidades Parceiras:** MDA, UNEFAB, ARCAFAR – Maranhão e EFA Dom Fragoso.
- ✓ **Projeto COMPRA ANTECIPADA ESPECIAL DA REFORMA AGRÁRIA**
  - **Município:** Independência.
  - **Período:** Fevereiro de 2007/ Dezembro de 2009
  - **Ação:** Aquisição de produtos alimentícios da Agricultura Familiar para oferta da merenda escolar na EFA Dom Fragoso.

- **Público:** Jovens estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio profissionalizante com habilitação em Técnico Agropecuária.
  - **Entidades Parceiras:** CONAB, EFA Dom Fragoso e Assentamento Novo Juazeiro.
- ✓ **Projeto CANADÁ.**
- **Município:** Independência.
  - **Período:** Janeiro de 2008/ Dezembro de 2010.
  - **Ação:** Apoio aos jovens bolsistas do Ensino Médio Profissionalizante.
  - **Público:** jovens camponeses cursistas do Ensino Médio profissionalizante, com habilitação em Técnico Agropecuária.
  - **Entidades Parceiras:** NAHUEL LIMITED e EFA Dom Fragoso.
- ✓ **PROJETO DE APOIO À ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DOM FRAGOSO – FORTALECENDO A EDUCAÇÃO PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO.**
- **Município:** Independência.
  - **Período:** março de 2010/dezembro de 2013.
  - **Ação:** Acompanhamento Pedagógico da EFA Dom Fragoso aos educandos; Monitoramento e utilização dos espaços referenciais para as aulas práticas – Unidades Produtivas da EFA Dom Fragoso.
  - **Público:** Jovens estudantes do Ensino Médio profissionalizante, com habilitação em Técnico Agropecuária e famílias agricultoras acompanhadas pela EFA Dom Fragoso.
  - **Entidades Parceiras:** EFA Dom Fragoso e Projeto Dom Helder Câmara.
- ✓ **Projeto Convivendo, Aprendendo e Semeando – Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais na Agricultura do Estado do Ceará - FETRAECE.**
- **Município:** Independência.
  - **Período:** março de 2010/dezembro de 2013.
  - **Ação:** Apoio aos jovens bolsistas do Ensino Médio Profissionalizante.
  - **Público:** jovens camponeses cursistas do Ensino Médio profissionalizante com habilitação em Técnico Agropecuária.
  - **Entidades Parceiras:** FETRAECE e EFA Dom Fragoso.
- ✓ **Projeto COMPRA ANTECIPADA ESPECIAL DA REFORMA AGRÁRIA**
- **Município:** Independência.
  - **Período:** 2009/2013.
  - **Ação:** Aquisição de produtos alimentícios da Agricultura Familiar para oferta da merenda escolar na EFA Dom Fragoso.
  - **Público:** Jovens estudantes do Ensino Médio profissionalizante, com habilitação em Técnico Agropecuária.
  - **Entidades Parceiras:** CONAB, EFA Dom Fragoso e Assentamento Novo Juazeiro.
- ✓ **Projeto de Beneficiamento do Mel da EFA Dom Fragoso – Província Bonzano ITÁLIA**
- **Município:** Independência.
  - **Período:** 2010/2011.

- **Ação:** Beneficiar o mel, em sachê, da EFA Dom Fragoso e das famílias, entidades, pessoas participantes do projeto.
  - **Público:** Jovens estudantes do Ensino Médio profissionalizante com habilitação em Técnico Agropecuária, famílias agricultoras e entidades participantes do projeto.
  - **Entidades Parceiras:** Província BOLZANO e EFA Dom Fragoso.
- ✓ **Convênio de Apoio e Ampliação da Escola Família Agrícola Dom Fragoso – SEDUC (Secretaria de Educação do Ceará)**
- **Município:** Independência.
  - **Período:** 2010/ 2014
  - **Ação:** Contratação de Professores, uso de equipamentos da EFA Dom Fragoso.
  - **Público:** Jovens estudantes do Ensino Médio profissionalizante com habilitação em Técnico Agropecuária.
  - **Entidades Parceiras:** SEDUC e EFA Dom Fragoso.
- ✓ **Convênio de Apoio à Escola Família Agrícola Dom Fragoso – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará - EMATERCE**
- **Município:** Independência.
  - **Período:** 2010/2014.
  - **Ação:** Contratação de Técnicos Agrícolas para atuação nas Atividades Produtivas da Escola e Visitas Técnicas às Famílias Agricultoras integrantes da EFA Dom Fragoso.
  - **Público:** Jovens estudantes do Ensino Médio profissionalizante, com habilitação em Técnico Agropecuária.
  - **Entidades Parceiras:** EMATERCE e EFA Dom Fragoso.
- ✓ **Projeto com a S.H.A.R.E para aquisição de água potável e alimentos.**
- **Município:** Independência.
  - **Período:** 2014.
  - **Ação:** Aquisição de Água Potável e alimentos para a EFA Dom Fragoso.
  - **Público:** Jovens estudantes do Ensino Médio profissionalizante, com habilitação em Técnico Agropecuária.
  - **Entidades Parceiras:** S.H.A.R.E (Canadá) e EFA Dom Fragoso.

E atualmente está implementando o projeto:

- ✓ **IRRADIANDO SABERES NO SERTÃO CEARENSE.**
- **Município:** Independência.
  - **Período:** 2014/2015.
  - **Ação:** Reforma e ampliação do refeitório e cozinha da EFA Dom Fragoso.
  - **Público:** Jovens estudantes do Ensino Médio profissionalizante, com habilitação em Técnico Agropecuária.

- **Entidades Parceiras:** FUNDAÇÃO WE WORLD O.N.L.U.S. (doravante We World, antes Intervita - Itália) e EFA Dom Frágoso.

## **VI – PARTICIPAÇÃO EM FÓRUNS**

- ✓ Fórum de Convivência com o Semiárido - Região de Independência;
- ✓ Fórum dos Assentados da Diocese de Crateús;
- ✓ Federação das Associações de Independência;
- ✓ Território da Cidadania Inhamuns/Crateús;
- ✓ RESAB – Rede de Educação do Semiárido Brasileiro – Região de Crateús;
- ✓ CPT – Comissão Pastoral da Terra;
- ✓ Cáritas Diocesana de Crateús;
- ✓ Comitê de Educação do Campo;
- ✓ Grupo de Articulação das EFAs do Ceará;
- ✓ Equipe Pedagógica dos CEFFAs do Brasil.

## **VII – ENTIDADES PARCEIRAS DA ASSOCIAÇÃO ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE INDEPENDÊNCIA**

- a) Famílias;
- b) Sindicatos dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) de Independência, Crateús, Nova Russas, Quiterianópolis, Pedra Branca, Parambu;
- c) Associações Comunitárias de Comunidades Rurais;
- d) Paróquias de Independência e Monsenhor Tabosa;
- e) Cáritas Regional Ceará;
- f) Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado do Ceará (FETRAECE);
- g) Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB);
- h) Grupo Frankrosten – Alemanha;
- i) Grupo Um Mundo - Voluntários Franciscanos da Alemanha;
- j) Kindermissionswerk – Alemanha;
- k) Instituto de Desenvolvimento da Economia Familiar (IDEF);
- l) Inhamuns Assessoria (IAS);
- m) MST (Movimento dos/as Trabalhadores/as Rurais Sem Terra);
- n) FM Comunitária de Independência;
- o) Pe. Gerardo Fabert (in memoriam) doação para a aquisição de 135 hectares para a construção da EFA e a instalação de unidades produtivas;
- p) Mutirões de pessoas das Comunidades Rurais e da cidade de Independência para a construção dos prédios iniciais da EFA;
- q) Província Italiana de Bolzano;
- r) Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (EMATER-CE);
- s) Rede de Educação do Semiárido Brasileiro (RESAB);
- t) Comissão Pastoral da Terra (CPT);
- u) Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC/CE);
- v) Cáritas Diocesana de Crateús (CDC);
- w) União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (UNEFAB);
- x) Prefeituras Municipais de Independência e Tamboril, através das Secretarias Municipais de Educação;
- y) Universidade Estadual do Ceará;



z) Embrapa Caprinos e Ovinos – Sobral/CE;

aa) S.H.A.R.E (Canadá)

bb) FUNDAÇÃO WE WORLD O.N.L.U.S. (doravante We World, antes Intervita - Itália)

Independência – Ceará, 11 de Fevereiro de 2015.

---

Antonia Doraci Gomes da Silva

Presidenta

## ANEXO B

FIGURA 1 - MATRIZ CURRICULAR DA EFA DOM FRAGOSO

ÁREAS DE CONHECIMENTO/DISCIPLINA			Carga Horária 1º ANO			Carga Horária 2º ANO			Carga Horária 3º ANO		
			SE	SF	Créditos	SE	SF	Créditos	SE	SF	Créditos
BASE NACIONAL COMUM	Linguagem, Códigos e suas Tecnologias	Língua Portuguesa	110	70	12	100	65	11	100	65	11
		Espanhol	20	10	02	20	10	02	20	10	02
		Artes Regionais	20	10	02	10	20	02	10	20	02
		Educação Física	20	10	02	20	10	02	20	10	02
	Ciências da natureza, matemática e suas Tecnologias	Matemática	100	65	11	100	65	11	100	65	11
		Física	40	20	04	40	20	04	40	20	04
		Química	40	20	04	40	20	04	40	20	04
		Biologia	50	25	05	50	25	05	50	25	05
	Ciências Humanas e suas Tecnologias	Geografia	60	30	06	60	30	06	60	30	06
		História	60	30	06	60	30	06	60	30	06
		Filosofia	20	10	02	30	15	03	30	15	03
		Sociologia	20	10	02	30	15	03	30	15	03
	<b>TOTAL DA BASE NACIONAL COMUM</b>			<b>560</b>	<b>310</b>	<b>58</b>	<b>560</b>	<b>325</b>	<b>59</b>	<b>560</b>	<b>325</b>
PARTE DIVERSIFICADA		Inglês	10	05	01	10	05	01	10	05	01
		Informática Aplicada	10	05	01	10	05	01	10	05	01
		Projeto Profissional do Jovem	-	-	-	-	-	-	10	20	02
<b>TOTAL DA PARTE DIVERSIFICADA</b>			<b>20</b>	<b>10</b>	<b>02</b>	<b>20</b>	<b>10</b>	<b>02</b>	<b>30</b>	<b>30</b>	<b>04</b>
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL	Disciplinas do Curso Técnico Agropecuária	Agricultura	90	60	10	90	60	10	90	60	10
		Zootecnia	70	35	07	70	35	07	80	55	09
		Construções e Instalações Rurais	30	15	03	30	15	03	30	15	03
		Economia e Administração Rural	-	-	-	10	20	02	20	25	03
		Planejamento e Projetos	10	20	02	10	20	02	-	-	-
		Agroindústria Familiar	30	15	03	30	15	03	30	15	03
<b>TOTAL DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL</b>			<b>230</b>	<b>145</b>	<b>25</b>	<b>240</b>	<b>165</b>	<b>27</b>	<b>250</b>	<b>170</b>	<b>28</b>
<b>ESTÁGIO</b>			<b>50</b>	<b>100</b>	<b>10</b>	<b>50</b>	<b>100</b>	<b>10</b>	<b>50</b>	<b>100</b>	<b>10</b>
<b>TOTAL PARCIAL</b>			<b>860</b>	<b>565</b>	<b>95</b>	<b>870</b>	<b>600</b>	<b>98</b>	<b>890</b>	<b>625</b>	<b>101</b>
<b>TOTAL GERAL DO CURSO</b>			<b>1.425</b>	<b>95</b>	<b>95</b>	<b>1.470</b>	<b>98</b>	<b>98</b>	<b>1.515</b>	<b>101</b>	<b>101</b>



## Escola Família Agrícola Dom Fragoso

### OBSEVAÇÕES SOBRE O CURRÍCULO

1. Siglas: SE = Sessão Escolar      SF = Sessão Familiar e Socioprofissional  
TE = Tempo Escola      TF = Tempo Família
2. Créditos: Cada Crédito tem o valor de 15 horas.
3. Os créditos são distribuídos para o TE e o TF.
4. A Alternância no meio familiar e Socioprofissional será contada como dia letivo. Esta matriz Curricular está em conformidade com **Resolução CNE/ CEB de Número 01, de 03 de abril de 2002 (Diretrizes Operacionais Para a Educação Básica nas Escolas do Campo)** e com o **Parecer CNE/ CEB 1/2006, Homologado pelo Ministério da Educação em D. O. da União em 15/03/2006** – onde os Tempos relativos à sessão Familiar/Socioprofissional é computada como tempo letivo.
5. Os conteúdos referentes a História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo currículo escolar, em especial, em Arte Regional, Língua Portuguesa, Geografia e História em atendimento à Lei n.º 10 639, D. O. U., de 10/01/03.
6. A Agricultura, Zootecnia e Agroindústria Familiar serão trabalhadas, repartindo 50% do tempo para teoria e 50% para práticas em campo, conforme definição da EFA Dom Fragoso.
7. Carga horária total do curso: 4.410 horas, sendo 2.640 para a Base Nacional Comum, 120 para Parte Diversificada 1.200 para a Educação Profissional e 450 para Estágio Supervisionado.

## ANEXO C

FIGURA 2 - INFORMATIVO MENSAL DA EFA DOM FRAGOSO



## Construindo o Bem Viver

Informativo da Escola Família Agrícola Dom Fragoso – Independência-CE  
Ano 4 - Nº 33 - Março de 2015

### EU VIM PARA SERVIR! E VOCÊ?

A cada ano, como preparação para a festa da Páscoa, é realizada, no Brasil, uma CAMPANHA DA FRATERNIDADE, que provoca a Comunidade Cristã a se comprometer seriamente com o resgate da dignidade da vida.

Neste ano (2015), o tema dessa campanha é EU VIM PARA SERVIR. Afirmação do próprio Jesus para estimular a quem o segue a:

- Ser contrário a todo esquema de exploração da outra pessoa;
- Não ser conivente com as investidas da maldade humana, mesmo quando esta possa trazer-nos algum ganho;
- Conter-se diante das chances de exercer qualquer função de poder, colocando-se acima de quem quer que seja.

É o exemplo de Jesus que nos move aqui na EFA, quando tentamos garantir uma educação que:

- Ilumine a consciência;
- Reconda o coração à fonte do Amor;
- Estimule a valorização da força da irmandade sempre solidária;
- Considere o sertão como o lugar de nossa felicidade.

Os últimos dias deste mês de março, serão os primeiros da Semana Santa. Dias em que o mundo cristão se volta para o modelo do servo Jesus. Dias esperados e vividos com forte e pulsante desejo de que a chuva renove a vida em nosso chão. A água, servidora da vida do mundo, se dá como Jesus, de forma intensa e completa.

Que tal entrarmos nessa, também?

Para construir o bem viver, Jesus veio para servir. E você?

*Pe. Gêu*



*Foto: maridneu borbidona EFA.*

### 13 ANOS DE CAMINHADA

*Foto: Leomir na EFA.*



*Foto: Israel e Luana na EFA. (foto Ivo Sousa)*



*Foto: Israel e Luana na EFA.*



*Foto: Vitoria na EFA.*



É em ritmo de cordel,  
Uma cultura popular  
Inspirado em São José  
Padroeiro do Ceará  
Que um pouco da nossa história  
Agora venho contar.

Pedagogia da Alternância,  
Educação contextualizada,  
Família, Comunidade  
E Escola de mãos dadas  
Na busca do Bem Viver  
Em 13 anos de caminhada.

É da EFA Dom Fragoso  
Que eu venho falar  
Escola diferenciada  
No Estado do Ceará  
Pela Pedagogia que prega  
E seu método de educar.

Surgiu por intermédio  
De um povo lutador  
Onde o homem e a mulher  
Conquistaram seu valor  
Liberutando-se das mãos  
De um regime opressor.

O seu referencial  
É a Pedagogia da Alternância  
E a nossa realidade  
É a grande relevância  
Troca de conhecimentos  
Adquirimos em abundância.

Hoje ela comemora  
13 anos de existência  
No dia de São José  
Santo das Chuvas pela crença  
Continuamos na luta  
Com muita fé e persistência.

Leomir Lopes - 2º Ano/2015



*Foto e Arte: Ivo Sousa.*

## CONVIVENDO COM O SEMIÁRIDO

### Na EFA Dom Fragoso



Foto: Capadinas, ovelhas e asilos praticadas de fenação na EFA Dom Fragoso.

A Região Nordeste concentra o maior rebanho de caprinos e ovinos do Brasil, mas a falta de um planejamento que garanta sua segurança alimentar nos períodos mais secos do ano se torna um grande gargalo nas propriedades rurais. Refletindo, então, em animais com baixas taxas de produção, baixa capacidade reprodutiva, áreas pequenas com muitos animais, ocasionando superlotação, alto índice de aparecimento de doenças, alta taxa de aborto, entre outros problemas que limitam o potencial que essa região dispõe para a criação desses animais de médio porte.

A produção de feno se caracteriza pelo processo de desidratação da forragem, com a perda da umidade e ao mesmo tempo, com a concentração dos nutrientes presentes nas folhas das plantas. Essa prática de armazenamento de forragem é realizada desde há muitos anos antes de Cristo. Aliás, Jesus nasceu em um curral, foi colocado em uma manjedoura que estava forrada com capim seco, em forma de feno.

A Caatinga tem um grande potencial forrageiro: sabiá, aroeira, mata-pasto, malva-branca, catingueira, maniçoba, marmeleiro, entre outras.

Além disso, podemos cultivar muitas espécies de plantas que contribuem de maneira importante na alimentação dos animais, como por exemplo: leucena, glicíndia, feijão-guandu, palma, sorgo, jucá, favela...

Na Segunda quinzena deste mês de março, realizamos o corte da glicíndia do Banco de Proteínas da EFA Dom Fragoso para fazer feno. Conseguimos armazenar até agora 56 sacos (550 Kg) de feno. Pretendemos chegar a uma produção de 85 a 90 sacos deste feno.

O processo de fenação começa com o corte dos ramos que estão em uma altura de 60 a 80 centímetros, aproveitando os galhos quando ainda não estão lenhosos. Em seguida, passa na trituradora, depois coloca para secar, em cima de lonas ou lugares encimentados.

O material fenado deve ser mexido a cada duas horas e ficará sob a luz do sol por mais ou menos dois dias e meio. Quando estiver sem umidade e nem muito seco, estará no ponto de armazenar em sacos que serão colocados em locais arejados e forrados.

Devemos aproveitar esse momento de disponibilidade de forragem para guardar alimentos para nossos rebanhos, uma vez que a ração está muito cara.

Podemos e devemos realizar essa antiga prática de guardar alimentos para os animais, pois, assim, estaremos praticando o bem viver em nosso semiárido.

*Israel Matias*



### Na Comunidade

A Cáritas Diocesana de Cratús criou, na Escola da Comunidade onde moro, um Projeto de Ecociclo (1 horta, 1 viveiro de mudas e 1 casa de sementes).

A Horta é toda feita com garrafas pet, desde os canteiros ao coroamento de plantas maiores. A Casa de Sementes ocupa o espaço inferior da caixa d'água

e o Viveiro de Mudas ainda está em fase de instalação.

Isso favorece a formação das crianças para a convivência com o semiárido e, a mim, a oportunidade de exercitar o que aprendo na EFA, pois desempenho a função de técnica, responsável pelo acompanhamento, o que me ajuda a aperfeiçoar minha aprendizagem.

*Tainara Lima (Educativa da Turma do 3º Ano na EFA Dom Fragoso)  
Residente na Comunidade de Chupador - Tamboril*

## IRRADIANDO SABERES

Percebemos a educandos(as) das Turmas do 2º e 3º Ano da EFA Dom Frágoso: **COMO, ONDE VOCÊ MORA, SE ESTÁ CONSTRUINDO O BEM VIVER?** E estes e estas jovens compartilham, conosco, ações concretas vivenciadas em suas comunidades.



Com a chegada das chuvas, num grande mutirão, todas as famílias realizaram um plantio em prol do desenvolvimento do Assentamento. Para ajudar Roberval, um dos nossos assentados, que não tinha como pagar diárias a outros trabalhadores, para o beneficiamento da cana, a comunidade se reuniu e assumiu com ele este trabalho, desde o corte até a destilação, o que rendeu para sua família, com a comercialização da cachaça, mais de R\$4.500,00.

Isso impulsionou o desenvolvimento do Assentamento e estimulou a solidariedade entre nós, ensinando-nos a construir o Bem Viver.

*Jade Lima - Assentamento Boa Esperança - Ipuairas*



É com muita alegria que partilho com vocês dois fatos ocorridos na minha comunidade que nos trazem força e esperança diante de tantas dificuldades: um é que com as chuvas que banharam nosso lugar, a maioria das famílias já fez seu plantio de sequeiro. Outro fato importante foi a perfuração de um poço profundo com uma vazão de 18 mil litros de água por hora, que veio suprir a necessidade de água para as atividades agropecuárias e domésticas. Para isso acontecer, a comunidade se organizou e pagou o geólogo que marcou o lugar do poço.

A bomba, conseguimos com a prefeitura e os canos foram comprados pela Associação Comunitária. São ações e iniciativas desse tipo que demonstram que a solução de alguns problemas dependem apenas do trabalho, organização e reivindicação.

*Joaquim Olavo  
Assentamento Cachoeira do Fogo - Independência*



Desde 2006, quatorze mulheres formam um grupo de produção de artesanato conhecido como MOARTI (Movimento das Artesãs de Irapuá).

Com esta organização, elas têm o controle do que produzem: bolsas, chapéus, camisas masculinas, bonecas, blusas e enfeites. E comercializam em cidades vizinhas e nas feiras.

Eis aqui uma boa contribuição para a construção do Bem Viver.

*Maria Daiana  
Comunidade Irapuá - Nova Russas*

A força da união tem sido uma das características de nossa vida. Sempre que se faz necessário, a turma se junta e leva adiante o projeto. Destaco a preparação e enchimento dos silos que, mesmo sendo individuais, foram trabalhados em mutirão. Todo mundo ajudou. Assim, também, foi a reforma do prédio da Associação e a limpeza de todas as áreas que o circundam; sem falar do grupo de apicultores, detretendo juntos a cera e colocando-a no cilindro.

Isso nos dá grande alegria, pois enquanto, em outras comunidades ou famílias, a gente ver crescer o individualismo de forma desmedida, vivemos uma experiência prática, percebendo que nem tudo está perdido e que é possível sim, construir o Bem Viver em nosso semiárido.

*Analiene Cavalcante  
Boa Esperança - Independência*



## O POUCO COM DEUS É MUITO

Neste período tão importante de reflexão e meditação para os cristãos, que nos convida a partilhar e ajudar o próximo, reforçamos o convite aos amigos e às amigas colaboradores e colaboradoras da EFA DOM FRAGOSO: Vamos continuar reforçando e ampliando a nossa CAMPANHA AMIGO(A) SOLIDÁRIO(A) DA EFA DOM FRAGOSO, que desde 2012 vem arrecadando recursos indispensáveis à manutenção deste Projeto de Educação com e para as famílias camponesas. Agradecemos, imensamente, a contribuição de diversas pessoas amigas e parceiros, que desde o início desta Escola, acreditam na seriedade de nossa metodologia e ajudam-nos na realização de uma educação mais condizente com a realidade e os anseios dos jovens e das jovens do campo. Que tal você também se tornar um amigo ou uma amiga solidária da EFA DOM FRAGOSO? Se você ainda não recebeu a carta e a ficha de inscrição para a CAMPANHA em 2015, poderá comunicar-se com a Escola pelos contatos listados no rodapé desta página. As iniciativas de tantas pessoas solidárias com esta causa, nos mostram que "O POUCO COM DEUS É MUITO".

*Esmael Portela*

## DICAS PARA O BEM VIVER

Desta vez, às vésperas da Páscoa, que é a **Festa da Libertação**, a **Festa da Vida**, vamos refletir sobre os conselhos, que nos dá o Papa Francisco:

- Saibamos sorrir, um cristão é sempre alegre.
- Cumprimentar, com alegria, essas pessoas que você vê, todos os dias e, às vezes, nem sabe o seu nome.
- Ouvir a história do outro, sem preconceito, mas, com amor.
- Saber parar, quando alguém precisa, para ajudar, nas suas necessidades.
- Incentivar quem está desanimado.
- Alegrar-se pelas qualidades ou realizações das pessoas, que estão em seu caminho.
- Ajudar as pessoas sofredas a superar os obstáculos.
- Corrigir, com amor e não calar, por medo.
- Juntar as coisas que você não usa mais, estão sobrando e dar a quem precisa.
- Escutar mais sua família e mostrar-lhe que a ama.

Algumas pessoas vão atirar pedras no seu caminho. Cabe a você usá-las para construir um muro ou uma ponte!

*Ir. Siebra*



Foto: Siebra da Onda Pequena

## Parabéns para Vocês Aniversariantes do Mês de Março!

01/03 - Sabrina (educanda)  
01/03 - Jefferson (educando)  
06/03 - Carina (educanda)  
11/03 - Elisandro (educando)  
16/03 - Kélem (educanda)  
20/03 - Gilvan (educando)  
24/03 - Alex (educando)

25/03 - Vanilson (educando)  
25/03 - Gabriela (educanda)  
26/03 - Raí (educando)  
28/03 - Daniel Santos (educando)  
30/03 - Menezes (secretária/colaboradora)  
30/03 - Marina (Conseheira da AEFAT)

**Dia 19 de março de 2015  
A EFA DOM FRAGOSO  
Celebrou 13 anos de existência.  
Louvado seja Deus por todas as  
pessoas que fazem parte dessa  
História de tantas lutas e conquistas!**



Foto: Colheita realizada na EFADom Fragoso



Facebook: [efadomfragoso@hotmail.com](https://www.facebook.com/efadomfragoso)  
Fone: (88) 9702-6677 • Email: [efadomfragoso@yahoo.com.br](mailto:efadomfragoso@yahoo.com.br)  
BLOG: <http://escolafamiliaagricoladomfragoso.blogspot.com>

**LUAR DO SERTÃO**  
Mês de Março/2015  
04 - Cheia. 12 - Ming. 18 - Nova 25 - Creso.

## ANEXO D

### Hino da Escola Família Agrícola Dom Fragoso

Um sonho de muita gente  
De uma gente do sertão  
De um povo que precisava  
De uma nova educação  
Hoje uma conquista nossa  
Do trabalhador da roça  
Buscando ser cidadão. (Bis)

Reconhecendo as origens  
Valorizando a cultura  
Respeitando e preservando  
E fazendo agricultura  
De uma forma diferente  
Mais humana e mais decente  
Prevendo a vida futura. (Bis)

Ê ESCOLA FAMÍLIA  
DOM FRAGOSO É SEU NOME  
FRUTO DA LUTA DO POVO  
QUE QUER VER UM MUNDO NOVO  
QUE NINGUÉM TENHA MAIS FOME.

Buscando sempre aprender  
Com a nossa realidade  
Respeitando as diferenças  
Entre o campo e a cidade  
Querer formar cidadãos  
Mais humanos mais irmãos  
É sua prioridade. (Bis)

Buscando alternativas  
Pra melhor conviver  
Com o nosso semi-árido  
Ter comida e ter lazer  
Ter vida com abundância  
Paz, amor e segurança  
E um novo amanhecer. (Bis)



**ANEXO E****FIGURA 3 - MAPA DO SERTÃO DOS INHAMUNS/ CEARÁ**

**ANEXO F**  
**FOTOS DA EFA DOM FRAGOSO**

**FIGURA 4 - ESPAÇO CULTURAL – EFA DOM FRAGOSO**



**FIGURA 5 - REFEITÓRIO – EFA DOM FRAGOSO**



FIGURA 6 - TRABALHO EM GRUPO – EFA DOM FRAGOSO



FIGURA 7 - ENTRADA DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DOM FRAGOSO

